

### Emerson Augusto de Medeiros

Professor Adjunto da Universidade Federal Rural do Semi-Árido, Mossoró, Rio Grande do Norte, Brasil. Doutor em Educação pela Universidade Estadual do Ceará. É coordenador do Grupo de Estudos e Pesquisas em Formação Docente (GEFOR/UFERSA) e docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Ensino (POSENSINO/UFERSA/UERN/IFRN).

### Osmar Hélio Alves Araújo

Professor Adjunto da Universidade Federal da Paraíba, Campus IV – Litoral Norte. Coordenador do Grupo de Pesquisa LACONEX@O/UFPB - Laboratório de práticas, estudos e pesquisas em formação de professores – Universidade e Escolas de Educação Básica (<http://www.ccae.ufpb.br/laconexao>), Brasil.

Nesta obra, oriunda de um esforço coletivo entre os docentes e discentes da disciplina de Didática do Ensino Superior, do Programa de Pós-Graduação em Ensino, da Universidade Federal Rural do Semi-Árido, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte e do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, atestam-se narrativas (auto) biográficas acerca do “tornar-se professor(a)”. O livro ergueu-se com base nas diferentes trajetórias e histórias de vida dos estudantes da disciplina, os quais são, em maior parte, docentes da Educação Básica e do Ensino Superior, em diferentes modalidades e níveis educativos. As experiências registradas nos servem de celeiro para conhecermos e refletirmos sobre a constituição identitária dos professores, validando contextos, práticas e espaços de formação docente no Brasil. Refere-se, assim, a uma obra imprescindível a estudantes dos cursos de licenciatura, a pós-graduandos e pesquisadores que estudam a formação de professores e a docência, bem como aos professores que exercem a docência na Educação Básica e no Ensino Superior, haja vista que se constitui como um dispositivo de (auto) formação por meio das narrativas (auto) biográficas.



Emerson Augusto de Medeiros  
Osmar Hélio Alves Araújo  
(Organizadores)

# Tornar-se Professor(a)

## ESCRITOS (AUTO) BIOGRÁFICOS



Este livro reúne, por meio de narrativas (auto) biográficas, experiências acerca do tornar-se professor(a). Destina-se a estudantes dos cursos de licenciatura, a pós-graduandos e pesquisadores que estudam a formação de professores e a docência, bem como aos professores da Educação Básica e do Ensino Superior. A obra visa, sobretudo, possibilitar novos e diferentes olhares para a formação docente, nos conduzindo a adentrar na docência, por intermédio das experiências a respeito do tornar-se professor(a).

Emerson Augusto de Medeiros  
Osmar Hélio Alves Araújo  
(Organizadores)

Tornar-se Professor(a)  
ESCRITOS (AUTO) BIOGRÁFICOS

Emerson Augusto de Medeiros  
Osmar Hélio Alves Araújo  
(Organizadores)

# Tornar-se Professor(a)

ESCRITOS (AUTO) BIOGRÁFICOS

Todos os direitos desta edição reservados à Pontes Editores Ltda.  
Proibida a reprodução total ou parcial em qualquer mídia  
sem a autorização escrita da Editora.  
Os infratores estão sujeitos às penas da lei.

---

---

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M488t Medeiros, Emerson Augusto de; Araújo, Osmar Hélio Alves (org).  
Tornar-se Professor(a) – Escritos (auto) biográficos /  
Organizadores: Emerson Augusto de Medeiros e Osmar Hélio Alves Araújo.  
1. ed. – Campinas, SP : Pontes Editores, 2023; fotografias.

Inclui bibliografia.  
ISBN: 978-65-5637-664-6.

1. Educação. 2. Formação de Professores. 3. Memórias. 4. Prática Pedagógica.  
I. Título. II. Assunto. III. Organizadores.

---

---

Bibliotecário Pedro Anizio Gomes CRB-8/8846

#### Índices para catálogo sistemático:

1. Educação. 370
2. Formação de professores – Estágios. 370.71
3. Didática - Métodos de ensino instrução e estudo– Pedagogia. 371.3
4. Biografia / Autobiografia. 920

*Copyright* © 2023 - Dos organizadores representantes dos colaboradores  
*Coordenação Editorial:* Pontes Editores  
*Editoração:* Eckel Wayne  
*Capa:* Acesa Design  
*Revisão:* Cibele Ferreira  
*Imagem da capa:* Carla Barros

CONSELHO EDITORIAL:

Angela B. Kleiman  
(Unicamp – Campinas)

Clarissa Menezes Jordão  
(UFPR – Curitiba)

Edleise Mendes  
(UFBA – Salvador)

Eliana Merlin Deganutti de Barros  
(UENP – Universidade Estadual do Norte do Paraná)

Eni Puccinelli Orlandi  
(Unicamp – Campinas)

Glaís Sales Cordeiro  
(Université de Genève - Suisse)

José Carlos Paes de Almeida Filho  
(UnB – Brasília)

Maria Luisa Ortiz Alvarez  
(UnB – Brasília)

Rogério Tilio  
(UFRJ – Rio de Janeiro)

Suzete Silva  
(UEL – Londrina)

Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva  
(UFMG – Belo Horizonte)

PONTES EDITORES

Rua Dr. Miguel Penteadó, 1038 - Jd. Chapadão  
Campinas - SP - 13070-118  
Fone 19 3252.6011  
ponteseditores@ponteseditores.com.br  
www.ponteseditores.com.br

2023 - Impresso no Brasil

## NOTAS DE AGRADECIMENTO

Ao Programa de Pós-Graduação em Ensino (POSENSINO) por oportunizar a vivência na disciplina Didática do Ensino Superior.

À Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA) por contribuir em parte do custeamento da obra.

Ao Laboratório de Práticas, Estudos e Pesquisas em Formação de Professores – Universidades e Escolas da Educação Básica (LACONEX@O) da UFPB pelo diálogo em nossos encontros da disciplina de Didática do Ensino Superior.

Ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Formação Docente (GEFOR) da UFERSA pelas vivências em momentos com parceiros/palestrantes.



## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO .....	9
POR UMA DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA “LUMINOSA” – CARTA PEDAGÓGICA.....	13
Osmar Hélio Alves Araújo Emerson Augusto de Medeiros	
TORNAR-SE PROFESSORA: UMA (AUTO) BIOGRAFIA.....	29
Maria do Socorro Nogueira de Paula	
NARRATIVA (AUTO) BIOGRÁFICA: ESCRITOS DE UMA PROFESSORA....	47
Ana Paula Bonini dos Santos	
CAMINHAR É PRECISO: TRILHAS AUTOBIOGRÁFICAS NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DOCENTE EM EDUCAÇÃO FÍSICA.....	57
Alberto Assis Magalhães	
MEMÓRIAS DE UMA PROFESSORA: TRAJETÓRIAS PESSOAIS, ACADÊMICAS E PROFISSIONAIS.....	67
Argentina Mororó Castro	
ENTRE A VIDA E A FORMAÇÃO: (AUTO) BIOGRAFIA DE UM PROFESSOR DE MATEMÁTICA .....	79
Joás Ferreira de Andrade	
NARRATIVA (AUTO) BIOGRÁFICA: HISTÓRIA DE VIDA E FORMAÇÃO DE UMA PROFESSORA.....	85
Janicleide Tavares de Carvalho	
NARRATIVAS DE VIDA – PERCURSOS FORMATIVOS DE UMA PEDAGOGA-PROFESSORA.....	91
Danielle Taumaturgo Dias Soares	

NAVEGANDO PELO “RIO” DOS SABERES RUMO AO “OCEANO” DE DESCOBERTAS: (AUTO) BIOGRAFIA DE UM EDUCADOR .....	101
Roberto Rufino Freire	
ENTRE O EU-PESSOA E O EU-PROFESSORA: NARRATIVA (AUTO) BIOGRÁFICA DE UMA PROFESSORA DE LÍNGUA INGLESA.....	121
Larissa Mirelle de Souza Paiva	
VIDA E TRAJETÓRIA: ITINERÁRIOS DA FORMAÇÃO PESSOAL E PROFISSIONAL .....	129
Míssola Arezza Bezerra da Costa Lorena	
EU, NARRADOR DE MIM – UMA NARRATIVA (AUTO) BIOGRÁFICA.....	141
Antonio Anderson Brito do Nascimento	
NARRATIVA (AUTO) BIOGRÁFICA: HISTÓRIA DE VIDA DE UM PROFESSOR .	159
Geraldo Geovani Santos da Silva	
(AUTO) BIOGRAFIA: UMA REFLEXÃO SOBRE MINHA TRAJETÓRIA NA DOCÊNCIA .....	165
Thrycia Viviane Gadelha Macena Oliveira	
NARRATIVA (AUTO) BIOGRÁFICA: REVISITANDO PERCURSOS FORMATIVOS A PARTIR DA EXPERIÊNCIA .....	175
Augusta Rafaela Filgueira Alves	
DOCÊNCIA E ARTE – À GUIA DE CONCLUSÃO .....	183
Docentes e Discentes da Disciplina Didática do Ensino Superior	
SOBRE OS(AS) AUTORES(AS).....	189



## APRESENTAÇÃO

Entre os anos de 2020 e 2021 vivemos desafios intensos na sociedade, globalmente. A pandemia causada pela Covid-19 mudou nossas práticas sociais, com ênfase em nossa prática profissional, escolar, cultural, relacional, entre outras. De forma brusca, tivemos que nos reinventar, conforme apontam nas diferentes mídias sociais e nos discursos que construímos coletivamente.

Acreditamos que a educação passou por um dos momentos mais difíceis de sua história. No Brasil, como exemplo, vivemos as dificuldades já existentes oriundas das desigualdades sociais que implicam na prática educativa em sua totalidade, adicionado também o cenário posto pela pandemia. As tecnologias, especialmente as tecnologias digitais, foram fundamentais para, minimamente, tornar a prática escolar, em particular, possível.

No entanto, os diretores escolares, os supervisores e coordenadores pedagógicos, os professores, os estudantes e demais profissionais da educação se viram em um contexto nebuloso e complexo (além dos pais e responsáveis por estudantes da maior parte da população brasileira), haja vista que, apesar de vivermos cotidianamente com as tecnologias no meio social, o modo como a introduzimos na educação no período demarcado anteriormente não foi nada fácil.

Em verdade, tivemos, como educadores e educadoras, que nos repensar nas escolas, universidades e demais instituições educativas. As salas de aula, no referido contexto, transmutadas para ambientes

virtuais, como as plataformas digitais – o Google Meet, o Zoom, entre outras, foram os espaços possíveis para desenvolver a educação.

Na Educação Superior, além dos desafios presentes no ensino, também os vivemos no âmbito da pesquisa e da extensão universitária. Nas ciências humanas, as pesquisas com seres humanos tiveram também que se readaptar. Novas técnicas de produção de dados, com o uso das tecnologias digitais, por exemplo, foram essenciais para construirmos pesquisa. Independentemente dos desafios, realizamos novos estudos e somamos à ciência. No contexto da extensão universitária, percebemos que a realidade imposta impedia-nos de estabelecer laços e relações físicas com a sociedade de maneira geral. Novamente, criamos e mostramos o potencial inventivo e adaptável da humanidade.

Apesar de todos os desafios, também destacamos que estreitamos fronteiras. Outra vez, utilizando como exemplo da extensão universitária, promovemos inúmeros eventos com pesquisadores de diferentes espaços territoriais – on-line. De alguma maneira, isso implica na formação e no crescimento das pessoas e dos estudantes.

O presente livro é um empreendimento acadêmico desenvolvido no momento complexo e desafiador que vivemos no período da pandemia causada pela Covid-19. Como professores de cursos de graduação e pós-graduação, desenvolvemos o ensino com esmero, sempre no fito de atingirmos o melhor com os nossos estudantes. Nesse interim, promovemos a docência em um período marcado por desafios.

A obra é fruto do esforço coletivo de mestrandos, professores e professoras da Educação Básica, bem como do nosso compromisso como docentes da Educação Superior. Ela foi construída na disciplina Didática do Ensino Superior do Programa de Pós-Graduação em Ensino da associação ampla entre a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), a Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA) e o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN).

Os capítulos que a compõem, com exceção do capítulo inicial, produzido por meio do gênero carta pedagógica, demarcam o tornar-se professor/a na Educação Básica e no Ensino Superior. São registros que textualizam trajetórias e sinalizam a constituição identitária docente em diferentes espaços e tempos. São escritos (auto) biográficos que autenticam a singularidade de quem os produziu com suas histórias de vida profissional e pessoal.

Esclarecemos que a disciplina de Didática do Ensino Superior foi vivida no segundo semestre acadêmico do ano de 2021, sendo ministrada (mediada) pelos professores organizadores do referido empreendimento acadêmico. Nossa intenção principal foi de aguçar o debate e produção de conhecimentos e saberes acerca da docência universitária. Entendemos que esse feito foi possível em virtude do uso das tecnologias digitais, haja vista que somos de universidades (Universidade Federal Rural do Semi-Árido e Universidade Federal da Paraíba) circunscritas em Estados (Rio Grande do Norte e Paraíba) diferentes da federação brasileira.

Os textos apresentados na sequência foram produzidos validando o modo estético e artesanal que a docência comporta, singularmente com narrativas sobre o tornar-se professor/a. Deixamos o convite para que apreciem e pensem sobre a profissão professor/a por meio de escritos (auto) biográficos.



POR UMA DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA  
“LUMINOSA” – CARTA PEDAGÓGICA

Osmar Hélio Alves Araújo  
Emerson Augusto de Medeiros

**Uma primeira saudação**

Enviamos nossas saudações com amorosa atenção e esperança. Desejamos que vocês leiam esta correspondência como uma criança, porque as crianças são livres e fazem de tudo, muitas vezes, um momento de festa. As crianças nos indicam ainda aquela zona de liberdade e disponibilidade para ser feliz que nos faz viver bem diariamente. Por isso, pelas crianças e com elas, em particular, é preciso, antes de tudo, ousar ser livre, para ser feliz.

Desde a nossa origem familiar aprendemos a cumprimentar nossos pais, avós e tantos outros parentes, pessoas queridas e □mais velhas□, pedindo-lhes votos de proteção. Assim dizíamos (dizemos): □peço-lhe a bênção□. Sob nosso olhar, trata-se de um gesto bonito e que nos faz pensar o □peço-lhe a bênção□ como uma atitude terna e solícita; como uma forma de afeto que nos torna mais humanos e também como um modo de cuidar da humanidade do outro e da nossa própria humanidade. Por isso, a vocês, em particular, abençoamos, cordialmente, e pedimos-lhes, por favor, que também nos abençoe.

Ao tempo que estamos a escrever esta carta, na Ucrânia combate-se ainda uma guerra que parece não ter fim. No restante do mundo, a pandemia da Covid-19 insiste em não passar completamente e segue ceifando milhares de vidas, causando dores e luto. Esta carta foi escrita também quando a educação pública no Brasil, no ano de 2022, se encontra à deriva de um governo que busca, de reiteradas formas, anular qualquer possibilidade de uma educação humanista, com uma série de sonhos (direitos) da população brasileira desfeitos e fortalecimento das desigualdades. Este quadro tem nos colocado diante do “pior” e o melhor que cada ser humano é capaz de ser. Por um lado, muitas vezes, diante da indiferença e de comportamentos hostis; de outro, diante do melhor do ser humano ou, por melhor dizer, em contato com a beleza do amor humano que não conhece confins! Isto nos dá esperança, e, por isso, o importante é não se fixar no pior, mas valorizar o melhor de que é capaz todo ser humano.

O cenário exposto, caros/as, juntando-se a uma sucessão de crises e conflitos em curso pelo mundo inteiro, torna ainda mais urgente a necessidade de uma educação humanista. Quanta necessidade temos ainda de uma educação mais humanizada e, por isso, de uma docência universitária “luminosa”! Mas fiquem sabendo: muitos professores pelo mundo inteiro já pensam e constroem a educação por esta perspectiva. Ou seja, vêm passando do sonho à ação. Trata-se, como registrou o prof. José Pacheco (2014, p. 93): do “gesto poético de quem aprendeu a arte de colocar o sonho em ato”. Sentimos gratidão por este ato. Numa outra carta daremos notícias sobre isso...

As agruras da humanidade, pelo mundo inteiro, parecem não ter fim. Mas isso não pode nos desencorajar na defesa da justiça e da dignidade humana, e nem tão pouco paralisar nossa esperança por um mundo mais solidário, justo e equitativo. Por isso, nunca será demasiado o convite: Sigamos sonhando juntos e, sobretudo, passando do sonho à ação. Ou, como anotou o prof. José Pacheco: “vivenciando o gesto poético de aprender a arte de colocar o sonho em ato”.

## **Sobre o porquê desta carta e algumas reflexões-provocações iniciais...**

Escrevemos esta Carta Pedagógica porque muito nos alegra dialogar com vocês. É como um momento privilegiado de encontro para o fortalecimento da esperança por um mundo melhor e por uma docência mais humanizada. Acreditamos que vocês também concordam que não é mais um hábito comum correspondência por meio de cartas. Mas a carta é um gênero textual muito interessante, carrega em sua tessitura uma sensibilidade particular.

Tal como a adoção do gênero textual escolhido, mais livre, optamos por um tom coloquial acessível a todo e a qualquer leitor. Talvez, devido à nossa origem, profissional e acadêmica, este “jeito” escolhido para falar, e narrar para si mesmo e com o outro, é uma tentativa de “estranhar” muitas práticas vistas e vividas na rotina do meio acadêmico e da sociedade de modo geral.

Já bem dizia o professor José Pacheco (2014), que há uma incoerência entre o que se produz na universidade e o que se vê na prática desenvolvida pelos egressos de seu sistema. É como se valesse aquela máxima “faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço”. Obviamente que existem as exceções, mas de todas as formas queremos crer que não é possível ensinar o outro a ser um bom professor se nós mesmos não o somos, porque, como bem aportou Nóvoa, “nós somos como ensinamos e ensinamos aquilo que somos” (NÓVOA, 2021, p. 89-90).

Como professores, vocês sabem bem que é necessário sempre existir uma coerência entre o que ensinamos e o que somos, ou corremos o risco de cair em uma docência apenas de fachada, que em nada transforma (se). Por isso, temos discutido em outras cartas, ensaios e produções acadêmicas à docência como uma prática que, ao humanizar o “outro”, nos humaniza. Ou, em outras palavras, “humanizai-vos” para, então, “humanizar” o outro, porque antes somos nós que devemos cuidar na nossa própria humanidade (humanizar-se), para ser possível humanizar o “outro” e transformar mundo ao nosso redor. E não há

nada de novidade neste argumento, claro. Mas, para não se correr o risco de cair no esquecimento, reiteramos que o professor é, antes de tudo, exemplo daquilo que pensa, e é mestre na medida em que ensina a partir desse mesmo exemplo.

Caros/as, então, por que tomamos a iniciativa de escrever esta carta? Para socializar reflexões com um propósito: convidar a todos para uma conversa ao “pé do ouvido” sobre o que estamos a chamar de algumas reflexões-provoações para uma docência universitária “luminosa”. Para isso, seguimos o seguinte caminho: primeiro, da crítica e da indignação diante do visto-vivido muitas vezes no contexto universitário; depois, a crença de que a docência universitária não pode ser sinônimo de formação (quase que exclusiva) para o mercado de trabalho, mas sim de humanização. O primeiro movimento foi pensado como justificativa para a segundo; em outras palavras: a crítica e a indignação para provocar rupturas paradigmáticas, quem sabe. Por isso, pedimos que sejam pacientes na leitura dos registros críticos aqui anotados.

### **Então, vamos à carta!**

Sabe, caros/as, para a construção desta carta tomamos como “pré-texto” a poesia de Rachel de Queiroz, intitulada: Telha de vidro. Por isso, o termo “Luminosa” empregado nesta carta guarda estreita ligação com a poesia em questão. Não se trata de uma reflexão sobre as ideias do poema, mas do exercício de tomá-lo como âncora. Por isso, parafraseamos de modo bastante livre.

Vamos à poesia de Rachel de Queiroz.

Quando a moça da cidade chegou  
veio morar na fazenda,  
na casa velha...  
Tão velha!  
Quem fez aquela casa foi o bisavô...



Deram-lhe para dormir a camarinha,  
uma alcova sem luzes, tão escura!  
    mergulhada na tristura  
de sua treva e de sua única portinha...  
    A moça não disse nada,  
mas mandou buscar na cidade  
    uma telha de vidro...  
    Queria que ficasse iluminada  
sua camarinha sem claridade...  
    Agora,  
    o quarto onde ela mora  
    é o quarto mais alegre da fazenda,  
tão claro que, ao meio dia, aparece uma  
    renda de arabesco de sol nos ladrilhos  
vermelhos, que — coitados — tão velhos  
    só hoje é que conhecem a luz do dia...  
A luz branca e fria também se mete às vezes pelo clarão  
    da telha milagrosa...  
    Ou alguma estrela audaciosa  
careteia no espelho onde a moça se penteia.  
    Que linda camarinha! Era tão feia!  
    — Você me disse um dia  
    que sua vida era toda escuridão  
cinzenta, fria, sem um luar, sem um clarão...  
    Por que você não experimenta?  
    A moça foi tão bem sucedida...  
    Ponha uma telha de vidro em sua vida!  
    (Telha de vidro | Rachel de Queiroz)

É precisamente a partir da poesia de Rachel de Queiroz que queremos compreender a docência universitária “luminosa”. Também queremos seguir nesta conversa na companhia de Paulo Freire (1996) quando registra que:

É preciso que saibamos que, sem certas qualidades ou virtudes como amorosidade, respeito aos outros, [...], humildade, gosto pela alegria, gosto pela vida, abertura ao novo, disponibilidade à mudança, [...], não é possível a prática pedagógico-progressista, que não se faz apenas com ciência e técnica. (FREIRE, 1996, p. 120, grifos nossos)

Aqui, queremos pensar o que estamos a chamar de docência universitária “luminosa” a partir de cinco A’s: Arte, Alegria, Amorosidade, Abertura e como sujeitos Aprendizes da profissão.

Vamos ao primeiro A:

### **(1) Construir o magistério com (o) Arte**

Creiam, caros/as, que “a arte e a educação são as bases da construção de uma sociedade” (PACHECO, 2014, p. 93). Por isso, afirmamos que precisamos da Arte, por meio da poesia, da música e tantas outras formas, e de coragem para promover uma educação e uma docência realmente dialógicas. Este entendimento desencadeou em nós a compreensão que professores/as iluminados/as e luminosos/as usam “[...] todas as nossas varinhas mágicas para promover a transformação do não saber em saber [...]” (ROMANOWSKI, 2021, p. 51).

Eis que formulamos o seguinte argumento para nos guiar nesta reflexão-provocação: “Construir o magistério com (o) Arte é promover o encontro [a aula], com sensibilidade poética e criatividade, para a reflexão e a ação”.

Na composição de uma pintura cada parte é essencial. Por isso, intitulamos aula como a “arte” do encontro, onde cada um também é parte fundamental de um todo. Trata-se de um espaço para:

A busca pelo novo, pelo inusitado para que o sorriso e a alegria de nossos(as) alunos(as) se expressem, tornando a aula puro deleite de entrega, é a conquista do gosto de ser

professor(a). Realizar a aula como uma obra de arte consiste em nosso desafio de docente artista, ao criar novas disposições de aprender. (ROMANOWSKI, 2021, p. 52)

Em outras palavras, trata-se de uma docência [por meio também da aula] que verdadeiramente mexe conosco, fortalece nossa humanidade, capacidade poética e criatividade. Caros/as, que nunca lhes(nos) falte aulas assim. Complementando este ponto anotamos ainda: Hoje, há tantas aulas que não são assim. Nas universidades muitas vezes também as temos, às vezes não nos faz bem.

Tantas vezes quando ouvimos colegas professores falar-nos da quantidade de anos que já exercem o magistério, por dentro, dizemos em íntima voz o seguinte: digam-nos: Tu tocas verdadeiramente a humanidade da pessoa para a qual “deu aula”? E tu olhas nos olhos dessa pessoa? Utilizamos a expressão “deu aula” entre aspas porque entendemos que se o professor “dá” aula sem tocar verdadeiramente a humanidade do outro, sem olhar nos olhos do outro, aquela aula foi apenas para ele, não para/e sobretudo com o outro. Perdoem-nos a franqueza, mas é exatamente isso que muitas vezes se faz e por razões diversas. Pensemos nisso.

Neste espaço desta carta contamos-lhes que os anos de exercício no magistério têm nos ensinado a ver e ter compaixão! Compaixão, como nos ensina Nóvoa (2021), como entrega, cuidado, dedicação, envolvimento e compromisso, pois ninguém é professor na indiferença.

Não faz sentido muitos anos de exercício no magistério sem um grande sentido de humanidade. Ou, melhor dizendo, sem entrega, cuidado, dedicação, envolvimento e compromisso. Ah, por favor, digam-nos o que pensam sobre o isto.

No que segue, anotamos: a reflexão e a ação, em termos concretos, são o horizonte da aula na medida que dão sentido à formação universitária e nunca estão desconectadas da vida em sociedade. E sobre isso acrescentamos: precisamos investir em aulas que possam dar mais sentido à formação universitária, à vida das pessoas em sociedade. Op-

tamos pela expressão “formação universitária” porque, assim como o prof. José Pacheco (2014), não sabemos da existência de ensino inferior, mas concordamos que há ensino que se diz superior.

A profa. Maria Amélia (2018) dissemina uma ideia de que gostamos muito, quando diz que a construção da aula, por mais bem planejada que seja, não acompanha um roteiro, pois lida-se com o imprevisível e com as surpresas do ‘clima do momento. E, nessa perspectiva, afirmamos que o encontro com professores (e aqui incluímos também os estudantes) que ousam construir o magistério com (a) Arte é como começar uma viagem, da qual não podemos conhecer de antemão todas as etapas, pois situações sempre novas, fatos inesperados e surpresas pedagógicas nos desafiarão. A aula ainda com esses professores é profundamente marcada pelo diálogo, pela proximidade, pela escuta e interação. Isso porque, trata-se de professores (e aqui incluímos também os estudantes iluminados e luminosos) com uma grandeza de alma, felizes e que nos oferecem o sorriso largo.

## **(2) Viver o magistério com Alegria**

Para não cair no esquecimento: registramos a necessidade de se manter o entusiasmo e viver a alegria no cotidiano da profissão. Eis talvez um primeiro traço distintivo de professores iluminados e luminosos. Isso nos faz lembrar que, há décadas, Freire (1996) já registrava sobre “a alegria necessária à atividade educativa e a esperança”. Com Freire, Rubem Alves e tantos outros educadores aprendemos a viver a alegria na profissão.

Ora, pensamos, inclusive, que se trata-se de um movimento recursivo: ensinar com alegria para também perceber que esta alegria provém de lá pra cá (do estudante para o professor), e isso nos fortalece na profissão e enriquece muito o processo educativo. Se há a indiferença que desumaniza a atividade educativa, há uma que humaniza: como já sublinhado, a alegria necessária ao ato de ensinar e aprender.

Nesse processo de ensinar e aprender com alegria, urge considerar que ideologias míopes, difundidas muitas vezes pelas políticas neoliberais, estão hoje, no Brasil e pelo mundo inteiro, a arrastar milhares de pessoas para a cultura da indiferença e da competitividade, e colocar o outro, que não partilha das mesmas ideias, como um inimigo. Se faz necessária a lucidez de que os parâmetros neoliberais de produção e de regulação provocam a precarização da formação universitária. Por isso: que o magistério traga a vocês a alegria de ensinar e aprender juntos de modo a contrastar qualquer atitude de indiferença e competitividade.

Se considerarmos o cenário aqui já exposto de guerra na Ucrânia; pandemia da Covid-19 e o quadro que vive hoje (ano de 2022) a educação pública no Brasil, certamente muitos irão nos perguntar: como manter a alegria necessária à atividade educativa e a esperança num tempo tão tenebroso? É por isso mesmo, caros/as, que estamos a insistir na necessidade de não perdermos a alegria e a leveza diante das situações que tempos sombrios impõem ao magistério. Tempos novos e melhores hão de vir, assim como para a moça tão bem-sucedida do poema de Raquel de Queiroz...

### **(3) Viver o magistério com Amorosidade**

Sabemos que há sempre a necessidade de bons professores, mas, sobretudo, alegres e encantados com e pela profissão, que toquem com sensibilidade e amorosidade, na perspectiva freireana, as fadigas que emergem muitas vezes dos campos áridos da vida acadêmica. A formação universitária é lugar onde também, pelo exemplo, aprende-se a amar o mundo e as pessoas. Bem sabemos que, na realidade dos fatos, muitas vezes não é sempre assim, por motivos e situações diversas. Cabe, aqui, o que listou Freire (1996):

O professor autoritário, o professor licenciado, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio,

burocrático, racionalista, nenhum desses passa pelos alunos sem deixar sua marca. (FREIRE, 1996, p. 66, grifos nossos)

Por isso, sentimos que as relações no contexto universitário, assim como em todos os espaços das relações humanas, por vezes, não são processos simples e que contam sempre com a presença do professor amoroso da vida e das gentes. Por outro lado, as presenças do professor autoritário, do professor licenciado, do professor incompetente, irresponsável, do professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático e racionalista parece não gerar preocupação em muita gente e; por essa razão, corre-se o risco de cair no esquecimento. Ou, como nos lembra Marina Colasanti, em seu texto intitulado “Eu sei, mas não devia”: “A gente se acostuma a coisas [tipos de profissionais demais], para não sofrer. Em doses pequenas, tentando não perceber, vai afastando uma dor aqui, um ressentimento ali, uma revolta acolá”.

Os tipos de “professores” listados no parágrafo anterior, assim como em outras profissões, estão por toda parte, quer queiramos ou não. Na verdade, estes nunca deixaram de existir, pois, com maior ou menor intensidade ou impacto, ficarão na memória da grande maioria dos alunos. Não podemos, contudo, nos acostumar para não sofrer, nem com nenhuma dor aqui, ou ressentimento ali! Devemos nos acostumar sim a sentir o nosso aluno, tornar nossos momentos em sala de aula experiência formativa que lhe acrescente para a vida profissional e pessoal. É necessário “amor” ao que fazemos, nos termos de Paulo Freire. O amor gera compromisso, afirma nossa prática docente alinhada à ética para transformar nosso aluno e a nós mesmos.

Por isso, caros/as, diríamos que professores iluminados e luminosos, nos termos de Paulo Freire, vivem o magistério com amorosidade e nos ensinam sobretudo a amar a vida e as gentes.

#### **(4) Viver o magistério com Abertura**

Um dos aspetos mais bonitos do magistério é precisamente o sentido de abertura, de circularidade e de diálogo. Antes de voltarmos ao tema do “Viver o magistério com Abertura”, gostaríamos de nos deter no que registrou, outra vez, o prof. José Pacheco (2014, p. 85): “O país do futuro submete-se a uma modernização tardia, numa sociedade da informação caracterizada pela solidão e pelo individualismo” (grifos nossos). Tudo isto diz muito. E diz em particular do desafio que é pensar a docência universitária em uma perspectiva de abertura, de circularidade e de diálogo.

Eis que López Carretero (2021, p. 15) registrou que “Vivemos em um mundo em que há ausência de vínculos ou em que eles são muito precários”. Segundo ainda a autora: “A fragilidade interior, fruto desta ausência de vínculos, de não se sentir parte de algo, se oculta em um ‘ego’ aparentemente engrandecido e onipotente. Um eu que se refugia no ter e não no ser” (p. 15). Parafraseando a autora, acrescentamos: Um eu que se refugia também, muitas vezes, em um “saber” nem sempre de interesses nobres<sup>1</sup>. Estará a autora correta na sua observação? Será este um cenário que também perpassa muitas vezes o contexto da universidade? Seria isso mesmo? Acreditamos que sim.

Na verdade, hoje, infelizmente, estamos acostumados a perceber e, muitas vezes, a nos “acostumarmos” com o quadro acima exposto. Inclusive isso nos faz lembrar mais uma vez o texto da Marina Colasanti, quando esta conclui dizendo: “A gente se acostuma para não se ralar na aspereza, para preservar a pele. Se acostuma para evitar feridas, sangramentos, para esquivar-se de faca e baioneta, para poupar o peito. A gente se acostuma para poupar a vida. Que aos poucos se gasta, e que, gasta de tanto acostumar, se perde de si mesma”.

1 Cabe aqui fazermos referência a uma lenda contada-nos por José Pacheco, em torno de um pintor grego da Antiguidade, Apeles, que viveu na Jônia, no século IV a. C. Segundo o escritor latino Plínio, Apeles costumava exibir as suas pinturas à porta do seu ateliê e se escondia para ouvir os comentários dos transeuntes. Em uma dessas ocasiões, um sapateiro comentou que havia um erro nas chinelas pintadas por Apeles. Imediatamente, o pintor recolheu a obra e corrigiu o problema. No outro dia, com a pintura novamente exposta, o sapateiro, vaidoso por Apeles ter levado em consideração seu comentário, resolveu criticar a maneira como o mesmo tinha pintado uma perna. Naquele momento, Apeles deixa seu esconderijo e afirma: “Não vá o sapateiro além das chinelas” (PACHECO, 2014, p. 65).

Caros/as, parece mais sensato então fugir do “isolamento profissional” como uma forma muito importante de fortalecer (se) (n)o magistério. Inclusive, percebemos que a recente pandemia da Covid-19 nos permitiu recuperar e valorizar algo já compreendido há bastante tempo com Freire (1996), que ninguém se educa sozinho. Pois bem. Fica então a compreensão que ser professor iluminado e luminoso exige reconhecer que o magistério, em todos os níveis e modalidades, é constituído e sustentado por um bonito tecido de relações humanas concretas que, em uma perspectiva de circularidade e de diálogo, se sustentam mutuamente. Entretanto, parece que não nos demos conta (ou optamos por ignorar) esta compreensão claramente percebida e já anotada por muitos educadores, como: ninguém forma sozinho, ninguém educa sozinho, somos formados e educados pelo diálogo, em comunhão, nos termos de Paulo Freire.

Então, reiteramos o convite-provocação sensato de fugirmos do individualismo e da pretensão de autossuficiência que impedem muitas vezes o crescimento das relações e provocam a fadiga e o adoecimento na vida universitária. Pois, cada fechamento – em si – mantém à distância muitos colegas com quem poderíamos aprender mais e mais... Não é fácil exercer o trabalho coletivo, mas não é educativo exercer a profissão docente em redomas individualistas. O diálogo ensina e humaniza. A prática dialógica na profissão docente é o primeiro caminho para fugirmos do individualismo. O diálogo aguça nosso pensar-fazer coletivo com os alunos e com nossos pares.

### **(5) Viver o magistério como sujeitos aprendizes da profissão**

Às vezes, em vez de sermos essa metamorfose ambulante e não termos aquela velha opinião formada sobre tudo, como nos diz Raul Seixas, podemos dar a impressão de sermos “os melhores” e “exibirmos” nossos diplomas de mestres ou (e) doutores. Talvez outra característica distintiva de professores/as iluminados e luminosos seja precisamente a modéstia. Sob nosso olhar, esta atitude aparece no célebre exercício



de Sócrates, a um jovem escravo sem formação matemática, contado por Gusdorf (2003):

Este, [o jovem escravo], perante algumas figuras traçadas na areia e metodicamente interrogado, define um certo número de verdades muito próximas ao teorema de Pitágoras. A habilidade do examinado é tal que, de pergunta em resposta, o jovem escravo parece tirar de seu íntimo tudo o que Sócrates lhe faz dizer. A conclusão impõe-se: nada veio de fora enriquecer aquela inteligência, que descobriu por si mesma as relações constitutivas do mundo matemático. Elas já estavam nele. Só aguardavam, para virem à consciência, a inovação do encantador. (GUSDORF, 2003, p. 5)

Da leitura do exercício de Sócrates com o jovem escravo sem formação matemática, podemos presumir que professores iluminados e luminosos exercem o magistério em “silêncio”; ou seja, sem necessariamente ocupar um espaço de visibilidade. Assim como Sócrates, que ensina seu aluno em “silêncio”, poderíamos dizer que esses professores não ocupam a cena completamente, com um protagonismo excessivo, mas colocam-se também como aprendiz ao lado do sujeito.

Às vezes, chegamos a pensar que a prática de se colocar como “aprendiz da profissão” é aquela atitude capaz de “desarmar” as relações e “despoluir” os corações da autossuficiência. Trata-se da humildade necessária para a sensatez na vida e na docência, de não buscar, consciente ou inconscientemente, aplausos e aprovação dos outros. Inclusive, quando buscamos confirmação nos aplausos e não “ouvimos”, acabamos, muitas vezes, nos tornando profissionais ásperos e rancorosos.

Ser aprendiz da profissão é se despir de certezas, do ego que habita também na academia e no nosso dia a dia. Esta prática nos ensina a exercer a coerência na profissão docente ao passo que nos tranquiliza frente aos nossos ideais inalcançáveis (mas necessários).

Por fim, perdoe-nos pela franqueza e por estas reflexões (leia-se “convite-provoações”). Como se trata também de uma carta pedagógi-

ca aberta, imaginamos que outros professores/e pesquisadores possam ler. Com certeza dissemos aquilo que certamente já sabem, mas que, porventura, outros ainda precisam saber: professores iluminados abraçam com entusiasmo, amorosidade, sensibilidade poética, criatividade e razão o magistério; como aprendizes da profissão, descobrem uma alegria que não tem comparação, e tornam-se reflexos luminosos na humanidade do outro, nas relações humanas e para a qualidade da educação. Neste cenário – de professores e estudantes iluminados e luminosos – não há “remetentes” e “destinatários”. Todos somos chamados a transformar a existência humana, em uma perspectiva de coletividade, como sempre sugeriu Paulo Freire.

### **Terminamos por aqui pensando assim:**

#### **A docência universitária pode ser isto...**

*A docência universitária pode ser, de alguma forma,  
Continuar o caminho.  
Nunca sozinho!  
Aprender com quem já conhece o caminho.  
Tornar-se companheiro de viagem para os que ainda não  
conhecem o caminho.*

*A docência universitária pode ser, de alguma forma,  
Ensinar e aprender com alegria.  
Ter e fomentar esperança em quem não a tem.  
Agir como aprendiz da profissão, e somos!*

*A docência universitária pode ser, de alguma forma,  
Abrir-se a Arte, ensinar no silêncio.  
Criar relações, multiplicar o amor ao mundo e as pessoas.  
A docência universitária pode ser, de alguma forma,  
Continuar o caminho...*

Com um abraço, desejamos uma vida e docência luminosa  
a todos/as!  
Ceará, Paraíba e Rio Grande do Norte (Brasil).

## Referências

FRANCO, M. A. S. Saber pedagógico ou relação com o saber pedagógico: reflexões conceituais. In: SHIGUNOV NETO, A.; FORTUNATO, I. Saberes Pedagógicos: perspectivas & tendências. São Paulo: Edições Hipótese, 2018, p. 49-65.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática docente. 19. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GUSDORF, G. Professores, para quê? para uma pedagogia da pedagogia: tradução M.F. 3ª ed. São Paulo, Martins fontes, 2003.

LOPEZ CARRETERO, M. A. O ofício de ensinar: algumas reflexões. In: ARAÚJO, O. H. A.; MEDEIROS, E. A. de; FORTUNATO, I. (Org.). Nossa Arte é a DOCÊNCIA. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna, 2021. p. 13-32.

ROMANOWSKI, J. P. Ser professor (a) em tempos de incertezas: um começo de conversa.... In: ARAÚJO, O. H. A.; MEDEIROS, E. A. de; FORTUNATO, I. (Org.). Nossa Arte é a DOCÊNCIA. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna, 2021. p. 49-54.



## TORNAR-SE PROFESSORA: UMA (AUTO) BIOGRAFIA

Maria do Socorro Nogueira de Paula

### **A (auto) biografia de uma professora**

Estamos em 13 de dezembro de 2021. Eu me chamo Maria do Socorro Nogueira de Paula, sou do sexo feminino, filha de Tadeu Camilo de Paula (falecido) e Felisbela Frota Nogueira de Paula, hoje, com 95 anos. Nasci no Município de Fortaleza, Estado do Ceará, no dia 05 de julho de 1966. Tenho quatro irmãos: Tarcísio, Pedro, Eugênio e Ladice. Sou divorciada e tenho uma filha, de 35 anos, que se chama Lara. Atualmente, divido meu cotidiano familiar em uma casa, no bairro Parque Araxá em Fortaleza – CE, onde moram minha mãe, um irmão, minha cunhada e um sobrinho.

Minha família paterna (avós, tias e meu pai) eram professores e alfabetizavam as crianças do município de Ubajara, no interior do Estado do Ceará. Meu pai era funcionário público do Estado e exerceu várias funções em vários municípios do Ceará. Minha mãe era costureira e acompanhava meu pai, a cada mudança, juntamente com meus dois irmãos mais velhos. Em 1957, vieram morar em Fortaleza e aqui ficaram. Minha irmã e eu já nascemos em Fortaleza.

O primeiro contato que tive com as letras se deu no próprio espaço de casa. Meu pai, um homem muito simples, porém, sabedor da importância da educação para a vida do ser humano, proporcionou-me os primeiros contatos com os conhecimentos elementares das letras a fim de que eu pudesse iniciar a vida escolar com conhecimentos mínimos.

Cheguei à escola em 1970, nessa época, eu já conhecia todas as vogais e todo o alfabeto. Lembro-me dos momentos de aprendizagem junto ao meu pai, ele me ensinava a soletrar as palavras que representavam os desenhos contidos em uma cartilha. Certa vez, para que eu soletrasse a palavra “Guar-da-chu-va”, meu pai insistia passando o dedo apontando cada sílaba da palavra, como forma de me fazer pronunciar a palavra inteira; porém, depois de algumas tentativas sem que eu entendesse qual era sua intenção, acabei levando uns “bolos” com a palmatória, que era uma prática comum naquela época. Apesar de esse momento ter ficado marcado, não guardei nenhuma mágoa de meu pai, pois outras memórias do cotidiano com ele foram mais fortes e mais significativas.

Tudo o que se referia à escola era da responsabilidade do meu pai, desde ensinar as tarefas até a compra de cadernos e material escolar. Recordo até hoje do cheirinho de material novinho que comprávamos, geralmente, em um armarinho perto do trabalho dele.

Fiz o jardim I e II (hoje, infantil VI e V) no Serviço Social do Comércio (SESC). Desse período, lembro muito do fardamento escolar: uma calça jeans e uma blusinha vermelha, com botões e um bolsinho. A guardei por muito tempo, gostava dela. Nessa época, tinha uma amiga chamada Sandra, que morava em frente à minha casa e que também estudava no SESC.

Meu irmão mais velho, na época já adulto, nos levava de carro para a escola. Na volta, minha irmã ou alguns dos irmãos da Sandra buscavam nós duas. Em uma dessas vezes, o irmão da Sandra estava passando na escola em um ônibus, deu uma paradinha, colocou a Sandra no braço e me deixou. Nesse dia fiquei apavorada, pois, muito peque-

na, julguei que ninguém iria me buscar. Lembro que fiquei chorando sozinha com o vigilante da escola.

Meu 1º grau, hoje chamado de Ensino Fundamental, fiz na Escola Joaquim Nogueira, órgão mantido pelo governo do Estado do Ceará. Lá fiquei de 1974 a 1980. Nessa época, tudo girava em torno do bairro: a casa, a escola, a igreja, o trabalho do meu pai; ele era funcionário público do estado, mas nesse período já estava aposentado e trabalhava em um escritório de um laboratório farmacêutico de nome Odalir Soares. Eu gostava de sair da escola e ir ver a produção dos medicamentos, principalmente do gosto docinho de um xarope para tosse que lá eles manipulavam.

Em 1975, aos nove anos, perdi meu pai. Lembro com muita clareza desse dia e, principalmente, do retorno para casa depois do seu sepultamento. À noite, sentada em uma cadeira de balanço com tiras vermelhas, que ficava na área em que costumávamos sentar para fazer as atividades escolares, lembro do quanto me sentia só. Eu costumava passar a minha mão pequena no sentido contrário da fibra do cabelo do meu pai (ele gostava do corte de cabelo no estilo militar), enquanto ele preparava em seus borrões atividades extras para mim e minha irmã. Toda noite meu pai fazia com que minha irmã lesse um trecho de um livro após as atividades escolares. Outra lembrança que tenho é que, sempre ao final do dia, ele praticava exercícios físicos conosco, além de nos fazer rezar um terço, pois era muito religioso. Tínhamos na sala da nossa casa um quadro emoldurado com o título de Regime Alimentar, ali continha o horário de cada alimentação e o que deveríamos comer. A presença dele era muito marcante em nossas vidas

Como na referida escola não ministravam o Ensino Fundamental ano finais, ou seja, do 6º ao 8º ano, fui transferida para a Escola de 1º grau Dr. César Cals. Permaneci nesta escola de 1981 a 1983 e foi nessa época que tomei gosto pelos estudos. Lembro-me de cada professor dessa escola, dos amigos e das atividades escolares. Nesse período, fui líder de sala em todos os anos e, no último ano, fui a vice-presidente do Centro Cívico, uma espécie de grêmio estudantil. Gostava das dis-

ciplinas que fazíamos: Práticas Integradas para o Lar (PIL) e Técnicas Comerciais e Industriais.

Em 1984, eu cursei o 1º ano do 2º grau, como era chamado o Ensino Médio à época, no Colégio Equipe; o 2º e 3º ano do 2º grau, cursei no Colégio Integral. Tenho poucas lembranças desse período, foi tudo muito rápido e poucas amizades ficaram.

O momento mais marcante desse período foi o fato de ter me casado em 1986 e ter ficado mais difícil conciliar a vida escolar com as atividades da casa. E, antes de terminar o Ensino Médio, em setembro desse mesmo ano, nasceu a minha filha. Lembro-me da dificuldade para terminar o 3º ano: fiz todas as avaliações finais em um só dia. Essa é a realidade vivida, ainda hoje, por muitas adolescentes, sendo este um dos principais motivos do abandono escolar.

Passaram-se cinco anos para que eu voltasse a pensar em estudar. Durante esse tempo, algo me inquietava e eu não me sentia bem sendo apenas dona de casa e mãe. Inquietava-me ver algumas mulheres ao meu redor trabalhando e eu em casa, limitada. Até que um dia, um amigo que estava em minha casa, perguntou-me por que eu não estudava e eu lhe disse que não sabia como fazer. Ele, então, me orientou a fazer um curso no Serviço Nacional do Comércio (SENAC). Conversei com o meu esposo sobre o assunto; ele, apesar de não concordar muito, não me impediu de fazê-lo.

Então, em agosto de 1991, comecei o curso de Recepcionista de Congressos e Eventos; em seguida, fiz de Animação Turística. No início de 1992, fiz o curso de Datilógrafo e, depois, de Guia de Turismo. Nessa época, conheci a Zenóbia, que fazia o mesmo curso e tinha uma pousada. Ela me convidou para trabalhar na recepção da pousada. Esta experiência fez toda a diferença em minha vida acadêmica. Eu tendo que administrar a minha vida familiar, os estudos e o trabalho, a cada dia que passava, encontrava mais sentido nas minhas inquietações.

Uma das atividades do curso de Guia de Turismo era fazer um passeio à noite com a turma. Fomos com os professores para um cas-



sino. Nunca esquecerei essa noite: eu saí do entorno do meu bairro e vi que tinha um mundo que eu desconhecia. Lembro que as luzes dos bares, das lojas e do cassino me encantavam. Voltei para casa muito mais inquieta.

O trabalho na pousada me levou a fazer outros cursos e entre tantos, em 1994, passei na seleção para cursar Espanhol, na Casa de Cultura Hispânica da Universidade Federal do Ceará. O convívio com os colegas da turma, em sua maioria universitários, despertou em mim a possibilidade de ingressar em uma universidade para fazer uma graduação; mas isso ainda era uma conquista muito distante em minha cabeça.

Para reforçar esse despertar, um dia eu estava na recepção da pousada e recebi uma ligação da mãe de uma hóspede, como a filha não estava ela deixou um recado: “Quando a Ada chegar, diga para ela não esquecer da audiência que ela tem na segunda-feira”. Esse recado mexeu comigo: uma moça tão jovem, já era advogada e eu ainda não tinha feito nada. Fiquei muito tempo pensando sobre isso. Comentei, depois, com a dona da pousada sobre o meu interesse em voltar a estudar e entrar em uma universidade. Ela me trouxe, então, apostilas que suas filhas usavam no cursinho e me permitiu estudar, na própria recepção da pousada, sempre que o movimento estivesse calmo. Agarrei essa oportunidade com todas as minhas forças. Depois, consegui fazer um cursinho no Colégio Positivo. Lembro-me do dia em que saiu o resultado do vestibular: um amigo ligou dizendo que meu nome estava na lista que anexaram no colégio. Saí correndo da minha casa até o local; eu precisava ver com meus próprios olhos!

Em 1997, ingressei no curso de Licenciatura em Letras pela Universidade Estadual do Ceará. Obtive então o nível superior em 2001, com habilitação em Português – Espanhol. Os anos de universidade foram os melhores da minha vida. Eu tinha muita sede para aprender. Foram anos sem formação educacional, sentia-me alienada e perdida. Queria na graduação absorver tudo que havia perdido em anos. Naquela época, eu estava divorciada e minha filha já tinha 11 anos. Tudo foi

mais fácil, mas não teria conseguido se não fosse pelo apoio da minha família e, principalmente, da minha mãe.

O contato com a Literatura, com a Língua Portuguesa e Espanhola, expandiu meus horizontes. A convivência dentro da universidade, não só em sala de aula, mas nos corredores, nos pátios, com os colegas do curso e com outros dentro do Centro de Humanidades da UECE; a experiência adquirida nos seminários e encontros acadêmicos, nos cursos de aperfeiçoamento e palestras, tudo isso enriqueceu meus conhecimentos, desenvolvendo em mim o senso crítico sob a minha condição enquanto mulher, cidadã, e como ser social. A partir dessas inúmeras ações, passei a tomar consciência do meu papel e lugar na sociedade e de tudo aquilo que me pertencia e que eu podia me apropriar.

Em 2005, ingressei no curso de Especialização em Estudos Literários e Culturais pela Universidade Federal do Ceará. A Monografia teve como título: *Afeto e Instinto na obra de Moreira Campos*. Tive a honra de ter como orientador o professor Dr. Rafael Sânzio de Azevedo. Ler toda a obra do Moreira Campos, para eleger os contos que tinham um enfoque homossexual, me deu maturidade para enxergar e saber lidar com os diferentes sujeitos com os quais convivemos em nosso cotidiano. Moreira Campos embutiu em seus personagens as desilusões, a dor, a angústia, o sofrimento, a crueldade, a paixão, os dramas sociais, as injustiças, ou seja, o cotidiano, as histórias vividas. Por meio da sua ficção, ele nos ensina a caminhar nesse mundo real. Sua linguagem é direta, curta, concisa e dinâmica.

Em 2009, fiz outra especialização em Gestão da Educação Pública pela Universidade Federal de Juiz de Fora. A monografia teve como título: *De que maneira as relações interpessoais entre gestores e comunidade escolar podem interferir positivamente no processo de ensino aprendizagem na Escola Liceu do Conjunto Ceará*. Tive como orientadora a professora Suzana Lúcia Abreu Ivo Viana. A escolha desse tema surgiu da necessidade de verificar se a prática da gestão participativa aplicada em uma escola pública, na qual ainda atuo como gestora, influenciava para a melhoria do clima escolar e, consequente-

mente, para a melhoria do processo de ensino e aprendizagem. A pesquisa voltava-se a uma gestão na qual todos os sujeitos que compõem a comunidade escolar caminham horizontalmente, as decisões são tomadas no coletivo, compartilhando responsabilidades, diminuindo o isolamento administrativo, ampliando o respeito e a interação entre os pares, melhorando o clima escolar.

A participação ativa de todos os envolvidos em uma unidade social, para a tomada de decisão conjunta, mediante processo de planejamento participativo, pelo qual a realidade é analisada pela incorporação de diferentes olhares que, ao serem levados em consideração, permitem que as decisões tomadas o sejam a partir de uma visão abrangente das perspectivas de intervenção, além de garantirem o comprometimento coletivo com a implementação do planejado. (BRITO, 2008, p. 128)

Continuar estudando é meu objetivo, mas a rotina escolar demanda atenção contínua do gestor. Precisamos sempre estar atualizados e pensar em estratégias pedagógicas para melhoria da qualidade da educação, além de acompanhar de perto a dinâmica do dia a dia.

Em março de 2020 o mundo inteiro foi atingido com a pandemia de Covid-19, e como medida de segurança sanitária tivemos que ficar em casa para evitar a contaminação pelo vírus. Não foi e nem está sendo fácil, estamos em dezembro de 2021 e as variantes do vírus ainda nos rondam e o mais doloroso foi perder amigos, parentes, vizinhos; além de também contrair a doença, junto com minha mãe que passou dias hospitalizada.

A parada brusca em nossas vidas e projetos, a comoção diária pelas perdas de milhares de vidas nos levou a muitas reflexões. Eu me senti tolhida, presa e comecei a pensar que eu tinha que produzir algo de bom para mim nesse período. A pandemia já tinha me tirado muito, precisava ocupar minha mente com outras coisas que não fossem a pandemia, eu queria produzir algo para não adoecer

a mente. Então como não podia sair de casa, pensei em buscar os mestrados ofertados. Organizei e adaptei um projeto que eu já tinha e participei de duas seleções pela UFC, não consegui obter êxito. Até que uma amiga me passou o edital do POSENSINO. Dei entrada e fui seguindo as etapas. No dia da minha entrevista, eu estava no 7º dia da doença, que contraíra de forma leve. Felizmente, e com muita alegria, consegui ser aprovada e, atualmente, sou mestranda do Programa de Pós-graduação POSENSINO, pela Universidade Estadual do Rio Grande do Norte - (UERN). O projeto que estou desenvolvendo tem como Título: *“Nunca me sonharam”*: Formação cidadã, letramento histórico digital e o uso das TDICs através da experiência do “LCC na Rede”. A ideia surgiu das minhas observações acerca dos projetos desenvolvidos dentro da escola onde atuo. Meu orientador é o professor Paulo Augusto Tamanini.

Estou à frente da gestão da EEM Liceu do Conjunto Ceará desde 2011 e acompanhando as atividades do Projeto “LCC na Rede” - projeto cujas ações se voltam ao uso produtivo das mídias digitais - percebi o potencial das tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC). Para além de auxiliar as disciplinas regulares, compreendi seu papel na reimaginação do processo de ensino-aprendizagem em suas bases mais profundas, alterando o eixo tradicional do ensino escolar e equilibrando as relações gestão-docência-discência-comunidade.

O projeto de pesquisa, que ora desenvolvo, tem por objetivo analisar os processos de formação cidadã e literacia histórica, na perspectiva transformadora no ensino de História, no âmbito da educação básica regular na rede estadual de ensino do Ceará; partindo da análise das experiências já empreendidas na escola pelo “Projeto LCC na rede”, desde 2016.

Retomando a minha história de vida, pontuo que minha primeira experiência profissional se deu na Pousada Portal de Iracema, situada na Praia de Iracema. Lá, trabalhei como recepcionista e mantive contato com pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram para que eu despertasse para a importância dos estudos como meio de crescimento

profissional e de satisfação pessoal. No referido contexto, trabalhei durante o período de abril de 1993 a dezembro de 1996.

Em 1997, entrei na universidade e logo em seguida comecei a trabalhar como estagiária na empresa de telecomunicações – Teleceará. Exerci a função de assistente de atendimento a clientes. Permaneci na empresa até final de 1999.

Concluído o estágio de dois anos na Teleceará, ingressei, em 2000, na Porto Freire Engenharia, também como estagiária e exercendo a mesma função de assistente de atendimento a clientes; permaneci na empresa até final de 2003. Além da função de atendimento a clientes, trabalhei na elaboração de relatórios dos atendimentos realizados, de instruções de trabalho e de procedimentos da qualidade; representei, legalmente, a empresa em audiências realizadas no antigo órgão de Defesa do Consumidor do Ceará (DECON - CE), localizado no Centro de Fortaleza.

Ainda em 2003, a Secretaria de Educação do Estado do Ceará lançou o edital para o concurso para provimento do cargo de professor. Nesse período, eu não tinha a perspectiva de que seria possível passar, não dei muita importância, porém, no último dia de inscrição o Elizio, meu companheiro na época, foi ao meu trabalho e me convenceu a fazer a inscrição. Foi muita correria, mas conseguimos. Chegou o dia da prova e lembro que fiz com muita atenção, mas sem nenhuma esperança em ser aprovada.

Coincidentemente, ou não, pois acredito na conspiração positiva do universo, no dia em que saí da Porto Freire, foi publicada a relação com o resultado do concurso para professor da secretaria de Educação do Estado do Ceará. Eu fui aprovada para o cargo de professora de Língua Espanhola. Novamente, a felicidade não cabia em mim.

Fiquei pouco mais de um mês sem trabalhar, mas esse período serviu para que eu descansasse e fizesse uma reflexão que me levou a decidir seguir na profissão que havia escolhido. Então, comecei a procurar trabalhar na área. A primeira escola que fui, foi a mesma escola

em que fiz meu ensino fundamental, até a 5ª série. Na época em que eu estudei lá, a escola levava outro nome, Escola Joaquim Nogueira. Fiz uma entrevista e já fui contratada como temporária. Fiquei um pouco assustada, pois era a minha primeira experiência como professora, mas segundo Freire:

Ninguém começa a ser educador numa certa terça-feira às quatro horas da tarde. Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática. (FREIRE, 1991, p. 32)

No início de 2004, comecei a ministrar aulas como temporária na Escola de Ensino Fundamental e Médio Frei Lauro Schwart, nas disciplinas de Espanhol, Português e Artes. Eram muitas turmas e o medo de errar era muito grande. Recebi os livros didáticos e fui para casa com os horários das aulas e o compromisso de elaborar os planos de aula. Lembro-me de como eu estava assustada no meu primeiro dia na escola, com a primeira turma. Com o passar dos dias, fui ficando mais confiante, fui me dedicando e descobri que gostava daquele ambiente e daquela dinâmica. Eu me enchia de orgulho das minhas turmas e da minha profissão. Depois dessa escola trabalhei em outras da mesma rede de ensino.

Até o ano de 2008, continuei como professora temporária, enquanto aguardava a convocação para minha efetivação como professora da rede pública de ensino. Pois, passados dois anos do concurso, ele fora prorrogado por mais dois. Então, somente em 2008, ingressei como professora efetiva da rede de ensino do Estado do Ceará na área de Língua Espanhola. Na ocasião, fui convidada para representar os professores do Estado do Ceará na solenidade de posse de 156 professores do concurso de 2003.

Lecionar é um ato mútuo de troca de experiências; o dia a dia com os alunos é que nos dá a bagagem do fazer profissional. As dificuldades e demandas diárias vão nos capacitando e nos aprimorando

enquanto ser profissional e social. Atraía-me a rotina diária da escola, as relações, o cotidiano dinâmico e, mesmo exercendo a função só de professora, eu já buscava situar alunos e professores em tudo que podia elevar a condição de vida deles. Informava-os sobre cursos e concursos fora da escola, como forma de fazê-los enriquecer seus currículos e estarem aptos para absorção do mercado de trabalho, quando saíssem da escola; e, principalmente, para que pudessem realizar o seu projeto de vida. Não fazia isso conscientemente, mas acredito que não queria que eles perdessem as oportunidades que eu, de alguma forma havia perdido quando estava no Ensino Médio.

Sobre experiências agradáveis na docência, aponto uma realizada por mim no Ensino Superior, em 2008, quando prestei serviço de docência, em caráter temporário, na disciplina de Estágio Supervisionado II, no curso da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA, sob a gestão do Instituto de Estudos e Pesquisa do Vale do Acaraú - IVA. O contato com os alunos que viviam no interior do Estado, observando sua luta diária para trabalhar e fazer uma graduação, reforçou meu desejo de trabalhar para despertar a consciência crítica deles. Brandão (2010), nos chama atenção sobre a importância do diálogo e da participação de todos os envolvidos nos processos de ensino-aprendizagem: “Todo aquele que ensina aprende com quem aprende. Todo aquele que aprende ensina ao que ensina. Toda educação é uma vocação do diálogo” (p. 106).

Outra satisfação que tive foi acolher o Projeto PIBID na escola, existente na escola desde 2007 até os dias atuais. O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência da Universidade Federal do Ceará (UFC) e Universidade Estadual do Ceará (UECE) proporciona uma vivência nas escolas públicas aos graduandos, com o objetivo de antecipar o vínculo entre futuros mestres e às salas de aula da rede pública. Com essa iniciativa, o PIBID faz uma articulação entre Educação Superior (por meio das licenciaturas), a escola e os sistemas estaduais e municipais de ensino. Em 2009, fiz o Curso de Formação de Tutores em Educação à Distância, pela Universidade Federal do Ceará (UFC).

A cada quatro anos, a gestão escolar precisa passar por nova eleição. Em 2009, a escola passaria por esse processo e a gestora do Liceu, na época, chamou alguns professores e orientou que fizéssemos a seleção para gestor das escolas estaduais, pois, caso ela não passasse, a escola não cairia em mãos de pessoas estranhas à comunidade escolar do Liceu.

Infelizmente ela não passou na seleção e fomos eu e um professor indicado pela comunidade escolar para concorrer à eleição, haja vista que tínhamos sido aprovados na primeira fase da seleção, que foi a avaliação escrita. Como havia discordância no nome para assumir a nova direção, decidimos fazer uma eleição interna e a comunidade ficou dividida entre mim e o outro professor. Assim, nós dois nos reunimos e eu pedi para que ele assumisse; pois, como este já havia passado por uma gestão, tinha mais experiência que eu. Como tínhamos a outra metade da comunidade escolar que havia me escolhido, combinamos compor uma chapa em que eu seria a coordenadora escolar da equipe dele. E, assim, ganhamos a eleição. No dia 01 de junho de 2009, assumi como coordenadora, ficando nesta função até o final de 2011.

Em 2010, atuei como docente no Ensino Superior, no programa Universidade Aberta do Brasil UAB/UFC, na modalidade semipresencial, na disciplina de Língua Espanhola II: compreensão e produção oral.

Em 2011, atuei como revisora linguística, na Diretoria de Educação a distância (DEAD), do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), vinculada como bolsista à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), no âmbito do Projeto de Fomentos ao uso das Tecnologias de Comunicação e Informação nos cursos de graduação, especificamente na produção de conteúdos educacionais e material didático. Nesse mesmo período, fiz uma formação continuada de revisor textual para EaD, e uma capacitação de designer instrucional, ambas pelo IFCE.

Em 2011, o diretor da escola foi indicado para exercer uma função em outro núcleo da Secretaria de Educação, então foi feita nova



pesquisa na comunidade escolar, passamos por nova eleição que me elegeu diretora do Liceu até os dias atuais. Desse modo, a gestão do Liceu do Conjunto Ceará é mantida até hoje. Primamos pela gestão democrática e participativa, na qual toda a comunidade escolar decide coletivamente o projeto político pedagógico da escola. Pois, segundo Zientarski, Sagrillo e Pereira (2013, p. 132),

[...] a partir do momento que a escola assume uma postura diferenciada, democrática e popular, ela não se torna apenas um local para atividades específicas no cumprimento de sua função social; mas também, um espaço legítimo para o debate público e igualitário sobre o que se quer da educação para a sociedade.

Visando oferecer uma melhor condição de trabalho aos gestores, a Secretaria Estadual de Educação preparou uma formação em “Liderança e Gestão Escolar”, realizada no período de 2012 a 2013.

Particpei também em 2013 do IX Seminário Regional do Observatório da Educação, promovido pela Câmara dos Deputados da Comissão de Educação, Paineis 5 - Projeto ENEM - Chego Junto, Chego Bem.

Concomitante à gestão da escola, de 2013 a 2019, exerci a função de designer educacional, na Diretoria de Educação a distância (DEAD) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), vinculada como bolsista de professor pesquisador da Universidade Aberta do Brasil (UAB), programa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Em 2016, participei da Entrevista “Projeto Luz, Câmera, Gestão - Redução da evasão escolar e recuperação dos alunos evadidos”, do Observatório de Educação, Instituto Unibanco. O trabalho de redução da evasão escolar é de grande importância, pois, na escola, em sete anos, conseguimos diminuir de maneira relevante o índice de evasão dos alunos, por meio de aproximação e acompanhamento meu e da equipe com os estudantes. Esta seção reúne um conjunto

de informações sobre os 26 estados brasileiros e o Distrito Federal com o objetivo de produzir um raio-x da educação pública brasileira no Ensino Médio. A seção “Banco de Soluções”, do Observatório de Educação, aborda os principais desafios do cotidiano da educação pública trazendo experiências relevantes de gestores, coordenadores pedagógicos, professores e estudantes, que podem servir de impulso para outras novas experiências.

A Secretaria de Educação do Estado do Ceará, no intuito de promover a melhoria da educação, sempre promoveu formação continuada para os gestores. De acordo com Lück (2009, p. 12):

Já é amplamente reconhecido que a qualidade da educação se assenta sobre a competência de seus profissionais em oferecer para seus alunos e a sociedade em geral experiências educacionais formativas e capazes de promover o desenvolvimento de conhecimentos, habilidades e atitudes necessárias ao enfrentamento dos desafios vivenciados em um mundo globalizado, tecnológico, orientado por um acervo cada vez maior e mais complexo de informações e por uma busca de qualidade em todas as áreas de atuação.

Neste sentido, entre os anos de 2017 e 2018, fiz duas formações: de 2017 a 2018 em “Atualização em Gestão Escolar”, e em 2017 em “Percurso Formativo em Gestão Escolar para resultados de aprendizagem – GepRA”, ambas pela Secretaria de Educação do Estado do Ceará (SEDUC); a primeira em parceria com o CED (Centro de Educação à Distância do estado do Ceará) e a última, em parceria com o Instituto Unibanco.

Em 2018, participei do Projeto Entre Escolas - Liceu Messejana x Conjunto Ceará. Foi um projeto de troca de experiência entre dois gestores. Uma iniciativa do Canal Futura, cuja experiência apresentada, na época, ainda hoje é veiculada na TV. Também, no ano de 2018 participei da mesa redonda “Diálogo sobre como se dá o uso pedagógico dos dados de avaliação nas escolas: potências e desafios”, no Seminário

de Avaliação Externa, colaborando com os desafios da gestão escolar e educacional, em Natal - RN.

Em 2019, compus a mesa redonda “Diálogos sobre o ser e o fazer do coordenador escolar”, no I Encontro Formativo do Programa de Formação dos Coordenadores Escolares, promovido pela SEDUC/SEFOR 3. Também me fiz presente na mesa redonda do I Encontro Formativo do Programa de Formação dos Coordenadores Escolares promovido pela SEDUC.

Em 2020, participei como convidada da Webinar: Pré Lançamento da Coleção - Educação do Ceará em Tempos de Pandemia, como parte integrante da programação do Seminário DoCentes, promovida pela Secretaria de Educação do Estado do Ceará (SEDUC), por meio da Coordenadoria de Formação Docente e Educação a Distância (CO-DED/CED).

Cito, como algumas de minhas produções mais relevantes, a publicação de um capítulo no livro Educação do Ceará em tempos de pandemia: Estratégia de Gestão, publicado pela Seduc e EdUECE, em 2021. O capítulo, escrito por mim como autora e em parceria com mais três coautores, tem como título: As contribuições do projeto LCC na rede - uma iniciativa do Liceu do Conjunto Ceará para promover o vínculo entre escola e aluno.

Também em 2021, publiquei no livro “O Ensino, o ontem e o hoje: alinhavando os fios da memória no atual fazer docente”, o capítulo que tem como título “OLHOS QUE CONDENAM: racismo, violência institucional e cidadania no Ensino de História”, publicado pela Pedro & João editores.

Em julho de 2021, apresentei o trabalho no VI Seminário Nacional do Ensino Médio e IV Encontro Nacional de Ensino e Interdisciplinaridade, da Faculdade de Educação, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), em Mossoró/RN, com o mesmo título do capítulo do último livro: OLHOS QUE CONDENAM: racismo, violência institucional e cidadania no Ensino de História.

Gostaria de concluir este relato, que tanto me emocionou por me fazer lembrar minha trajetória de vida pessoal, educacional e profissional, com um trecho de uma canção do Gonzaguinha, que sempre me tocou: Caminhos do Coração<sup>1</sup>.

[...] E aprendi que se depende sempre  
De tanta, muita, diferente gente  
Toda pessoa sempre é as marcas  
Das lições diárias de outras tantas pessoas

E é tão bonito quando a gente entende  
Que a gente é tanta gente onde quer que a gente vá  
É tão bonito quando a gente sente  
Que nunca está sozinho por mais que pense estar

É tão bonito quando a gente pisa firme  
Nessas linhas que estão nas palmas de nossas mãos  
É tão bonito quando a gente vai à vida  
Nos caminhos onde bate, bem mais forte o coração [...].

A composição acima traz em seus versos um misto de simplicidade e prazer, uma sensação de que não estamos sós nessa caminhada. Como professora, a canção me diz que aprendemos todo dia com o outro, com a troca de experiências. Ela me enche da certeza de que vale à pena batalhar pelo que se acredita, que vale à pena lutar por equidade como sinônimo de justiça social; me levando a refletir que o início da minha história não difere de tantas outras que conhecemos dentro e fora do espaço escolar, mas que os caminhos que percorri e os lugares que hoje ocupo como mulher e como ser social podem trazer alento a quem não vê possibilidade de recomeçar. Movida sou pela emoção e pelo sangue quente que corre em minhas veias, por isso, acredito no ser humano e no seu poder de transformação.

---

<sup>1</sup> Disponível em: <http://taratitaragua.blogspot.com/2021/01/gonzaguinha-busca-do-equilibrio-nos.html> Acesso em: 13 dez. 2021.

## Referências

BRANDÃO, C. Saber para si, saber com os outros. *In*: COSTA, R.; CALHÁU, S. (Org.). “...e uma **EDUCAÇÃO pro povo, tem?**”. Rio de Janeiro: Editora Caetés, 2010.

BRITO, C.; GUEDIN, E. **Ética e formação de professores**. Manaus: UEA Edições Raphaela, 2008.

FREIRE, P. **A educação na cidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

LÜCK, H. **Dimensões de gestão escolar e suas competências**. Curitiba: Editora Positivo, 2009.

ZIENTARSKI, C.; SAGRILLO, D. R.; PEREIRA, S. M. O desafio dos professores na construção de uma escola pública democrática no contexto capitalista. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v. 11, n.1, abr. 2013. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/curriculum/article/view/8166/11309>. Acesso em: 13 dez. 2021.



## NARRATIVA (AUTO) BIOGRÁFICA: ESCRITOS DE UMA PROFESSORA

Ana Paula Bonini dos Santos

### **Um início**

A oportunidade de fazer um escrito (auto) biográfico na disciplina de Didática do Ensino Superior é um momento ímpar na minha vida, quando devo relembrar fatos desde a infância onde tudo começou. Isso me trouxe uma nostalgia, um sentimento bom e um filme de toda a trajetória percorrida até o presente momento. Toda carreira profissional, por mais solitária que pareça, envolve uma rede de relações e pessoas tão especiais, que neste momento tão importante são lembradas. É sempre resultado das contribuições de muitas pessoas, professores e instituições que me deram oportunidade para que eu concluísse etapas dos meus estudos.

Assim, neste escrito (auto) biográfico será apresentada minha vida até o ensino médio, a graduação, as decisões para fazer disciplina como aluna especial, meu interesse por formação continuada, de onde vem meu interesse pela docência, o que me chama a atenção, temas que eu gostaria de estudar e seus desafios. Este trabalho tem como objetivo apresentar a Sul-mato-grossense Ana Paula Bonini dos Santos, bem-vindo às minhas memórias.

## Quem sou eu?

Neste relato que aqui se inicia, pretendo não somente enumerar os fatos, acontecimentos e produção durante minha trajetória acadêmica, mas, sobretudo, descrever os princípios que nortearam a minha inserção na vida acadêmica nos seus diferentes âmbitos – assistência, ensino e meu interesse recente pela pesquisa.

Sou natural de Dourados, região Centro-Sul do Estado do Mato Grosso do Sul (MS), município com aproximadamente 228 mil habitantes. O município é destaque na educação superior sendo considerado um polo educacional e universitário do MS, tendo como principais instituições a Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Centro Universitário da Grande Dourados (UNIGRAN), Universidade Anhanguera e Instituto Federal (IFMS). O município também oferece uma boa variedade de opções para os ensinos: fundamental, médio e técnico.

Eu fui criada por minha mãe e meus avós e desde muito pequena eles sempre me orientaram a estudar. Sempre estudei em escola pública, e por ter leve grau de Hiperatividade (Transtorno do déficit de atenção com hiperatividade), tinha certa dificuldade de concentração por longo espaço de tempo. Como na época estudos voltados para educação especial eram restritos, não se tinha informações a esse respeito que pudessem ser transmitidas aos pais e professores. Mas ainda assim, consegui tirar boas notas e me destacava em algumas disciplinas, principalmente nas áreas de ciências humanas. Com o tempo aprendi acerca das minhas limitações e consegui conviver e prosseguir com os meus estudos de forma satisfatória.

Minha mãe era doméstica e posteriormente trabalhou na indústria. Meu pai era comerciante e apesar de não termos convivido, meus avós paternos e tias sempre foram muito presentes. Meus avós, tanto paternos, quanto maternos, são meus pilares, amo de paixão, ficava muito tempo com eles, e muito das histórias que ouvia me motivam



muito a ter uma vida melhor. Para se ter uma ideia, meu avô materno dizia que o sonho dele era: “me ver formanda no ensino fundamental enquanto ele vivesse” e eu como fui a primeira neta quis dar esse orgulho. Lágrimas vem, engasgo, respiro fundo e lembro-me o quão simples e singelo eram seus objetivos.

Estudei no Ensino Fundamental na Escola Municipal Maria da Rosa Antunes da Silveira Câmara e o Ensino Médio na Escola Estadual Floriano Viegas Machado. Terminando o Ensino Médio em 2009, a frustração de não ter passado no vestibular associada à necessidade financeira, fui trabalhar e abandonei os estudos. Somente em 2012, eu me dei conta que o estudo seria a única forma de melhoria de vida e realização profissional. Essa foi minha primeira grande decisão, esbarrando novamente no tempo, e condição financeira, mas vi a oportunidade de fazer a universidade à distância com diploma reconhecido pelo MEC na UNIGRAM, e abracei esse desafio.

Ao iniciar, vi que a qualidade era excelente e, ser ou não uma boa profissional, dependia muito dos meus esforços, assim iniciei Pedagogia. Tendo isso em mente, saí em busca de estágios, consegui na Escola Erasmo Braga (tarde) e Escola Municipal Efantina de Quadros (manhã).

Nesse estágio foi onde me descobri como profissional, percebi que não adianta apenas o professor ter um belo discurso, repetindo outros autores, dando palavras de ordem, isto deve vir acompanhado de uma ação prática e concreta com afetividade e entendendo o aluno como ser individual. Isso fez eu me apaixonar pela profissão. Após a formação, senti a necessidade de uma formação continuada, após ter ministrado aulas para alunos da educação especial. Lembrei de mim e da minha dificuldade com TDAH, posteriormente, as dificuldades com meu irmão portador do mesmo transtorno, vi que era necessário estudar mais sobre isso e, de alguma forma, me especializar.

Percebi que o papel do docente, enquanto organizador e facilitador do trabalho pedagógico, não está voltado apenas para um planejamento específico, mas na inclusão de alunos com necessidades especiais,

portanto decidi fazer a Especialização em Educação Especial pela FATEC. Posteriormente, trabalhei em várias escolas municipais, estaduais e privadas.

Com a oportunidade de vir para Mossoró, tive conhecimento do Programa de Pós-Graduação em Ensino. Brotou novamente em mim o desejo de continuar os estudos e fazer um mestrado procurando aperfeiçoamento e aprendizagem. Como cheguei em março, o período seletivo havia passado e decidi ser aluna especial, tendo êxito em duas disciplinas: Didática do Ensino Superior e Ensino de Ciências, Matemática e suas Tecnologias.

**De onde vem meu interesse pela docência como campo de formação e atuação profissional, e, se for o caso, por sua temática - objeto de pesquisa, no Mestrado?**

Ao pensar na docência e no papel do professor, eu sempre os via como agentes transformadores. Alguém que faz parte da história de uma pessoa, que pode ser positivo ou negativo, dependendo da sua interferência. Alguém que pode ser referência e motiva a ser igual, ou alguém que nos cause repulsa e nos impulse a querer ser diferente. Mas em todo caso, pessoas que estão em toda fase inicial do sujeito, por isso sua importância.

Um professor que faz a diferença não é aquele que apenas transmite seus conhecimentos, é aquele que promove a reflexão fazendo com que o aluno seja protagonista do seu próprio conhecimento, mobilizando o outro a aprender, tornando a aprendizagem significativa, auxiliando em suas construções sociais, intenções e representações. Mas observando os modelos educacionais tradicionais, esse se baseia na formação de indivíduos para o mercado de trabalho, sem muita formação humanística, mas que dá retorno para aquilo que se contrata.

Eu sempre achei que a educação fosse mais que isso, e continuar os estudos e me especializar, possibilitaria novas formas de apreender, de compreender, de atuar e de resolver problemas, permitindo que eu

adquirisse maior consciência e controle das intervenções que eu faria em sala de aula.

Escolhi me especializar na educação especial por todo histórico familiar e pessoal, além da necessidade de contribuir mais efetivamente na aprendizagem desses alunos. A simples mediação do conhecimento aos alunos com necessidades educacionais especiais, sem uma metodologia capaz de contribuir na recepção das informações relatadas, descaracteriza e deslegitima o processo de ensino-aprendizagem, o que tornará o ambiente escolar desinteressante e cansativo. Com a pós-graduação eu vi a perspectiva na prática de rever ações, encontrar novas bases e descobrir novos conhecimentos. Assim, a produção do conhecimento tornaria mais crítica, criativa, competente e fundamentada em um processo técnico, criativo e crítico.

Analisando a importância da formação para a docência e para o desenvolvimento profissional docente, Paniago (2021) ressalta que a melhoria dos processos de ensino-aprendizagem nas instituições educativas, envolve o processo de formação inicial e continuada, de forma relacionada à valorização da identidade e da profissão. A busca incessante por conhecimentos, transforma a prática docente. É nisto que acredito, pois “os conteúdos são fundamentais e sem conteúdos relevantes, conteúdos significativos, a aprendizagem deixa de existir, ela transforma-se num arremedo, ela transforma-se numa farsa” (SAVIANI, 2009, p. 45), sendo a pós-graduação fundamental nesse processo. Além disso, a formação de professores não é um fator isolado, como relatam Plácido *et al.* (2021). Melhores condições de trabalho, valorização salarial, jornada de trabalho justa, status profissional, dentre outros, são fundamentais.

### **A docência como dispositivo de inquietação**

Irei listar vários fatores que me inquietam e incomodam com relação à docência. Na realidade na maioria das escolas brasileiras, configura-se numa perspectiva de profunda especialização curricular,

sustentada muitas vezes por informações que acabam sendo desligadas ou desconectadas do mundo real dos alunos que estão envolvidos no processo de aprendizagem, o que causa desmotivação do aluno. Além da falta de materiais básicos como giz ou lápis para quadro, materiais concretos e digitais para o ensino e manutenção da infraestrutura escolar. Os responsáveis pela Educação no Brasil dão a entender que querem que o professor seja os “heróis”, que “façam e aconteçam”, sem a menor estrutura de trabalho. Muitas vezes para os gestores terem apoio social e político, esses precisam prometer resultados práticos e úteis de imediato, não se importando com o sujeito e suas possibilidades futuras. Associado a isso, de acordo com Tostes *et al.* (2016), outras dificuldades de aprendizagem são encontradas com maior frequência nas escolas brasileiras, entre elas estão a dislexia, a disgrafia, a disortografia e a discalculia apresentadas pelos alunos e que os professores não conseguem atender a esse público.

Além disso, a contínua desvalorização da profissão docente, que se manifesta não apenas na remuneração, mas no desrespeito, por quem além de alfabetizar tem a missão de formar profissionais-cidadãos. Transcrevendo as palavras de Araújo e Purificação (2021, p. 3) sobre a desvalorização dos professores, relata-se:

Aqueles que continuam apaixonados pela profissão, permanecem por falta de oportunidade em outros mercados, ou pela vocação, que é uma justificativa muito utilizada pelos responsáveis pelas leis educacionais para explicar a falta de reconhecimento. Procura-se associar o trabalho do professor a uma atividade celestial, que deve ser realizada por amor, sem pensar em compensação social ou financeira. Como se o professor fosse um beato obrigado a ter voto de pobreza e castidade social.

A escassa presença de professores jovens nas escolas de ensino primário e médio é decorrente da desvalorização profissional, do desprestígio social e das péssimas condições de trabalho (ARAÚJO; PURIFICAÇÃO, 2021). A superlotação das salas de aulas impede a re-

alização de um trabalho com qualidade, o que torna o exercício docente improdutivo e denuncia uma situação incontestável: “uma inversão de valores na sociedade, parece que o professor virou o vilão da história”. Mas isso vem do governo federal onde o ministro da educação declara que “a universidade não é para todos” e que muitos têm que fazer cursos técnicos, vê-se que se está indo de mal a pior. Associado a isso tem os cortes das verbas em universidades e escolas federais, estaduais e municipais que fazem com que os gestores façam verdadeiros malabarismos para conseguir fechar as contas no final do mês.

Outro fator que deveria ser pensado é a autocrítica do professor sobre seu papel na sala de aula, como este está agindo ou como deveria agir com relação aos seus alunos. Raramente se vê professores comprometidos com uma aprendizagem significativa, vê-se que é mais importante cumprir a carga horária, como uma mera realização de procedimentos padronizados, do que dar importância ao que foi aprendido na sua disciplina ao longo do tempo.

Quando se abordam temas como aprendizagem significativa têm etapas absolutamente cruciais para que se atinja o objetivo. Entre elas, Silva Filho e Ferreira (2022) relatam a importância do levantamento de subsunções, seguido de sua organização avançada. Isto possibilita que a aprendizagem possa romper a barreira de uma ocorrência meramente mecânica, voltada para memorizações efêmeras, atingindo níveis sofisticados de (re)significação cognitiva. Isto leva um determinado tempo e o conhecimento do sujeito em sala de aula, todavia a maioria dos professores, só conhece seus alunos por meio de avaliações e provas objetivas ou subjetivas.

Outro ponto de vista não menos importante é que muitos dos nossos professores podem até ter a intenção de buscar melhorar enquanto profissional, se aperfeiçoar e aprofundar em seus estudos, porém, devido à carga excessiva de trabalho, com 40 horas aulas (h/a), ou até mesmo 60 h/a, para complementar a renda, e associado a isso, salas superlotadas com alunos torna-se praticamente inacessível esse objetivo sem um incentivo governamental.

Quanto aos desafios, primeiramente é preciso o reconhecimento da crise que vivemos na Educação, para que seja feita uma crítica. O ensino sofre dificuldades, não só nas escolas primárias e secundárias, como também no nível superior. Os lapsos oriundos da educação básica vão desaguar no ensino de graduação, e corre-se o risco de serem potencializados, caso o educador não encare o desafio de entender seus alunos. Entender os alunos é fundamental, pois quando esse elo recíproco não se consolida, não se estabelece uma relação de aprendizado, mas sim mera cópia e reprodução, o que afasta os alunos do ambiente escolar e acadêmico.

Outro desafio refere-se à formação de professores-pesquisadores, o qual evidencia um processo de aprendizagem que envolve migrar de uma concepção de “uso da” tecnologia, enquanto novidade nos processos de ensino e de aprendizagem, para uma perspectiva de apropriação da tecnologia para inovação, nesses processos. Nesse contexto, uma didática que desenvolva modalidades presencial e online, seja por meio de livros, aplicativos e jogos digitais implica na captura de informações do ambiente/coisas/pessoas, bem como a captura e/ou produção de informações geolocalizadas.

Assim, pensa-se no professor, em ações prolongadas ou que ainda estão em desenvolvimento como *lendo, escrevendo, fazendo, pesquisando*, porém, com relação aos alunos, surgem outras referências, como experimentar, discutir, interagir, debater, estabelecendo relações. Isso pode estar indicando que há uma compreensão de que a forma como os sujeitos aprendem está se modificando.

Por fim, algo muito importante e que não pode ser negligenciado é a afetividade e intersubjetividade que formam as bases para a construção das relações simbólicas com o mundo, sobretudo, para a formação da linguagem. Sabe-se que a manifestação de dificuldades ou alterações no campo da linguagem geram barreiras e obstáculos na interação com o outro, em especial no compartilhamento de experiências e de significados. Cabe ao professor que ministra aulas possibilitar um contato real do aluno com o conhecimento, de forma afetiva e cognitivamente

significativa para o sujeito, sem preconceitos e atitudes que os afastem de uma representação coerente e saudável com a realidade.

### **Contribuições da pesquisa que almejo construir na pós-graduação**

Nos últimos anos, muitos gestores de escolas públicas têm se surpreendido com o aumento da presença de alunos com necessidades educacionais especiais matriculados em suas turmas, em diferentes níveis de ensino. Devido o histórico familiar e a vivência prática, a educação especial me encantou e despertou-me o desejo de aprofundar os conhecimentos e contribuir de forma significativa na trajetória estudantil dessas crianças e na escola de forma geral.

No ambiente escolar, é notório que ainda há dificuldade por *parte* dos professores para trabalhar com alunos “atípicos”, pois grande *parte* desses profissionais *desconhecem* por exemplo o autismo, o que dificulta uma prática voltada às necessidades reais dessas crianças, distanciando-se daquilo que seria de fato uma escola inclusiva. É necessário que as instituições educacionais se preparem para receber esses alunos, objetivando uma inclusão eficaz (SILVA *et al.*, 2021).

Quero trabalhar no mestrado com a didática voltada para alunos que apresentam Transtorno do Espectro Autista (TEA) que é uma condição neurodesenvolvimental, caracterizada por déficit persistente na comunicação e interação social, e padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades. Nosso sistema educacional é planejado e organizado para “encaixar” todas as crianças dentro de um esquema proposto por pessoas que na maioria das vezes não conhecem ou vivem a realidade de muitas dessas crianças. Assim, num primeiro diagnóstico na pós-graduação, pretendo conhecer a metodologia desenvolvida em instituições de ensino no Rio Grande do Norte pelos professores e gestores, para que, posteriormente, possa adaptar ou até mesmo aperfeiçoar e contribuir com certas práticas e métodos para atender os alunos autistas em sala de aula com aprendizagem eficaz.

## Referências

ARAÚJO, S. F.; PURIFICAÇÃO, M. M. SER PROFESSOR: VOCAÇÃO OU FALTA DE OPÇÃO? Os motivos que envolvem a escassez de jovens na profissão docente no Brasil. **Revista Científica Novas Configurações Diálogos Plurais**, v. 2 n. 1, p. 1-8, 2021. <http://dx.doi.org/10.4322/2675-4177.2021.002>

PANIAGO, R. N. A formação dos formadores para a docência nas licenciaturas dos Institutos Federais. **Educação em Revista**, Marília, v.22, p. 199-216, 2021, Edição Especial 2. DOI: <https://doi.org/10.36311/2236-5192.2021.v22esp2.p199>

PLACIDO, R.L; ALBERTO, S. PLACIDO, I.T.M. A docência e a formação continuada: um compromisso no exercício da profissão. **Revista Formação@Docente** - Belo Horizonte, v. 13, n. 1, p. 30-51, 2021.

SAVIANI, D. **Escola e Democracia**. Campinas, SP: Autores Associados. (2009).

SILVA FILHO, O.L.; FERREIRA, M. Modelo teórico para levantamento e organização de subsunçores no âmbito da Aprendizagem Significativa. **Revista Brasileira de Ensino de Física**, v. 44, e20210339, 2022. <https://doi.org/10.1590/1806-9126-RBEF-2021-0339>.

SILVA, J.S., et. al. Autismo: práticas educativas no ensino regular em uma escola de Caxias, Maranhão, Brasil. **Journal of Education, Science and Health**, v. 1, n. 3, p. 1-10, 2021.

SILVA, A.S.M. Barreiras na inclusão e aprendizagem do Autista. **Revista SL Educacional**, São Paulo, v. 27, n. 4, p. 6-42, 2021.

TOSTES, E. A.T.; BELLAN, M.; GURNHAK, L.T.; SILVA, V. L. M. X. Os desafios e processos que o psicopedagogo enfrenta nas escolas do ensino fundamental. **UNAR**. São Paulo, p.126-138, 2016.



## CAMINHAR É PRECISO: TRILHAS AUTOBIOGRÁFICAS NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DOCENTE EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Alberto Assis Magalhães

### **Uma (auto) biografia**

O processo de formação profissional é também um processo de formação humana, no qual é necessário se aventurar em busca da compreensão de si e dos caminhos trilhados ao longo de nossa vida. Sendo assim, busco refletir por meio de uma perspectiva autobiográfica sobre os caminhos percorridos no processo de formação docente em Educação Física.

Considero a perspectiva autobiográfica um dispositivo formativo que possibilita a pessoa que escreveu a reflexão do seu processo formativo, sendo considerada, simultaneamente, um método de investigação qualitativa (SANTIAGO, 2020).

Esse trabalho se inscreve na perspectiva narrativa, considerando-se que “a narrativa faz parte da história da humanidade e, portanto, deve ser estudada dentro dos seus contextos sociais, econômicos, políticos, históricos, educativos” (SOUZA; CABRAL, 2015, p. 150).

Toda caminhada tem um início, a minha deu-se em um pequeno distrito na zona rural do município de Iracema, Ceará (CE), onde nasci, cresci e estudei durante toda a minha educação básica. Tive professores que me inspiraram e trazido as suas marcas em minha prática pedagógica até os dias atuais, pois as relações estabelecidas em sala de aula contribuíram de forma significativa na minha formação enquanto sujeito e professor. As relações que se estabeleceram foram relações humanizadas que contribuíram para a minha construção enquanto ser humano, a construção do “meu eu”. Assim, trago as palavras de Miotello (2018, p. 33), para falar que “eu não me constituo sozinho, eu me constituo na relação com o outro”.

Durante a minha trajetória estudantil na educação básica, sempre busquei ser um aluno esforçado e carregava comigo o sonho de ter uma graduação, embora muitas vezes considerava que esse sonho era quase impossível, sendo estudante de escola pública, filho de uma gari e um agricultor, residindo na zona rural. Tracei como meta estudar para o vestibular da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), mas não acreditava que conseguiria passar, levando em consideração a minha situação socioeconômica e o local onde residia, sendo que em alguns momentos pessoas chegaram a dizer que não adiantava nem eu tentar porque eu não passaria. Para a minha felicidade e de todos aqueles que torciam por mim, fui aprovado, sendo a primeira pessoa da minha comunidade a conseguir ingressar no ensino superior em uma universidade pública.

O ingresso no ensino superior é acompanhado por um misto de sensações, alegria, medo e angústias. Somos tirados da nossa zona de conforto, de modo que nos sentimos cada vez mais aflitos dentro desse universo que fora sempre almejado. Essa insegurança, muitas vezes, é gerada a partir do não encontro consigo mesmo, dentro do processo de formação.

No início do Curso de Licenciatura em Educação Física da UERN me encontrava assim como a Alice, personagem de Caroll (2006), do livro *Alice no País das Maravilhas*, que se encontrava ardendo de

curiosidade sobre o coelho branco, com um colete e olhos cor de rosa que vira, “[...] ela correu pelo campo atrás dele, a tempo de vê-lo saltar para dentro de uma grande toca de coelho embaixo da cerca. No mesmo instante, Alice entrou atrás dele, sem pensar como faria para sair dali” (CAROLL, 2006, p. 6).

Assim como Alice entrou na toca atrás do coelho branco, eu ingressei no ensino superior atrás de um sonho. A relação que estabeleço aqui é entre o coelho branco e os sonhos que cada um tem. Ousar ir em busca de nossos coelhos, requer coragem e ação. Como Alice, precisamos nos permitir ir ao encontro daquilo que nos mantém vivos: a capacidade de sonhar. Precisamos dar mais atenção aos nossos sonhos, não apenas àqueles que acontecem enquanto dormimos, mas também àqueles sonhos “[...] que produzimos quando estamos acordados, vivendo as batalhas da existência, sentindo a vida que pulsa em nosso dia a dia” (CURY, 2004, p. 9).

Correr atrás dos nossos sonhos nem sempre é algo fácil, como afirma Cury (2004), às vezes é necessário atravessar turbulências quase que insuperáveis, suportar pressões que poucos tolerariam e viver dias ansiosos, sentindo-se pequenos diante dos obstáculos. Assim ocorreu comigo na busca pelo meu sonho de ter uma graduação. De início não sabia qual curso fazer, até optar pela Licenciatura em Educação Física.

Ao retomar o exemplo de Alice na toca, percebo que, enquanto caía, ela teve algum tempo para olhar ao seu redor e desejar saber o que lhe estava acontecendo. Ela olhava para baixo e via tudo escuro. Assim me senti ao ingressar na universidade. Encontrava-me cheio de dúvidas, ficava tentando pensar no que seria melhor para mim e entender esse novo universo no qual estava me inserindo, porém, meus pensamentos pareciam estar em trevas, não via nenhuma luz.

As dúvidas que senti, por determinado momento, foram como um inverno gelado que impede o desabrochar de uma rosa. Encontrava-me, então, como a roseira do conto *O rouxinol e a rosa*, escrito por Wilde (2005). O autor retrata a história de um rouxinol que procurou

uma roseira para adquirir uma rosa vermelha, a qual seria levada a um estudante que iria dá-la à dama com quem pretendia dançar no baile. A dama só dançaria com ele se lhe trouxesse uma rosa vermelha. Quando o rouxinol procurou a roseira, ela falou que as suas rosas eram vermelhas, mas o inverno congelou o seu sangue e a ventania quebrou os seus ramos, por isso não teria como florescer naquele ano. Assim estavam meus pensamentos, não florescia nenhuma certeza acerca das minhas dúvidas.

Quando ingressei no curso, experimentei várias sensações, incluindo alegria e angústia. Alegria por ter ingressado no ensino superior, em uma universidade pública, pois sempre considerava que não tinha capacidade para tal feito, afinal eu sou filho de um agricultor e uma gari, por isso que sempre estudei em escolas públicas de uma comunidade na zona rural, o que reduzia minhas chances de ser aprovado em um vestibular, devido à ampla concorrência.

No início, muitas vezes, sentia-me angustiado por não estar me identificando com o curso. Tentava olhar para o meu futuro dentro dele, mas não conseguia imaginar nada. Era totalmente escuro para mim. Cheio de incertezas, não sabia se iria continuar, mas, ao mesmo tempo, não queria deixá-lo. Como dizia Willian Shakespeare (S/D), em seu texto *o menestrel*, “nossas dúvidas são traidoras e nos fazem perder o bem que poderíamos conquistar se não fosse o medo de tentar”.

Durand, Saury e Veyrunes (2005) relatam que todo processo referente à formação para o ofício de ensinar, às vezes, gera problemas. O meu problema, naquele momento, era estar perdido, em um buraco escuro, o qual não sabia para onde me levaria e nem o que queria. Em meio a tantas angústias, às vezes, surgiam amigos e colegas que me aconselhavam a desistir do curso e procurar outro. Ficava muito pensativo, pois, antes eu era uma pessoa que me pautava muito na ideia dos outros, no que me falavam. No entanto, precisava decidir e “decidir é romper e, para isso, preciso correr o risco” (FREIRE, 2015, p. 91). Então decidi continuar no curso, pois, é decidindo que se aprende a decidir. Não aprenderemos a ser se não decidimos nunca. Foi com esse

sentimento de decisão que resolvi correr riscos e seguir em frente no curso de Educação Física.

Logo no início do curso, tive o contato com a pesquisa por meio da disciplina *Metodologia do trabalho acadêmico*, que me proporcionou realizar um pré-projeto de pesquisa como requisito para aprovação. Diante de tantas dúvidas e questionamentos me veio o desejo de escrever sobre os investimentos feitos na Educação, no que se refere à disciplina de Educação Física, no contexto da copa do mundo de 2014. A razão da escolha por esse contexto está nos milhões de reais gastos para sediar esse grande evento esportivo, enquanto o professor de Educação Física da educação básica não tem material para trabalhar. Na maioria das vezes, tem que adaptar as suas aulas aos materiais que a escola oferece, ou, até mesmo, tirar do seu salário para comprar material.

Mesmo tendo uma escrita e reflexão incipientes, essa produção acadêmica serviu como pontapé inicial para despertar-me o gosto pela pesquisa na graduação. A partir de então, comecei a ver uma luz a dissipar as trevas que se encontravam em meus pensamentos, e o botão de uma rosa desabrochando, criando caminhos para se ter uma certeza. E foi assim que fui começando a me encontrar no curso, por meio da pesquisa.

Logo em seguida, recebi o convite de uma professora, a mesma da disciplina de metodologia do trabalho acadêmico, para ser ouvinte das discussões de um projeto de pesquisa que coordenava, intitulado “A questão cultural e a atividade física em espaços de educação não formal”. O projeto abordava a teoria do sociólogo Pierre Bourdieu, que objetiva desvelar os motivos que levam as pessoas a praticarem atividades físicas. Como estratégias metodológicas para a realização desta pesquisa havia encontros semanais para a discussão de conceitos da teoria do sociólogo citado. Nesses encontros, debatíamos, por meio de seminários e outras estratégias, visto que “é inquestionável a importância do papel da formação teórica para o pesquisador. É a teoria que vai muni-lo de elementos para interrogar os dados e procurar entender

a trama de fatores que envolvem o problema que ele tenta enfrentar” (LÜDKE, 2013, p. 42).

Tudo isso, de início, causou-me estranhamentos e espantos, como diz Alves (2008, p. 63), “[...] era como viajar por uma terra cuja língua me era desconhecida: perdi muita coisa, mas, nos intervalos das incompreensões, havia os cenários. Tudo me espantava”. Sentia-me perdido em meio as discussões que eram realizadas. Não raro, perguntava-me: “O que estou fazendo aqui? Não estou entendendo nada!”

Mesmo assim, não deixei de fazer as leituras propostas e de participar das discussões. E, aos poucos, percebia que as leituras e discussões realizadas estavam me ajudando a compreender um pouco mais os fatos sociais e no trato com as discussões, em algumas disciplinas. Lüdke (2013, p. 46) relata que “não é apenas como acontecimento cognitivo que a pesquisa pode contribuir no desenvolvimento profissional de um dado grupo, é também, e sobretudo, como acontecimento social”.

Maciel (2003), por sua vez, fala que, em processos de formação, aparecem necessidades e dificuldades. Estas, quando não enfrentadas pelo sujeito, são consideradas como limites que impedem ou dificultam as mudanças. Ao contrário, se enfrentadas, mesmo que não totalmente superadas, são consideradas como possibilidades de formação, movendo o sujeito para a mudança.

Eu poderia ter desistido de participar do grupo de pesquisa, tendo em vista as várias sensações experimentadas. Estava perdido, como se estivesse sozinho, navegando em alto-mar, em uma simples canoa, sem saber para onde ir. No entanto, persisti no projeto e consegui superar as dificuldades e as necessidades que encontrei nesse meu processo formativo.

Quando me percebi, já estava gostando de fazer pesquisa e sempre estava querendo investigar algo. A pesquisa, que para mim era um ambiente desconhecido, passou a ser um dos meus maiores prazeres na universidade. Assim, comecei a buscar professores para escrever

trabalhos e apresentar em eventos científicos. Eles tornaram-se meus “parceiros” acadêmicos. Tornaram-se minha fonte de inspiração, principalmente aqueles a que eu tinha maior acesso e que me davam um retorno para parcerias acadêmicas.

Particpei de outros projetos de pesquisa e tive a experiência de ser bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), e foi nesse programa que tive acesso à realidade escolar, contribuindo com o processo de construção do conhecimento em Educação Física na Educação Básica, esse contato me possibilitou refletir sobre a escola pública e sobre os sujeitos que lá estavam, em especial os alunos, me trouxe cada vez mais a certeza de que a Educação é transformadora de realidades.

A partir dos diálogos estabelecidos com os alunos, passei a conhecê-los e entender um pouco da realidade de cada um. Consequentemente, o desejo de contribuir com o desenvolvimento da sociedade por meio da docência só crescia, acreditando sempre no poder da educação, como escreveu Freire (2000, p. 67) “Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda”. Considero importante descrever esses momentos, pois fazem parte de mim, e “quanto mais se descreve um momento mais ele ganha em amplitude, mas ele existe” (HESS, 2004, p. 44).

Quando concluí a graduação, comecei a trabalhar na minha cidade, mediando a construção do conhecimento em duas escolas públicas de Ensino Fundamental do município de Iracema – CE. Uma das maiores dificuldades que tive, foi com alguns alunos em duas turmas de 9º ano que em alguns momentos queriam atrapalhar a aula e não atendiam ao que eu pedia, acredito que pelo fato de na época eu ter pouca idade e ter alguns alunos em uma idade próxima da minha, isso me causou grande aflição, pois o meu objetivo era dar o meu melhor, para que todos pudessem participar de forma exitosa desse processo de *ensinagem*. Esse momento foi algo que me doeu, ficava angustiado e pensativo no que fazer.

Como afirma Hess (2004, p. 42), “há momentos dos quais nós somos sujeitos e outros que nós somos objetos. Sofremos ou investimos nossos momentos”. Sofri, mas investi nesse momento e tracei como estratégia pedagógica, escutar os meus alunos, procurar entender o que se passava com eles no seu meio social e como era sua vida fora da escola. Uma das coisas errôneas que muitos professores ainda fazem, é considerar o aluno apenas no momento que ele está na escola, visualizar o aluno como mais um número na sala de aula e não considerar os saberes sociais que eles trazem para dentro do contexto escolar.

A partir do momento que me pus a escutar de forma sensível os meus alunos, as relações estabelecidas dentro da sala de aula passaram a ser mais amigáveis e tranquilas, os alunos passaram a confiar em mim e muitas vezes me procuravam para pedir conselhos. Essa relação não era apenas uma relação profissional entre professor e aluno, mas sim, uma relação humana.

De acordo com Hess (2004) Podemos fazer revoluções em nossas vidas e transformar esses momentos sofridos em momentos investidos, passamos a ser sujeitos e não mais objeto. Fiz então uma revolução e, a partir do momento sofrido, para a condição de sujeito.

A docência é desafiante, mas é prazerosa, embora em alguns momentos é estressante, porém, é alegre, e, além disso, nos faz perceber o quanto ainda temos a aprender. Aprender não apenas os saberes disciplinares, pedagógicos ou didáticos, mas aprender a ser mais humanos, a olhar as pessoas com mais empatia, acreditar no potencial dos nossos alunos e fazer com que eles acreditem também. Talvez essa seja a minha maior contribuição enquanto docente.

Ser docente é estar em constante reflexão, e o ingresso no mestrado em Ensino (POSENSINO), foi um propulsor para que pudesse alargar os horizontes de reflexão sobre a docência e sobre a minha prática pedagógica, inclusive me proporcionou olhar para os saberes disciplinares da minha área de formação e buscá-los compreender de forma mais detalhada. Um desses saberes (o principal) que detive a



minha reflexão, é as lutas, visto que o ensino das lutas está orientado nos documentos oficiais, como por exemplo na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), assim como nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e esse ensino muitas vezes é negligenciado.

No âmbito escolar, a Educação Física é o componente curricular que trabalha as práticas corporais em seus diversos aspectos, sendo as lutas incluídas nessas práticas. De acordo com a BNCC (BRASIL, 2018, p. 213), a Educação Física “[...] tematiza as práticas corporais em suas diversas formas de codificação e significação social, entendidas como manifestações das possibilidades expressivas dos sujeitos, produzidas por diversos grupos sociais no decorrer da história”.

A BNCC, a nível de currículo, evidencia a divisão dos conteúdos curriculares em seis unidades temáticas, sendo elas: brincadeiras e jogos, esportes, danças, ginásticas, práticas corporais de aventura e lutas. Sendo que a minha pesquisa no mestrado recairá sobre o ensino das lutas.

Dentro dessa unidade temática, as lutas na educação física escolar, devem abordar as disputas corporais no que se refere ao processo de empregar técnicas, táticas e estratégias específicas para atingir objetivos como imobilizar, desequilibrar, atingir ou excluir o oponente de um espaço determinado, combinando ações de defesa e ataque em direção ao corpo do adversário (BRASIL, 2018).

Espero que possa contribuir com as reflexões acerca do ensino das lutas na educação física escolar, possibilitando o entendimento de que todas as práticas corporais devem ser ensinadas de forma pedagógica e que as lutas têm o valor educativo que contribui com a formação integral do sujeito, havendo assim, produção do conhecimento sobre essa prática corporal na educação física escolar, colocando-a no mesmo patamar de importância quanto os demais conteúdos, desmistificando que o ensino das lutas traz violência, visto que as lutas ensinam valores como o respeito, cooperação e disciplina. Valores esses essenciais em qualquer processo formativo.

## Referências

- ALVES, R. **Entre a ciência e a sapiência: o dilema da educação**. 19. ed. São Paulo: Loyola, 2008.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- CARROLL, L. **Aventuras de Alice no país das maravilhas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- CURY, A. J. **Nunca desista de seus sonhos**. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.
- DURAND, M; SAURY, J; VEYRUNES, P. Relações fecundas entre pesquisa e formação docente: Elementos para um programa. **Cadernos de Pesquisa**, v. 35, n. 125, p.37-62, maio/ago. 2005.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. 50. edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.
- FREIRE, P. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. Apresentação de Ana Maria Araújo Freire. Carta-prefácio de Balduino A. Andreola. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- HESS, R. A teoria dos momentos contada aos estudantes. *In: Educação & Linguagem*, São Bernardo do Campo, Unesp, ano 7, n. 9, jan-jun. 2004.
- LÜDKE, M. A complexa relação entre o professor e a pesquisa. *In: ANDRÉ, Marli. (Org.). O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores*. 12. ed. Campinas: Papyrus, 2013, p. 27-54.
- MACIEL, M. D. Autoformação docente: limites e possibilidades. *In: IV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS*, 2003, Recife/PE. **Anais**. Recife/PE: Sociedade Brasileira para progresso da ciência, 2003. p.1-5. Disponível em: <http://fep.if.usp.br/~profis/arquivos/ivenpec/Arquivos/Painel/PNL083.pdf>. Acesso em: 18 nov.2021.
- MIOTELLO, V. **Bakhtin e o lugar da linguagem na psicologia**. Petrópolis. Diálogos. 2018.
- SANTIAGO, M. C. Trajetória de pesquisa: a autobiografia como experiência formativa. **Revista Práticas de Linguagem**, v. 10, n. 2, 2020.
- SHAKESPEARE, W. **O menestrel**. Disponível em: <https://jeffeck.wikispaces.com/file/view/O+menestrel.pdf>. Acesso em: 23 nov. a set. 2021.
- SOUSA, M. G. S; CABRAL, C. L O. A narrativa como opção metodológica de pesquisa e formação de professores. **Horizontes**, v. 33, n. 2, p. 149-158, jul./dez. 2015.
- WILDE, O. **O príncipe feliz e outros contos**. Edição especial. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

## MEMÓRIAS DE UMA PROFESSORA: TRAJETÓRIAS PESSOAIS, ACADÊMICAS E PROFISSIONAIS

Argentina Mororó Castro

### **Introdução**

Esta narrativa, é parte integrante do trabalho final da disciplina de Didática do Ensino Superior do Mestrado Posensino. Uma oportunidade de fazer uma viagem as minhas memórias mais profundas e significativas.

Apresento um recorte valioso da minha trajetória de vida acadêmica e profissional, considerando as facetas que se relacionam a educação nas diferentes dimensões cotidianas. Estabeleço relações entre as fases mais importantes da minha vida. Em cada uma delas, busco relacionar a teoria e a prática vivenciadas por mim. Saliento que essas etapas foram vivenciadas com muito entusiasmo, sempre acreditando que quando há determinação o resultado almejado será alcançado.

Nessa narrativa, pude reviver minhas origens, meus percalços e minhas conquistas. Uma história de 45 anos de vida, sempre na busca pela sobrevivência, seja financeira ou social, fator que motivou-me a lutar diariamente por um lugar ao sol.

## Memórias de mim...

Sou Argentina Mororó Castro. Meu nome é um país! Um país de mim mesma e de tudo que sou composta. Chamar-me Argentina se deve ao fato de eu ter nascido no Hospital e Maternidade Infantil Argentina Castelo Branco, em Fortaleza, Ceará. Eram 16 de agosto de 1976, às vinte e três horas, uma quinta-feira de muita chuva, na capital alencarina. Carrego em meu nome a memória de um lugar de nascimentos e de vidas, talvez isso me mova, ainda que de forma inconsciente, a vibrar na energia de tudo aquilo que sinaliza existir, estar, SER.

Vivi os primeiros anos de minha vida na zona rural do município de Ipu, região norte do Ceará. Caçula de uma família de cinco filhos, de pais comerciantes, comecei assimilar muito cedo a leitura através das mercadorias expostas nas prateleiras do nosso comércio. Aquele lugar era a minha escola, pois na época, para a minha idade, não havia instituição escolar naquela comunidade. Foi ali que o meu primeiro contato com o mundo letrado se deu, naquele pequeno comércio de onde tirávamos o sustento diário. Aprendi a conviver com números, com itens mais diversos dispostos nas prateleiras, com a moeda vigente, as trocas, os trocos e, o grande aprendizado: conviver, estabelecer relações, ouvir, estabelecer negociação. A linguagem do comércio é uma linguagem de vida, para toda a vida.

Aos sete anos, mudei-me para a zona urbana do mesmo município. Um momento de minha vida bem marcante e inesquecível foi o acesso à escola, de fato, pela primeira vez, no 2º ano do Ensino Fundamental, na Escola Estadual Auton Aragão, em Ipu-CE. Era ali onde eu queria ficar por muito tempo! A sensação era de permanência... E a vida me confirmou, com o passar dos anos, que a escola e o universo da educação seriam, de fato, meu caminhar.

A partir de então, a escola pública estará presente em toda a minha trajetória. Nessa época nascia em mim o SER professora, ainda que nas fantasias do mundo imaginário da criança, quando eu fazia das minhas bonecas, os alunos para quem eu ministrava aulas. Naquele mundo

imaginário eram os alunos e a professora Argentina em interação do ensinar e do aprender. Conforme diz Paulo Freire: “Ninguém nasce feito. Vamos nos fazendo aos poucos, na prática social de que tomamos parte”. (FREIRE, 1997, p. 40).

Por força do destino, veio a separação conjugal de meus pais e as condições financeiras foram ficando muito difíceis. Foi aí que aos 14 anos fui ajudar em uma lanchonete de meu cunhado, como caixa, experiência que me trouxe maturidade, porém consumia todo o meu tempo que agora era dividido entre o trabalho, o estudo e o que me restava da infância.

Quando ingressei no Ensino Médio, na Escola Estadual Deputado Murilo Rocha Aguiar, fui selecionada também, com uma bolsa de estudo, para Escola Patronato Souza Carvalho, uma instituição particular, administrado por freiras, referência no município e região, onde ofertava o Curso Normal-Ensino Médio preparatório para professores, para trabalhar com educação infantil, o que era exigido à época. Cursei concomitante as duas modalidades de Ensino Médio.

Lá, tive o meu primeiro contato com as disciplinas pedagógicas, quais sejam: Didática Geral do Ensino Médio, Didática da Educação Infantil, entre outras que compunham a matriz curricular do curso, constituído também de três anos. O ato de ensinar, que era paixão desde pequenina, foi se concretizando em aptidão.

A vida sempre conduziu-me para o universo da educação. Logo que concluí o Ensino Médio, fui trabalhar, vivenciar a prática, na Escola Arco-Íris, uma instituição da rede particular de ensino que ofertava só a Educação Infantil. Fui desafiada, sobretudo, encorajada a alfabetizar (turma de alfabetização) como era classificada na antiga legislação. Por dez anos, me entrelacei entre o ensinar as primeiras letras e aprender naquele mundo rico e encantador de interação diária com as crianças.

Vivi a experiência de ser recenseadora do IBGE por duas vezes, adentrando as casas e coletando informações sobre as realidades de vida das pessoas. Foi uma vivência que me conectou com as entranhas

de como a vida é múltipla, plural e árdua para muitas pessoas. Viver essa prática me fez entender as questões mais íntimas que se ligam as formas de vida das pessoas e seus engendramentos na sociedade da qual eu faço parte. Para mim, foi como se estivesse construindo o roteiro de um filme, cem por cento, fatos reais. Todas as informações que me foram possíveis coletar: como vivem, se trabalham, formação escolar, renda familiar e tantas outras informações, desenhavam a realidade micro que compõe a realidade macro do país, e isso me fez pensar sobre a dimensão de realidades no Brasil.

Em 1997, constituí uma família, cheia de sonhos e de responsabilidades. Veio o meu primogênito, - Gabriel, um anjo enviado por Deus a mim, filho amoroso, uma bênção! Em 1998, fui selecionada através de concurso público, no Município de Ipu- CE, para professora do ensino básico. Lecionei em escolas municipais, onde pude conhecer de perto a realidade das comunidades de bairros mais vulneráveis da cidade. Na sede da secretaria municipal, assumi a coordenação da Educação Infantil, onde pude compartilhar e dividir com os demais coordenadores municipais da região da Ibiapaba, compreensões sobre os processos de construção da aprendizagem da criança e suas dimensões emocionais e cognitivas, por meio de estudos, formações e acompanhamentos junto aos professores a cerca dos Referenciais Curriculares Nacionais da Educação Infantil- RCNEI.

Pela Universidade Aberta do Nordeste com uma carga horária de 1.125h/a concluí o Curso Técnico em Secretariado Escolar, título que me possibilitou através de registro legal gozar de todos os direitos e prerrogativas para responder por uma instituição de ensino pública ou privada. O secretário escolar tem como responsabilidade organizar, sistematizar, registrar e documentar todos os processos que ocorrem na instituição de ensino, o que facilita o seu funcionamento administrativo e garante a sua legalidade. Formação que me possibilitou muitas aberturas profissionais, além de um vasto conhecimento legislativo na área.

Participei do Curso de Extensão em Gestão Escolar Progestão-Programa de Formação Contínua para Gestores e Técnicos da Edu-

cação pela Universidade Estadual do Estado do Ceará, oportunidade que potencializou-me em conhecimento para atuar nas ações gestoras escolares, sempre na tentativa de ofertar mecanismos capazes de auxiliar as dificuldades da escola pública. Foi então que assumi a Coordenação Pedagógica na Secretaria Municipal de Educação de Ipu-CE.

Vieram tempos outros e o rumo profissional se desenhava na educação: ingressei no curso de Pedagogia na Universidade Estadual Vale do Acaraú, *Campus* Nova Russas-CE. Foi nesse momento de formação, que “bebi de fontes” preciosas como Emília Ferrero, Lev Vygotsky, Jean Piaget, entre outros teóricos.

Dividia minha vida entre os grandes amores: meu filho, meu marido e a Pedagogia. De um lado, as tarefas de uma vida de esposa e mãe que amamentava e que dispensava todas as atenções necessárias e vitais à criança. De outro, a vida acadêmica, que me era nutriente, além do expediente de oito horas diárias do trabalho. Era um ciclo a me exigir muito nos planos emocional e físico. Era pulsão de vida em estado acelerado.

Concluí o curso de Pedagogia e pela mesma instituição, no *Campus* Sobral, cursei, em 2003, a Especialização em Estudos Linguísticos e Literários, uma experiência com grandes contribuições ao meu pensar profundo e sensível. As viagens de Ipu a Sobral, distante 100 km, me moviam a ir em busca de estudos e pesquisas. No percurso, eu levava a saudade do meu primogênito, que ainda requeria de mim, cuidados e atenção.

São registros de vida que formam o desenho do meu SER no mundo. E tudo valia muito a pena porque me direcionava ao que eu, intimamente, buscava: a compreensão das coisas que me rodeavam, a pesquisa como aprofundamento dessas questões e a produção do conhecimento, somado ao meu amor à literatura. Dessa vivência, veio a produção de um trabalho científico no gênero romance literário como prática do ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa.

A monografia intitulada, “O Quinze e a Importância do Romance Regionalista 30”, possibilitou-me conhecer Vicentes e Chicos, personagens anônimos, símbolos de garra e perseverança, que dão sua contribuição para o engrandecimento da história cearense, e servem de inspiração para os nossos escritores. Assim consta na dedicatória de minha monografia, esse reconhecimento aos Chicos e Vicentes, personagens com os quais me conectei diante das semelhanças de nossas realidades. O ser nordestino, as problemáticas do lugar, a temática social e os efeitos da seca presentes na obra me tomavam na mais profunda emoção. Tudo o que eu lia dizia muito da realidade ao meu redor! O personagem Chico Bento me deixava absorta ao pensar em sua saga. Ainda lembro da passagem que coloca Chico Bento entre duas opções: ficar no sertão e morrer de fome, ou então migrar para outro lugar para tentar sobreviver. “Minha tia resolveu que até o dia de São José, você abra as porteiras e solte o gado. É melhor sofrer logo o prejuízo do que andar gastando dinheiro à toa em rama e caroço, para não ter resultado. Você pode tomar um rumo ou, se quiser, fique nas Aroeiras, mas sem serviço da fazenda” (QUEIROZ, p. 21).

No mesmo ano, fui aprovada no concurso público para professor do Estado do Ceará. Espaços como salas de aula, salas de multimeios, de coordenação de área e coordenação escolar, facetaram minha construção dentro da rede estadual. A experiência como Professora Coordenadora de Área (PCA), articulando com os colegas professores e contribuindo com a formação na área de linguagens me rendeu grandes experiências, frutos incalculáveis.

Pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), especializei-me também em Gestão da Educação Pública, experiência que me possibilitou refletir para além da produção em si, todo um embasamento sobre as questões mais desafiadoras da educação, dentre elas, a evasão escolar de turmas da Educação e Jovens e Adultos- EJA. Com o título, As Políticas de apoio à permanência do aluno da EJA nas escolas de Ipu, compreendi, por meio das leituras feitas, o quanto o problema da evasão é crônico e o quanto se faz urgente averiguar as razões pelas



quais o jovem abandona a escola. Quanto mais eu lia, mais me instigava a aprofundar, lançando perguntas e buscando dar minhas contribuições nas respostas a serem reveladas. Dessa experiência acadêmica ficaram as certezas de que a evasão é fruto de uma série de fatores que colaboram de forma negativa para o crescimento pessoal, tais como: as condições econômicas das famílias, a desnutrição, a violência, a gravidez na adolescência, o acesso limitado às políticas públicas, etc. A leitura de Cabral me foi bem esclarecedora na compreensão da evasão escolar. Segundo o autor:

O convívio familiar conflituoso, a má qualidade do ensino, entre outros fatores, são todos considerados partes integrantes e comuns da evasão escolar. É válido dizer que a evasão está relacionada não apenas à escola, mas também à família, às políticas de governo e ao próprio aluno que, pela situação econômica que vive não tem vontade ou não vê a necessidade da continuidade de aperfeiçoamento para futuramente ter uma profissão ou que pelo tenha concluído o ensino. (CABRAL, 2017, p. 40)

Outra experiência incrível que vivi, essa já no ensino superior, diz respeito à experiência como tutora na turma de Letras da Faculdade EADCON, orientando universitários e me embrenhando no universo da pesquisa. Muito aprendi nesse momento de vida profissional. Aprofundei olhares para questões mais amplas, refinei minhas escutas e desenvolvi laços estreitos com a pesquisa e isso me fez compreender o quanto a ciência e os estudos mais aprofundados são fundamentais para a evolução da nossa sociedade, sob vários aspectos.

E para minha felicidade, em 2009, em meio as mais diversas experiências, eis que sou agraciada com mais um príncipe em meu ventre, meu filho Enzo - quer dizer, o vitorioso! Agora, uma mulher mais completa, cheia da graça de Deus! Retomar a vida de mãe de recém nascido e consiliar com as atribuições que exigem o trabalho de ser professor, eis que seguiu o desafio.

Em 2010, participei da seleção para gestores de escolas profissionais do Ceará. Um processo seletivo com várias etapas, sobretudo, deleitante. Destaco essa experiência de gestão das mais significativas: Coordenadora Escolar da Escola Estadual de Educação Profissional Antonio Tarcísio Aragão, em Ipu, Ceará. Projeto novo, que posteriormente virou política de governo. Essa vivência fez entranhar-me com muitas das questões que a educação nos leva a refletir. Nesse momento de minha vida profissional, eu queria compreender, aprofundar, mergulhar nas perguntas intrigantes e pesquisar... Estava diante do que me inquietava e do que me fascinava, como também, do que me levaria ao próximo desafio, encerrar uma pesquisa. Estava ali a grande oportunidade profissional para despertar a busca pelas respostas para as minhas intermináveis perguntas, todas as minhas aguçadas curiosidades em compreender algumas questões.

Em 2013, mudei-me para Fortaleza, capital do Ceará. A partir de então, assumi minhas atividades laborais na sede da Secretaria da Educação do Estado, onde permaneço até os dias atuais, lotada na Secretaria Executiva de Planejamento e Gestão Interna.

Desta feita, agora, em uma função mais técnico-administrativa pude conhecer o gerenciamento macro, onde envolve o trabalho com 732 escolas, divididas em 23 coordenações regionais e seu amplo funcionamento. Trabalhar em escolas, com escolas, sobretudo na rede pública de ensino, levou-me a ter uma compreensão mais ampla a partir de problemas diversos e variados que estão a desafiar a educação e a sociedade. Tudo precisa ser debatido, discutido, analisado e dialogado no espaço escolar. É preciso um plano de ação que contemple essas discussões e que, a partir deste, a escola possa auxiliar os jovens estudantes a construírem melhores rumos no que tange ao aprendizado e, também, um olhar a sua saúde física e mental, tão importantes à qualidade de vida e que ainda precisa ocupar os espaços de discussão na escola e no currículo.

No ano de 2021, é chegado o momento, hora de retornar as atividades acadêmicas. Em meio a pandemia, o que mais me distraia diante

de um mundo tão entristecido, sofrido e angustiado por um objeto ainda pouco identificado-um vírus, era praticar a escrita.

Fiz e apresentei meu projeto, sendo aprovado na linha de Ensino de Ciências Humanas e Sociais. A vida e todo esse caminhar me trouxeram até aqui: ao Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Ensino (POSENSINO) e ao tema de minha pesquisa “A Educação Profissional no Ceará a partir da análise dos seus indicadores educacionais”. Nesse momento de vida, sai de cena aquela menina que lia o mundo a partir das prateleiras do comércio de seu pai, para dar lugar a profissional que traz em si a bagagem constituída de todos esses momentos somando-se às experiências acumuladas ao longo da caminhada e das travessias.

Instiga-me querer saber as questões que perpassam a micro e a macro governança, no que elas convergem e no que elas divergem. Divergem? Convergem? É uma pergunta inquietante que a pesquisa me levará a compreender. Analisar o trabalho realizado nas escolas profissionais e se essas contribuem para a inserção de seus alunos, no mercado de trabalho, de forma significativa, é uma problemática levantada, para a qual a pesquisa me trará evidências. Analisar os indicadores dessas instituições e todos os elementos implicados, me inquieta, me desafia, me convoca e me faz sentir seduzida por querer seguir lançando perguntas.

Chegar até aqui, cursar o POSENSINO, me proporciona pesquisar e realizar leituras muito significativas. Cursar a disciplina Didática do Ensino Superior, me fez pensar a Didática e a Pedagogia, os saberes docentes, a interdisciplinaridade, a práxis pedagógica, o planejamento e a avaliação no processo de ensino, dentre outros temas igualmente relevantes.

Na minha vivência como mestranda do POSENSINO pesquiso sobre a Educação Profissional no Estado do Ceará, a partir de dados e estudos, e muitas leituras, dentre elas, as três dimensões do campo da didática, propostas por Ferrari e Leimonié (2007), o estudante, as culturas, o docente e tantas outras fontes que embasam minha pesquisa.

Tudo isso reafirmam minhas convicções mais íntimas de que o universo da educação me compõe, sou parte dele e estamos entranhados. Continuarei fazendo perguntas, buscando respostas e considerando a pesquisa como sendo a saída mais lúcida para as questões que nos desafiam.

### **Considerações finais**

Essa história não acaba aqui. Mas, posso dizer que já tenho belos capítulos escritos que mais parecem uma novela, só que de vida real. Uma história que quero dar continuidade com maior importância possível. Chegar até aqui é parte de uma caminhada que teve seus momentos mais arricados do que planejados. Foram escolhas conscientes e inconscientes, às vezes, dos caminhos percorridos e os desafios foram ousados.

Desenvolver a atividade de rememorar momentos da vida me levou a voltar no tempo de minhas histórias pessoais e profissionais ao construir essas narrativas. Revisitei lugares em minhas memórias onde tudo começou. E as leituras? Ah! Foram e tem sido elas a me fazer repensar, refletir e querer cada vez mais pesquisar. Pude constatar a importância da didática no ensino superior entendendo que não basta somente o educador possuir domínio sobre o que se dispõe a lecionar, mas possuir didática para provocar no aluno a construção do conhecimento. A Didática não é somente uma ciência teórica, mas também prática, que envolve aspectos intrínsecos à educação.

Aprendi sobre o quanto se faz necessário o olhar do investigador e a postura científica diante dos fatos. Tem sido motivador perceber que estou no caminho certo, no melhor dos caminhos e que as disciplinas cursadas nesse mestrado, em especial, Didática do Ensino Superior, através dos olhares cuidadosos e atenciosos de seus docentes, professores Emerson Medeiros e Osmar Hélio, trouxeram-me percepções mais refinadas e uma postura crítica da qual o pesquisador necessita. Pesquisar é preciso. Amar o que se faz, também.

## Referências

CABRAL, C. G. L. **Evasão Escolar**: O que a escola tem a ver com isso? Artigo apresentado como trabalho de conclusão do curso de pós-graduação em Educação e Direitos Humanos: escola, violências e defesa de direitos. Universidade do Sul de Santa Catarina. 2017. Disponível em: <http://www.uniedu.sed.sc.gov.br/wp-content/uploads/2017/02/Artigo-Carine.pdf>. Acesso em: 03 de dez. 2021.

FERRARI, E. F. ; LEYMONIÉ S. **Didactica Practica para ensenanza media y superior**. Montevideo: Magro, 2007.

FREIRE, P. **Política e Educação**. 5. ed., São Paulo: Cortez, 1997.

MELLO, H.; MELLO, N. Atlas do Brasil: disparidades e dinâmicas do território. São Paulo: Edusp, 2005.

NÓVOA, A. **Profissão Professor**. Porto: Ed. Porto, 1991.

QUEIROZ, R. O Quinze. Fortaleza, edição da autora, Estabelecimento Graphico Urania (impressão), 1930; 56ª ed., São Paulo: Siciliano, 1997.



## ENTRE A VIDA E A FORMAÇÃO: (AUTO) BIOGRAFIA DE UM PROFESSOR DE MATEMÁTICA

Joás Ferreira de Andrade

### **Itinerários de vida de um professor...**

Sou Joás Ferreira de Andrade, nascido em 08 de maio de 1978, filho do senhor Osvaldo Ferreira de Andrade e Maria da Salete Andrade. Sou o quarto filho de um total de seis. Meus pais são do interior do Rio Grande do Norte, vieram para Natal, capital do Estado, na década de 1970, quando vim a nascer quase no final daquela década. A minha primeira experiência com escola, veio aos sete anos de idade, quando minha mãe conseguiu uma vaga na Escola conveniada Padre Francisco Ferro, no Bairro de Nova Descoberta, onde residi a minha infância, adolescência e juventude. Passei cinco anos na referida escola, tendo em vista, não ter frequentado de forma constante o segundo ano (neste ano, repeti).

Após a conclusão do primário (anos iniciais do Ensino Fundamental), fui estudar na Escola Municipal Professor Ulisses de Góes, já final no da década de 1980 e início da década de 1990. Passei quatro maravilhosos anos nesta escola. As minhas lembranças me levam para aquele ambiente, em que tive as primeiras relações de debates, de contradições, de enxergar como a escola precisava de manutenção e os alunos de livro e de conhecimento.

Finalmente, concluí o primeiro grau. Fui em busca de nova instituição de ensino. Parei na Escola Estadual Anísio Teixeira. Passei a ter experiência com transporte público, andar sozinho. Tive o primeiro frio na barriga. Me recordo, que naquele ano, houve uma greve na educação e minha mãe, preocupada comigo, com o meu futuro, me tirou da Escola Anísio Teixeira e me colocou em uma rede de ensino privada. Quero ressaltar nestas letras a ajuda da professora Fátima Cardoso, da sua mãe, Tia Terezinha pela força, pela crença de que realmente, como fala Paulo Freire: “Educação muda as pessoas e as pessoas mudam o mundo” e tenha certeza, essa atitude mudou a minha vida. Mudou as sendas que foram trilhadas.

Estou me referindo a meados da década de 1990, anos dourados. Anos de descobertas! Passei três maravilhosos anos, anos de aprendizagem e busca do conhecimento e do saber. Mas, acima de tudo, de formação, cidadania e crescimento enquanto ser humano. Prestei o vestibular, no ano de 1997, para História, com muita paixão e vontade de conhecer ainda mais o nosso passado. Entretanto, lamentavelmente, não obtive êxito, postergando o meu sonho de acesso à Educação Superior em um ano.

A vida tem percalços que apenas o tempo nos mostra, acompanhado da maturidade. Passei no vestibular de 1998, em Engenharia Mecânica, ora, minha mãe, meus familiares ficaram felizes da vida, até eu entrar na universidade e perceber que não era aquilo que eu podia fazer. Falo, neste momento, de um jovem que não tinha dinheiro para comprar um lanche, não podia se manter, não podia comprar uma xerox. Foi neste contexto, passados três semestres, que decidi cursar física (licenciatura), pois de fato, já tinha tido uma experiência como docente, como professor na disciplina de matemática e física em aulas particulares. Após isso, me vi como docente, me via como profissional e com esperança de dias melhores. Efetivei a inscrição no vestibular para o curso de física licenciatura, no ano de 2001, vindo a passar e iniciar a saga da formação, dos estudos, até o ano de 2005, ano este que após sair da universidade, me escrevi no concurso para professor do



Estado do Rio Grande do Norte e obtive êxito na aprovação. Contudo, a convocação ocorreu apenas quatro anos depois, no final de 2009.

Como podemos ver, o meu interesse pela docência, em um primeiro momento, como muitos, surgiu da necessidade de sobrevivência. Mas, vale informar, que após essa necessidade, me encontrei como professor. Me recordo, certa vez, um professor do curso da engenharia ter me falado: “você tem domínio de palco, dá um excelente professor”. Essas palavras motivaram, me deixaram interessado ainda mais pela docência. Hoje, percebo que não poderia ser formado em outra profissão, senão a de professor.

Incomodado por ser professor licenciado em física, porém, ministrando aulas de matemática, fui atrás de formação. Encontrei no Instituto Kennedy, instituto de formação de Professores e Professoras do Rio Grande do Norte, a oportunidade que almejava. Prestei seleção para poder fazer, pelo PARFOR (Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica), a segunda licenciatura.

Ressurge no ano de 2012 o interesse pela disciplina, pela formação na cadeira de matemática. Foram mais dois anos e meio para formação em segunda licenciatura, foram dias, meses e anos maravilhosos, tanto do ponto de vista da formação humana e técnica proporcionada pelo centro, como o surgimento de novas metodologias e apontamentos para novas ferramentas.

Em todo esse tempo de formação, que cabe ressaltar, não iremos concluir, pois sempre acreditamos na necessidade de refazer nossas ideias, nossos caminhos. O que mais incentiva a seguir é a possibilidade de transformar a realidade vivida por muitos jovens e adolescentes da minha cidade, do meu estado e do nosso país. Realidade de extremo abandono na Educação Básica. Segundo dados do IBGE, a taxa de escolarização da nossa cidade, falo da capital (Natal) do Rio Grande do Norte, é de 96,3%, comparada com outros municípios, ocupamos apenas a posição de número 4359º lugar. Já, em relação ao nosso IDEB, da rede pública dos anos finais, ocupamos apenas a posição de número

4915º lugar. Precisamos mudar essa realidade. Necessitamos mostrar aos discentes, pais e sociedade de forma geral, que apenas a educação pode mudar o nosso destino.

Dessa forma, urge a necessidade de um projeto para podermos catalogarmos, compreender e com isso, modificar a realidade da educação do nosso estado brasileiro (FREIRE, 2010). Não tenho a pretensão nem a vaidade de achar que as nossas ideias serão fatores de transformação em massa. Mesmo assim, acredito que podemos contribuir. Assim sendo, quero sonhar, lutar e acreditar em dias de solidariedade, pluralidade, diversidade, inclusão e transformação social (FREIRE, 1992). Acredito ser possível por meio da educação.

Agora, para ser possível, devemos sair da inércia do repouso e passar a reivindicar melhores formações, formações continuadas, melhores condições de trabalho e maior reconhecimento dos trabalhadores e trabalhadoras em educação. Isso do ponto de vista econômico e conseqüentemente social, e, com isso, cobrar abertamente desses profissionais melhores resultados e maior compromisso com o que fazem.

O movimento de ensinar e aprender deve ser repensado. Não podemos e nem devemos permitir o olhar para uma criança, adolescente ou jovem com um olhar de apenas depósito de informações (FREIRE, 2005). Devemos encarar como um ser em formação. Esse olhar passa por nós, enquanto seres em formação, tanto inicial, quanto a continuada. O que quero dizer com tudo isso, é que devemos moldar nossos discentes, formar com valores de cidadania, respeito, democracia e paixão pelo que fazem.

Quando falo em melhores condições, falo em uma realidade triste, uma realidade que, lamentavelmente, persegue as instituições de ensino. Falo das poucas condições estruturais. É sabido, como essa pandemia escancarou o abismo entre as classes sociais. Desde o simples fato de uma pia, um banheiro até a escuridão total da falta de internet nas escolas, sem falar que muitas padecem, literalmente com instalações elétricas antigas, falta de subestações e isso, vem ou veio ainda, deixar

uma grande distância entre educação dos mais favorecidos e a maioria dos filhos do povo trabalhador brasileiro que em sua imensa maioria, frequenta escolas públicas que deveriam oferecer mais qualidade.

Quando decidi escrever sobre o perfil do professor de matemática do novo ensino médio, foi e é no sentido de investigar a formação inicial, a formação continuada, quais as angústias, decepções, anseios, reivindicações e vontades desses profissionais que todos os dias trabalham e buscam, com o seu fazer pedagógico, uma transformação social desse extrato social.

Saber o que os discentes pensam sobre a disciplina, também é um ponto central desse debate. Não podemos abandonar o que o Freire (2019, p. 138) menciona: “ensinar exige querer bem aos educandos”. Ou seja, a afetividade entre docentes e discentes é importante neste processo de ensino e aprendizagem. Cabe ressaltar, não podemos e nem devemos coadunar de práticas equivocadas, aceitar licenciaturas e não compromisso com as atividades e tarefas impostas pela prática docente.

Não tenho a pretensão de achar que posso modificar a realidade do mundo sozinho. Mas, tenho convicções e crenças, não apenas utopias, de que posso contribuir com um mundo muito melhor. Muito mais solidário e harmonioso. Para tanto, pensar que educação transforma o mundo seria uma utopia, um romantismo muito grande. Contudo, não pensar e não imaginar que a educação não transforma vidas de pessoas seria negar o próprio eu, muitos testemunhos de colegas docentes e muitos filhos de pobres no Brasil que tiveram situações modificadas pela oportunidade de estudos, de buscas e de insistência no caminho de buscar e construir conhecimento.

Vamos contribuir mostrando na nossa dissertação o perfil do docente de matemática, os seus anseios, as suas dificuldades, apontar onde e aonde os poderes constituídos podem e devem interferir e assim possibilitar realmente educação pública, gratuita e de qualidade. Demonstrar que a matemática deve ser vista de forma diferente, mostrar

que essa disciplina faz parte do nosso dia a dia, mostrar que é, e foi, uma ação humana no decorrer dos anos, décadas, séculos e milênios. Demonstrar que todos podem aprender matemática e, com isso, ter uma linha de formação mais completa.

Precisamos desmistificar o pensamento que a matemática é para gênios. Assim, como qualquer outra disciplina, matemática passa pelo querer, pelo planejamento, por horas de estudos e dedicação. Assim como o jovem passa horas nas redes sociais, precisamos, urgentemente, abrir e fomentar esse desejo dos jovens, adolescentes e crianças pelo ensino e aprendizagem desse importante itinerário formativo que a matemática e suas novas tecnologias nos apresenta para formação, tanto em termos técnicos, quanto de formação para cidadania e necessidade do dia a dia. Afinal, a matemática se encontra em todos os lugares e espaços.

## Referências

FREIRE, P. **Educação como Prática da Liberdade**. 34. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 46. ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2005.

FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 14. ed. Rio de Janeiro - RJ: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 59ª. Ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2019.

## NARRATIVA (AUTO) BIOGRÁFICA – HISTÓRIA DE VIDA E FORMAÇÃO DE UMA PROFESSORA

Janicleide Tavares de Carvalho

### **Vida e formação...**

Eu me chamo Janicleide, não gosto deste nome porque desde criança todos me chamavam de Jane. O nome Janicleide só era citado quando minha mãe estava braba. Sendo assim, até os dias atuais, quando ouço o nome Janicleide fico na expectativa de que fiz algo errado.

Sou filha de agricultores, meu pai estudou até a 4ª série (hoje 5º ano do Ensino Fundamental) e minha mãe não conseguiu ser alfabetizada. Tenho três irmãs, hoje todas com curso superior. Esse aspecto dá muito orgulho para minha mãe. Ela nunca conseguiu nos ajudar nas tarefas escolares para casa. Ela não sabia/sabe ler. Eu adoro ler, não sei como não fiquei com trauma de criança, porque minha mãe sempre me mandava ler as bulas de remédio. Meu Deus, não sei como ela entendia, porque eu nem entendia o que lia, lia apenas porque conseguia juntar as letras e formar as palavras. No entanto, amo ler, sou apaixonada por leituras.

Minha vida não foi fácil. Morava no sítio, meu pai só tinha filhas, e isso nos levava a dividir com ele as tarefas que deveriam ser executadas por homem, como cuidar dos animais, colocar água em casa, dentre

outras. No entanto, nunca deixei de ir à escola, mas ia sempre após cumprir as tarefas em casa. Não tínhamos transporte, íamos a pé, eu e minhas irmãs andávamos mais de dois quilômetros. De toda forma era tão prazeroso! Confesso que tinha vergonha da minha vida quando eu era criança, vergonha de morar no sítio, vergonha de chegar na escola com as mãos cheias de calo do trabalho diário. Graças a Deus, hoje eu conto a todos, como forma de superação, para que eu possa ser motivo de esperança para outras pessoas.

Hoje sou casada, tenho duas filhas lindas, sou graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte e pós-graduada (a nível de especialização) em Literatura e Ensino pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN) e Psicopedagogia pela Faculdade Vale do Jaguaribe (FVJ). Sou professora de apoio pedagógico com vínculo efetivo da rede estadual de ensino do Rio Grande do Norte.

Quantas vezes nos deparamos com a pergunta acerca de como nos tornamos professores. Paulo Freire, com suas sábias palavras, nos diz que: “ninguém começa a ser professor numa certa terça-feira às 4 horas da tarde [...] Ninguém nasce professor ou marcado para ser professor. A gente se forma como educador permanente na prática e na reflexão sobre a prática” (FREIRE, 1991, p. 58).

Ao longo da minha vida, observando os percursos por mim percorrido, pude observar que não estava nos meus planos me tornar professora. As consequências me levaram a ser professora. Não tenho tantas lembranças de minha vida escolar, exceto de dois professores (os únicos homens que me ensinaram no Ensino Fundamental, anos iniciais). Sei que cheguei a estudar duas vezes a primeira série, pois na época existia a série fraca e a forte, para o aluno prosseguir para a série seguinte.

Minhas lembranças mais belas são da 2ª série, o ano que aprendi a ler. São lembranças gostosas, das práticas do professor, sua didática, como a aula era gostosa e prazerosa (embora nunca tenha realizado

essas práticas no meu cotidiano como professora). Lembro-me também do meu professor da 4ª série, que também tinha suas práticas pedagógicas maravilhosas. Eu era uma aluna destaque. As aulas eram muito divertidas. Até hoje guardo o prazer das leituras realizadas em sala de aula, dos finais que inventávamos para as histórias lidas. As aulas eram muito dinâmicas, com muitos jogos e competições.

Estes dois professores gostavam da sala organizada, não gostavam de muita bagunça e eram bravos. Acho que isso eu levei para a minha sala de aula. Os demais professores que passaram em minha vida no Ensino Fundamental anos iniciais, eu não tenho lembranças. Isso me entristece. Me instiga a não ser uma professora que não deixa marca nos seus alunos.

Em casa, como toda criança, gostava de brincar de “escolinha”, eu por ser a mais velha de três, era a professora (até hoje as paredes da casa da minha mãe estão marcadas com as tarefinhas). Quando minha irmã ficou doente, com uma bronquite, e isso a impedia de ir à Escola, eu fiquei responsável para realizar as atividades que a professora orientava diariamente.

Ao chegar nos anos finais do Ensino Fundamental, tinha as mesmas obrigações, gostava de estudar, alguns professores eram legais e tinham aulas divertidas, e outros eram horríveis. Como eu lembro bem dessas aulas chatas, hoje procuro não ser igual. Mas não tinha perspectiva de futuro, nem pensava em no que fazer após concluir o Ensino Médio.

Quando cheguei no Ensino Médio, tinha a opção de escolher entre o Normal e o Magistério. Só que devido às condições financeiras, poucos optavam por cursar o Magistério, diziam que existiam muitos gastos com materiais didáticos. Como a maioria, optei por cursar o Ensino Médio Normal. No entanto, logo no início do ano de 1999, na minha cidade surgiu uma escola privada de Educação Infantil, eu fui convidada a lecionar. Eu aceitei, sem pensar em como fazer, mudei de curso e fui para o Magistério.

Foi aí que me encontrei. Me apaixonei pelo curso e pela educação. Passei a ver com outro olhar a educação. Entretanto, só permaneci nessa instituição um ano e meio. No ano seguinte, eu me efetivei na rede estadual, como Auxiliar de Serviços Gerais (ASG). Não era o que eu queria para minha vida, mas ganhava “bem”.

Estava ali, na educação. Por estar na educação, eu tinha o desejo de ser professora. Até porque, quando a gente tem uma formação em uma área, o nosso desejo é de exercer a profissão escolhida. Mas infelizmente não era reconhecida. Por duas vezes assumi sala de aula, mas só porque o professor abandonava a sala (aposentadoria). Não gostava tanto, porque entrava na turma no final do ano, e faltava o diálogo do professor que antes estava na turma, me dizendo como deveria proceder. Lembro que o diretor me dizia que eu deveria alfabetizar o aluno. E me vinha a mente as aulas maravilhosas que tinha no Magistério, nos meus estágios. Mas sabia que ali eu estava “quebrando um galho”, eu não queria assim. Eu queria ser professora, ter minha sala. Eu acreditava que, por me faltar curso superior, eu não conseguia ter uma sala de aula. Contudo, via amigos meus, que nem tinham o magistério lecionando. Eu ficava muito triste.

Tentava o vestibular, mas não conseguia êxito. Não saía das licenciaturas, não sei se por falta de oportunidade ou por opção mesmo. Tentava Pedagogia, Letras e História (as únicas opções que o *campus* de Assú da UERN oferecia). Foi no ano de 2008 que consegui a tão sonhada vaga no vestibular.

A graduação serviu para aprimorar meus conhecimentos e mostrar que eu estava no caminho certo. Era tudo novo, mas por estar inserida no ambiente escolar, nada me assustava. Meus colegas de turma, às vezes ficavam aéreos com alguns termos da educação, como os PCN, os programas etc. Para mim, não era novidade, via tudo isso diariamente. Além de estar inserida na educação, eu tinha uma criança em casa. Então tudo que era estudado na sala de aula, eu associava em casa com minha filha e na escola com vivências.



Ainda não tinha concluído a graduação, no ano de 2012, houve na escola que trabalho uma grande falta de professor. Eu fui lecionar, como queria, desde o início do ano, porém, como a rede estadual estava convocando professores recém-classificados em concurso, a qualquer momento, eu iria ser substituída. Eu não queria! Eu desejava estar naquela turma o ano todo, foi o que aconteceu. No ano seguinte, no mês de janeiro, eu fui convocada para ser professora, meu sonho estava se concretizando. Eu teria minha turma o ano todo, poderia fazer o que mais gostava. Realmente fiz. Me sinto muito feliz, quando hoje vejo nas redes sociais o carinho que os alunos têm por mim. O carinho e a gratidão que percebo tanto dos pais quanto dos alunos.

Para ter certeza de que estava no caminho certo, participei da formação do PNAIC (Pacto Nacional Pela Alfabetização na Idade Certa), isso me fez aprimorar mais minha prática e adquirir mais conhecimentos para poder repassar para os meus educandos.

Em 2017, sai da sala de aula, para exercer o cargo de vice-diretora. Não estava nos meus sonhos, mas aconteceu. Tantas vezes sentia saudades da minha sala de aula, de estar com meus alunos. Em 2018, fui convocada para assumir, mais uma vez, pela rede estadual de ensino do Rio Grande do Norte, o cargo de suporte pedagógico, meu segundo vínculo. Fui direcionada para trabalhar em uma escola na cidade de Campo Grande – RN. Eu nunca tive experiência em outra escola, exceto nos estágios. Toda minha vivência foi na Escola Estadual Desembargador Felipe Guerra, em Triunfo Potiguar – RN. Eu aprendi muito com a nova instituição, muito mesmo. Era diferente, a escola era carente, recebi muita experiência e levei também muito aprendizado. Com o novo vínculo, tive de me afastar da gestão, então assumi a coordenação escolar, permaneço até os dias atuais.

Hoje, não estou lecionando. Como estou na coordenação pedagógica, trabalho mais com a formação de professores. Quero ingressar no mestrado e aprofundar pesquisas na área de educação especial, focando nas narrativas (auto) biográficas. Já cursei algumas disciplinas no Programa de Pós-Graduação em Ensino da UERN como aluna especial,

me apaixonei pelas narrativas quando cursei a disciplina “Pesquisa em Ensino”, com a professora Simone Rocha.

Quanto à educação especial, meu desejo surgiu quando ingressei na faculdade, percebia a dificuldade dos professores com a comunicação de um aluno surdo, a exclusão deste aluno na sala e o desespero de alguns professores que queriam ajudar e não sabiam como. Também percebo o desespero dos professores na escola em que trabalho, a falta de assistência por parte da coordenação pedagógica e dos demais professores no que concerne ao aluno especial, principalmente, o aluno com autismo. Acredito que com a pesquisa posso contribuir com a inclusão na instituição em que trabalho.

## **Referência**

FREIRE, P. **A educação na cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.

## NARRATIVAS DE VIDA – PERCURSOS FORMATIVOS DE UMA PEDAGOGA-PROFESSORA

Danielle Taumaturgo Dias Soares

### **Introdução**

Este texto (auto) biográfico objetiva, por meio de processos narrativos e descritivos, apresentar a história da minha vida educacional, em consonância com fatos pessoais, com os quais estou vinculada desde a infância. Construí-lo trouxe-me a prazerosa sensação de estar povoando o passado e sendo embalada pelos acontecimentos marcantes e inesquecíveis da minha vida.

Nele, estão registros de minhas realizações, das experiências adquiridas e de todo um processo de formação que embasam o meu SER e FAZER profissional. Os autores aqui citados, corroboram o meu pensar acadêmico e profissional, são eles minha base teórica na condição de pesquisadora.

### **Narrativas de vida articuladas à pesquisa acadêmica**

Descrever minhas trajetórias profissionais e pessoais é um desafio gratificante, haja vista que me trazem a sensação de caminhar por lugares adormecidos e de revisitar as experiências como uma

articulação entre biografia e educação nos diversos tempos da vida, em seus diferentes aspectos e espaços de aprendizagem (DELORY-MOMBERGER, 2008).

Sobre a biografia educativa Delory-Momberger (2008, p. 17) pontua:

[...] escopo da noção de escrita e deve ser compreendida como a ação cognitiva com a qual se desenha, antes de qualquer traço, a **figura de si**. A biografização é desse modo, uma ação permanente de **figuração de si** que se atualiza na ação do sujeito ao narrar sua história, a tal ponto que ele se confunde com esta [...]. (Grifos do autor)

Sou Danielle Taumaturgo Dias Soares, nasci aos 26 dias do mês de agosto do ano de 1970, em Crateús – CE, Município situado a 350 km de Fortaleza – CE, no qual meus pais moraram, trabalharam e onde construímos partes importantes de nossas histórias de vida e familiar.

Sou a primogênita dos sete filhos de meus pais, Samuel Conegundes Soares e Vera Lúcia Taumaturgo Dias Soares. Por meio do exemplo, recebi uma formação voltada para bons princípios e valores. A eles, devo muito do que envolve o incentivo, o encorajamento e a perseverança para a construção e realização de importantes planos pessoais e profissionais.

Nesse momento, me proponho a retirar da memória e do coração lembranças basilares de minha vida e as experiências que resultaram na pessoa que hoje me tornei e que, “distanciando-me do meu mundo vivido, problematizando-o, descodificando-o criticamente, no mesmo movimento de consciência, o homem [a mulher] se redescobre como sujeito instaurador desse mundo de sua experiência” (FREIRE, 1998, p. 14).

Minha primeira escola foi a Escola Topo Gígio, em Crateús □ CE. No referido espaço convivi com o lado maravilhoso da vida: as árvores e as frutas colhidas no quintal. Era um privilégio estudar em

uma escola sediada em uma casa pequena, porém, imensa, em tudo o quanto representa em minhas memórias afetivas. O convívio com os coleguinhas, o afeto das primeiras professoras, o sabor das groselhas e a doce companhia de minha irmã, Christianne Taumaturgo, hoje médica endocrinologista, me fortaleceram ao longo do tempo.

Eu e minha irmã dividíamos a mesma sala de aula, compartilhávamos os valorosos momentos das tarefas (praticávamos, sem saber, a aprendizagem colaborativa) a nos organizar para as idas e vindas da escola. Havia uma pequena diferença de idade entre nós e uma afinidade que não se perdeu com o passar dos anos.

Estudei no Colégio Estadual Lourenço Filho, em Crateús – CE. Uma escola pública escolhida pelos meus pais como um lugar que me possibilitaria vivências e experiências significativas. Dessa época, guardo a lembrança de uma profissional firme, respeitosa e afetuosa: Tia Gorete.

Em 1980, por ocasião da transferência de meus pais de Crateús para Picos – PI, passei a estudar no Instituto Monsenhor Hipólito, colégio religioso, onde cursei o quinto e o sexto anos. Nessa escola vivi momentos inesquecíveis! Lembro da organização e higiene dos ambientes, do nível de qualificação dos professores, das árvores frondosas que amenizavam o calor da cidade, dos perfumados lanches sempre compartilhados com colegas agradáveis e divertidos. Da convivência nessa escola ficaram sólidos vínculos que nem o tempo e nem a distância desfizeram, o que chamamos de amizades para toda a vida.

No ritmo das condições profissionais de meus pais, mais uma vez foram transferidos do Piauí para o Ceará. Dessa vez para uma cidade dotada de privilégios naturais chamada Ipu – CE. Lugar que atraía muitas pessoas por seus encantamentos naturais. Lugar tranquilo, arborizado, e possuidor de uma linda queda d'água, que serviu de cenário para a obra Iracema, de José de Alencar.

Falar de Ipu me emociona, pois lá vivi muitos anos e de onde tenho memórias muito significativas de minha vida. Estudei nessa cidade do

sétimo ano, do Ensino Fundamental, ao terceiro ano do Ensino Médio, em uma escola chamada Centro Educacional Sagrado Coração de Jesus, um colégio também religioso, de arquitetura singular, que abrigou parte de meus mais doces sonhos e planos de adolescência.

Envolvo-me de alegria e entusiasmo ao relatar que meu Ensino Médio foi o Curso Normal, voltado integralmente para formar professores. Fatos interessantes nessa etapa é que aqui, eu e minha irmã tomamos rumos diferentes: enquanto eu fiz a opção pelo curso normal, ela fez a opção pelo científico. Outra questão a ser lembrada é que no último ano dessa etapa, casei-me e logo em seguida, engravidei. Foi preciso conciliar, a partir daí, outras obrigações, que se somaram às obrigações do colégio, exigindo desdobramentos e planejamentos acelerados, sempre visando o êxito para as múltiplas missões. Tudo se deu de forma tranquila diante da polivalência de atividades.

Nasceu Pedro Érico e os estudos tiveram que esperar um pouco. Chegou a hora de vivenciar a maternidade e o amor em estado pleno. Passados alguns anos, retornei à faculdade, passando a cursar Pedagogia, na Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA. Lá me identifiquei bastante com a perspectiva de ser professor, passando, desde então, a me projetar para essa função.

O contato com as rotinas de sala de aula, da gestão escolar e de tudo que envolvia o mundo da educação me conquistou. Chamaram-me atenção a missão, os propósitos e o espírito público que envolviam os segmentos educacionais.

Terminei a faculdade vislumbrando uma oportunidade para ingressar no universo da docência. Não demorou muito e em 1997 surgiu um concurso para professor da rede estadual. Aprovada, assumi em 1998, a lotação em duas escolas no Município de Ipu – CE, como orientadora de aprendizagem. Na Escola Monsenhor Gonçalo Lima e na Escola de Ensino Médio Auton Aragão vivi as primeiras experiências profissionais como pedagoga e senti que era para além de apenas exercer a profissão, eram afinidades e amor ao contexto da educação.

Como pedagoga dei suporte às aulas do Telecurso 2000, implantado nas escolas estaduais, com o intuito de corrigir o fluxo idade/série. O contato com os estudantes, a preciosa interação com cada um deles me fez perceber o poder desse vínculo. Passei a me perceber como um instrumento desbravador para as conquistas sonhadas por eles. Isso foi apaixonante!

Surpreendia-me a forma como cada estudante via seus professores, o quanto os tinham como referência, e como se espelhavam, admiravam, queriam estar perto. Foi nesse primeiro ano de trabalho que vi de perto a luta das famílias mais carentes para que seus filhos estudassem. Presenciei vários deles irem à escola pela alimentação que era servida, constatei de perto a desigualdade social e suas consequências.

No ano seguinte, em 1999, concentrei a carga horária somente na Escola de Ensino Médio Auton Aragão, lecionando nos turnos matutino e vespertino. Lá, a cada dia me sentia mais parte dessa instituição. Existia uma ambiência especial, uma espécie de irmandade, muito empenho e engajamento. Nesse mesmo ano, iniciei minha primeira especialização, a nível de *lato sensu*, pela Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, voltada para a formação de professores.

Em 2001 fui mãe mais uma vez. Nascia o Vitor, hoje um lindo rapaz, estudante de Engenharia Civil. Com dois filhos e apaixonada pela Pedagogia, entrei literalmente no âmbito educacional e continuei avançando nesse universo. Após oito anos atuando como professora, fiz o concurso para diretora da escola, sendo aprovada. Em seguida, fui submetida à eleição, concorrendo com uma colega de trabalho. Para minha surpresa, obtive uma aceitação que resultou em 97,6% dos votos válidos.

Iniciamos (nós da escola) uma gestão com ares de inovação, dando uma especial atenção ao aspecto físico da escola e fortalecendo os pontos fortes que eram, indiscutivelmente, os laços entre todos os segmentos. Com essa repaginada e com a confiança da comunidade

escolar, no primeiro ano de gestão triplicamos o número de matrículas e ganhamos por três anos seguidos o prêmio de Escola Destaque.

Nessa época iniciei a segunda especialização, também a nível *lato sensu*, em Gestão e Avaliação Pública, ofertada pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Construímos uma linda e marcante história para os estudantes e para todos que, de alguma forma, interagem com a escola.

Concluído o período da gestão, fui convidada a assumir o cargo de Secretária Municipal de Educação de Ipu – CE. Aqui, enfrentei os maiores desafios profissionais. A gestão técnica era exigente, a gestão política que naturalmente permeia esse ambiente era desafiadora, somadas ao volume de processos e ações.

A rotina de uma secretaria municipal é gigantesca e acaba recebendo muitas interferências, sendo necessárias segurança dos propósitos e muita comunicação com a comunidade para garantir a licitude e concretização do projeto. Muitas vezes vi o sol nascer porque queria participar das principais decisões. Passei pouco mais de um ano nessa função. Em 2010 recebi um convite para assumir uma função na Secretaria de Educação do Estado – SEDUC, para trabalhar no gabinete do então Secretário Executivo, Idilvan Alencar.

Dentro das minhas atribuições, fui indicada para atuar como articuladora entre a Casa Civil e a SEDUC, facilitando, especialmente, projetos de juventude que se desenvolviam em parceria com nossas escolas. Foi uma experiência gratificante que ampliou muito meu conhecimento, meus contatos profissionais e minha visão sobre muitos aspectos da educação. A Pedagogia aqui se somava às vivências que envolviam muitas questões administrativas, e muito me surpreendeu a imensidão de fluxo de processos para que a educação pública cearense funcionasse. Aqui, conheci a amplitude desse órgão e o volume das ações.

Já em 2014, tive a oportunidade de assumir a Assessoria Institucional do Centro de Educação a Distância – CED, em Sobral – CE.



Nesse ínterim, tive muito contato com o mundo acadêmico e participei da construção do projeto desse órgão. Melhorei minha formação, aproveitando a oportunidade de cursar o que estava dentro de minhas possibilidades. Participei de bancas avaliadoras de seminários acadêmicos, conheci e participei do desenvolvimento de cursos, sendo coordenadora e tutora de outros.

Com tudo isso, adquiri novas experiências ao transitar no universo virtual, já que muitas ofertas eram acomodadas nas plataformas. A educação a distância foi a principal referência do CED, durante alguns anos.

Em 2016 retornei à capital cearense, assumindo a assessoria especial de gabinete, junto ao então Secretário titular da pasta, Idilvan Alencar. Nessa época, a SEDUC apresentava uma movimentação diferenciada. Idilvan sempre foi dinâmico, criativo e tinha muito desejo em realizar. Foi um grande professor de vida para mim e, até hoje, um grande amigo, além de uma referência. Na sua gestão, a dimensão escolar teve grande renovação, houve expansão das escolas profissionalizantes, o regime de colaboração entre a secretaria e os municípios se consolidou e muitas ações que se voltavam para a modernização e informatização de processos. Vivenciei experiências únicas que fortaleceram muito meu espírito público. Tudo tinha que acontecer com muita velocidade e os trâmites dos processos foram acelerados.

Atualmente sou assessora especial de gabinete, atuando diretamente com a secretária de educação do Estado do Ceará, Eliana Estrela, com quem aprendo todos os dias, e a quem agradeço a confiança, a amizade e as partilhas diárias. Louvo por tantas alegrias.

Por fim, concluo que conheci um gigantesco universo da Secretaria de Educação do Ceará, e é o que me abriga profissionalmente até hoje. Aqui as pessoas e o ambiente são grandes incentivadores de formações, de aperfeiçoamentos a fim de que possamos enriquecer nossos currículos na profissão professor.

O ano de 2021 me traz a grata e singular satisfação em cursar o mestrado. Encontro-me no conforto da realização de um sonho. Lembro, carinhosamente, da entrevista com o Professor Jean Mac Colle e Professora Eliane Anselmo. Sentir-me estudante do Programa de Pós-Graduação em Ensino – POSENSINO é estar em um desdobramento singular que me faz muito feliz e realizada. Conciliar trabalho e estudo exige superação, fortaleza e muita perseverança, porém, as celebrações são constantes. Conviver e aprender com professores de tanto talento e competência como os Professores Emerson Medeiros e Osmar Hélio, é um privilégio.

Nesse momento, me volto para a percepção da importância de estar aqui, de poder compartilhar com vocês essa história construída e fortalecida nos desafios e nas vitórias. Chegando ao final desse trabalho, agradeço a Deus e a todos que participaram de alguma forma para que essa trajetória pudesse ser transportada através dessa escrita.

Sobre os fatos aqui trazidos, Freire (2001, p. 35) expõe:

Crescer como profissional significa ir localizando-se no tempo e nas circunstâncias em que vivemos para chegarmos a ser um ser verdadeiramente capaz de criar e transformar a realidade em conjunto com os nossos semelhantes para o alcance de nossos objetivos como profissionais da Educação.

Ao finalizar o memorial, reflito sobre o quanto, ao longo da vida, lapidamos nossa identidade profissional. Adaptamo-nos, readaptamo-nos; construímos e reconstruímos. É um constante estar-no-mundo nos processos de mudanças.

Essa linha do tempo construída neste escrito é demarcar, biograficamente, uma vida transcrita que gera reflexões e espírito de gratidão. São muitas as bênçãos recebidas por meio das aprendizagens e pelos apoios tantas vezes irrestritos. Tudo isso traz uma clareza do quanto precisamos estar bem conosco e com o que estamos nos propondo a fazer, sempre consciente de que não se constrói uma trajetória sozinha.

Registro aqui a minha gratidão as muitas mãos que facilitaram e oportunizaram o meu amadurecimento e o crescimento em amplos aspectos, com a clareza de que nunca estaremos prontos. Na esperança de que o próximo registro (auto) biográfico não demore e que eu tenha a chance de ampliar e socializar os novos itinerários percorridos, no qual a dedicação, a interação, o protagonismo e o compromisso sejam sempre marcas que possam acompanhar as atividades que me proponho, e que estas possam reverberar contribuições sólidas e confiáveis para uma educação cada vez melhor.

## Referências

DELORY-MOMBERGER, C. **Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto**. Natal: Editora da UFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 25ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

FREIRE, A. M. A. **A pedagogia da libertação em Paulo Freire**. São Paulo: Editora UNESP, 2001.



NAVEGANDO PELO “RIO” DOS SABERES RUMO  
AO “OCEANO” DE DESCOBERTAS: (AUTO) BIOGRAFIA  
DE UM EDUCADOR

Roberto Rufino Freire

O ENCONTRO DO RIO JAGUARIBE COM O MAR

*Lá se vai o Jaguaribe  
Em seu curso a correr;  
Tudo é tranquilo à sua volta  
Até no mar desaparecer.  
O encontro com o grande mar  
Sufoca-lhe o coração;  
O desespero faz-lhe pensar  
Que tudo perderá a razão.  
No decorrer de seu percurso  
Mil pensamentos lhe vêm à mente:  
Será que devo parar  
Ou seguir audaz em frente?  
Os pássaros que lhe sobrevoam  
Dizem que o mar gigante  
Lhe encobrirá por completo  
E o salgará num instante.  
De repente um barulho  
Faz o Jaguaribe estremecer;  
É o tão preocupante encontro,  
Lá na Barra, no alvorecer.*

*O Jaguaribe então grita:  
Minha vida está por um fio;  
Seu coração alegre se agita,  
Ele venceu seu maior desafio.  
O Jaguaribe é você,  
Alguém com um grande ideal,  
Que quando se depara com o mar,  
Pensa que chegou no final.  
O mar é apenas o começo  
De sucessivas e belas vitórias,  
Uma mudança de endereço,  
Com novas e emocionantes histórias.  
Esse mar são os desafios  
Que você certamente encontrará,  
Desafios em forma de desânimo  
Que tentarão te parar.  
Siga em frente  
Isso é tão somente o curso da natureza;  
Não desanime, mas tente,  
Você vai vencer com certeza.  
(ROGÉRIO RAMOS, 2005)*

Minha trajetória escolar iniciou no pequeno Município de Alto Santo - CE. Cidade localizada na microrregião do Baixo Jaguaribe (Região do Vale do Jaguaribe) a 245 km de Fortaleza-CE. No entanto, não foi lá que eu nasci. Em 04 de setembro de 1985, veio ao “mundo” essa pessoa que vos fala, nascida em Salvador - BA. Na época, meus pais moravam na capital soteropolitana. Com três anos de idade minha mãe, eu, meu irmão, minha irmã mais velha e minha tia Lúcia viemos para o Ceará, retornando para a “terra” dos meus familiares.

Aos cinco anos fui matriculado na Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Urcesina Moura Cantidio (antigo grupo escolar) e nesse espaço dei por início efetivamente minha trajetória educativa. Lembro-me de alguns fatos relacionados às aulas da professora Uilma Tavares – tia Uilma - (*in memoriam*). Professora brilhante e bastante acolhedora, cujas ações voltavam-se as práticas lúdicas e dinâmicas

próprias da Educação Infantil. Na época a modalidade de ensino era intitulada “jardim de infância”.

Nessa escola, tive a oportunidade de ter professoras maravilhosas, TODAS mulheres, até o final da minha formação no Ensino Fundamental, anos iniciais.

Em 1997, aos 12 anos de idade, fui para o Centro Educacional Alexandrino Diógenes (antigo CNEC). Passei um ano nessa instituição e conheci outra realidade da educação: as disciplinas eram voltadas para uma estrutura de ensino e aprendizagem especializada cujos conteúdos eram fragmentados dentro de seus respectivos componentes curriculares. Essa foi minha única experiência em escola particular.

No ano seguinte, a escola CNEC entrou em declínio no nosso Município, ocorrendo um dos primeiros dilemas na minha trajetória educativa, haja vista que, os estudantes ficaram divididos entre duas instituições: E.M.E.F. Urcesina Moura Cantídio e E.E.F.M. Francisco Nonato Freire. Esta última se situava na entrada da cidade e a outra na saída. Minha mãe havia me matriculado na segunda unidade escolar (Francisco Nonato Freire). No entanto, eu não gostei, *a priori*, da ideia pois, muitos dos meus antigos colegas foram para a nossa antiga escola (Urcesina Moura Cantidio) e essa situação me causou uma nostalgia sem tamanho.

De tanto resistir acabei cedendo aos direcionamentos familiares. Nessa época não havia muito diálogo no sentido de perceber a importância e a vontade da fala dos jovens. Os “adultos decidiam nosso futuro”.

Em 1998, fui para a escola E.E.F.M. Francisco Nonato Freire. Foi uma adaptação bem complexa levando em consideração as mudanças estruturais e sociais daquela nova conjuntura escolar. Havia poucas pessoas conhecidas e amigos. Passei cinco anos da minha vida vivendo naquela realidade. Aos poucos fui me adaptando às relações de sociabilidade entre colegas, professores e núcleo gestor.

Eu adorava a diretora da referida escola. Ela possuía o mesmo sobrenome que o meu (Rufino). Ou seja, éramos parentes, e essa

identificação me deixava feliz pois eu me sentia acolhido. Ela sempre me tratava bem. Minha trajetória escolar até esse momento era bem na perspectiva do estudante que “fazia a tarefa de casa”. Eu tinha. “boa conduta escolar, comportamento e disciplina exemplar” (falas da diretora).

A partir de 2002, me foi dada a oportunidade de integrar o grupo de teatro da referida escola. O grupo intitulava-se “Cia. De teatro Alto Arte” e a partir de então algo novo surgiu. A experiência no teatro coloriu a minha vida em muitos aspectos. Lembro-me que nesse período eu me encontrava na flor da adolescência (16 anos). Muitas descobertas foram surgindo assim como dúvidas, anseios e medos em relação a minha vida pessoal e afetiva. Nessa mesma perspectiva, as mudanças na relação com os estudos e outras aprendizagens.

Minha trajetória no teatro contribuiu de forma significativa para que eu me tornasse mais comunicativo e deixasse a timidez de lado (eu era muito tímido). Havia dois momentos distintos nessa época. No turno da tarde eu estudava as disciplinas da base comum e a noite ocorriam os ensaios da Cia de teatro.

Quando finalizei o Ensino Médio, passei três anos estudando para prestar vestibular na UECE (campus de Limoeiro do Norte - CE) e nas horas vagas me dedicando ao teatro. Em 2005 participei de um curso de artes cênicas em Limoeiro do Norte, intitulado “Encontro das Artes do Povo Jaguaribano”. Foi uma experiência enriquecedora, uma vez que, tive a oportunidade de conhecer outros artistas da região.

Também fiz dois anos de dança flamenca no mesmo projeto supracitado. Eu amava, simplesmente amava! Minha parceira de ensaio era a própria professora do curso Adriana Leite (professora do IFCE do campus de Limoeiro do Norte - CE).

Em 2006, fui aprovado no vestibular para o curso de História após cinco tentativas. Esse momento foi ímpar em minha trajetória, uma vez que, eu havia prestado o certame para os cursos de Biologia, História, Geografia, Pedagogia e mais uma vez História.



Iniciei meus estudos em meio a uma turbulência acadêmica (greve dos professores), dando início de fato, em janeiro de 2007. Eu era o único graduando da minha cidade em uma turma de quarenta e cinco discentes. Foi uma época nova e de difícil adaptação às novas relações apresentadas.

Aos poucos as “águas” foram se diluindo junto aos novos “afluentes” e fui gostando do curso e me enturmado com os colegas de sala. No segundo semestre de graduação me inscrevi para o processo de seleção para bolsistas do PET (Programa de Educação Tutorial) de História. Fiquei muito feliz com minha classificação (1º lugar).

Passei um ano no programa e por motivos de força maior (trabalhar no contraturno das aulas da faculdade) tive que pedir desligamento, haja vista que, o benefício da bolsa atrasava e eu necessitava do meu emprego na Prefeitura do Município de Alto Santo para custear o transporte da faculdade (na época não havia transporte público para os graduandos no turno da tarde).

Lembro-me bem dessa realidade em que eu não possuía condições para custear o meu traslado (ida e volta). Desse modo, eu pagava a ida e após a aula eu retornava “pegando carona” na estrada. Um fato bem marcante na minha trajetória acadêmica que não me envergonho de citar aqui uma vez que, quem deveria se envergonhar são os representantes políticos por não oferecerem políticas públicas gratuitas de acessibilidade para que os jovens possam estudar e se graduar objetivando uma ascensão profissional digna, justa e de qualidade.

A experiência acadêmica, assim como os percalços no processo formativo enriquecera a minha visão de mundo, me tornando forte e resiliente. Foi muito proveitoso o período acadêmico. Ele me permitiu “mergulhar” no universo das disciplinas, leituras, eventos (seminários, encontros acadêmicos, simpósios, semanas universitárias) e tudo o que compõe o universo do ensino, pesquisa e extensão universitária.

Lembro-me que no último semestre da faculdade já estávamos bem amadurecidos sobre teorias e discussões na seara acadêmica.

Neste sentido, fiz uma indagação à professora da disciplina de Estágio Supervisionado II.

Eu: “Professora? Quando iremos nos debruçar sobre as práticas pedagógicas de ensino aprendizagem?” A essa altura do curso só vimos conteúdo. Ela respondeu:

“Rufino, e conteúdo não é suficiente?”

Eu particularmente tenho grande apreço por essa professora, era muito gentil, fala suave e sorridente. Mas, havia um certo engessamento na sua prática pedagógica, uma mesmice, uma imobilidade teórico-prática nas relações de ensino aprendizagem. Característico do universo acadêmico. O que Franco (2018) conceitua como sendo “saberes de conteúdo”.

Nesse mesmo último ano (2010) de graduação, me inscrevi em uma especialização em “Arte Educação e Cultura Popular” por meio do instituto Plus de Educação, chancelado pela Faculdade Darcy Ribeiro. Talvez, alimentando esperanças de renovar no campo das artes uma possibilidade de prosseguir com meu sonho de adolescente em ser artista. Fase essa da minha vida que, comungou de forma significativa no meu trato com os métodos e traquejos próprios da docência.

Após a formatura em 2011, tomei conhecimento, através de um amigo, sobre a seleção para professores de uma Escola Estadual Educação Profissional no município de Beberibe - CE (Litoral Leste). Me dispus a fazer o processo seletivo mesmo com pouca experiência em sala de aula no Ensino Médio. Dos candidatos eu era o que morava mais distante desse município.

Lembro-me bem da primeira pergunta em minha entrevista: “Porque você veio de tão longe para prestar essa seleção?” (187km de Alto Santo para Beberibe). Eu respondi: “Para crescer profissionalmente e pessoalmente enquanto ser humano”.

Fui selecionado e, mais uma vez, estava eu em um lugar completamente desconhecido, mas, fiz, faço e farei das dificuldades oportunida-

des de crescimento e deposito grande parte das minhas energias físicas, psicológicas e espirituais nessa empreitada educativa. Já se passaram quase onze anos e ainda me encontro na mesma instituição de ensino compondo o quadro de professores da EEEP Pedro de Queiroz Lima, situada em Beberibe - CE. Enfim, o rio chegou ao mar.

Aprendi a amar esse lugar no qual encontro desafios e possibilidades que me enriqueceram enquanto pessoa e profissional. Resultados esses estampados nos rostos dos alunos, ex-alunos e eternos aprendizes da vida em que estamos inseridos.

No ano de 2012, cursei minha segunda especialização em “Gestão e Coordenação Escolar”, pela Faculdade Kurios - FAK (Maranguape - CE).

Em 2016, tomei posse no concurso do município para professor, assumindo um novo desafio: uma sala de aula na Educação de Jovens e Adultos (EJA), na Escola Municipal de Ensino Fundamental Pedro de Queiroz Ferreira. Eu nunca havia ministrado aulas para estudantes considerados fora de faixa etária, mas não desanimei. Encarei a oportunidade para enriquecer meu leque de aprendizagem mútua. O que mais me encanta são as realidades de vida dos estudantes, convivo com alunos entre 20 a 70 anos de idade, e suas histórias de vida são profundamente singulares. Aos poucos fui me adaptando a essa nova conjuntura de ensino e de aprendizagem aprendendo com eles (alunos da EJA) a me reinventar cotidianamente.

A carga horária de trabalho se tornou bastante exaustiva, porém, não desanimei. Costumo dizer que sou “casado” com o meu trabalho e que tenho muito a aprender nas relações de partilha e reciprocidade entre as experiências de vida dos estudantes e o acúmulo de conhecimentos que adquirimos no espaço acadêmico. Pois Segundo Araújo, Fortunato e Medeiros (2021) “conhecer os estudantes, suas crenças, valores, histórias e experiências e aprender com eles [...] devem despertar, nos professores formadores, atitudes de autocritica contínua sobre as práticas construídas, a consciência do inacabamento [...]” (ARAÚJO; FORTUNATO; MEDEIROS, 2021, p. 13).

Segui o curso das águas doces do rio Jaguaribe oscilando entre doçuras e sabores nesses percursos até desembocar no mar (Morro Branco/Beberibe), entre desafios e descobertas na esperança de colaborar de forma significativa para o ensino e a aprendizagem dos meus alunos e transmitir para eles uma mensagem elucidativa de esperança na educação pública de qualidade e na busca por valores, sentidos, dignidade e justiça social.

Em 2020, mediante o cenário de pandemia, me dei ao luxo de receber novos “ventos” que, iriam direcionar meu “barco” rumo a novos conhecimentos e aprendizagens. Neste sentido, pude dedicar parte do meu tempo para os estudos acadêmicos e elaborei um projeto de pesquisa intitulado “Diálogos da Consciência Negra: Práticas, Vivências e a Formação de professores para efetivação da lei 10.639/2003 na EEEP Pedro de Queiroz Lima em Beberibe - CE”, ressignificando um projeto interdisciplinar realizado a dez anos na instituição de ensino médio profissional.

*A priori*, tentei seleção para o PPGE/UECE e não passei, depois prestei seleção para o mestrado profissional da UNILAB e novamente não obtive êxito. Mais uma vez “Quando eu quase desisti, eu passei”. Um amigo me falou do Programa de Mestrado em Ensino (POSENSINO) e sem muita esperança, mas, com curiosidade em tentar uma vez mais, resolvi me inscrever e passei nas três etapas da seleção.

Fazia dez anos que eu estava afastado do universo acadêmico, porém, o retorno está sendo bastante significativo, o que eu chamo de “reencantar-se” na aprendizagem acadêmica. Leituras, debates e reflexões mediadas pelos professores do programa estão somando para eu “ver” e aprender a partir das experiências e trocas, novas possibilidades educativas e crescimento profissional na imensidão do “oceano” acadêmico.

“Hoje eu sou feliz por conta do rumo que a minha vida tomou. Compreendi que ela segue seu ciclo, como um rio que sempre deságua no mar. Assim sou eu e assim quero sempre viver” (Autor desconhecido).

Assim como o título deste memorial me permite seguir o curso de um rio que, independentemente das dificuldades e percalços que encontre em seu caminho ele sempre irá contornar rumo a seu objetivo maior que é chegar ao “mar” de saberes e descobertas.

Digo isso em relação à minha trajetória e motivação que me fizeram docente. Como relatei anteriormente, nós, oriundos de famílias humildes e batalhadoras, não possuímos o leque de oportunidades daqueles, considerados mais afortunados financeiramente. Muito pelo contrário, o motivo que me fez ingressar na licenciatura foi, evidentemente, dois:

Primeiro, não possuía condições de me manter em um curso de ensino superior que pudesse custear os meus estudos acadêmicos.

Segundo, as perspectivas de desnivelamento social e econômico dos estudantes da escola pública em relação aos da escola privadas são deveras abismais. Não estou querendo justificar aqui essa disparidade, mas, as “preparações” para o ingresso universitário seguem oportunidades e caminhos bem distintos.

Neste sentido, a carência de trato da escola pública em relação aos estudantes pré-universitários assim como das condições financeiras para ingressar e se manter em cursos “aburguesados” (medicina, engenharia e direito) distanciam as opções de qualificação profissional entre afortunados e desfavorecidos.

Eu, enquanto filho de mãe divorciada com mais três irmãos em um município do interior cearense, oriundo da escola pública, era de se esperar que possivelmente seguisse o que estava ao meu alcance ou seja, a licenciatura.

Não iniciei a docência com paixão pelo ensino e a aprendizagem, porém, eu sempre me simpatizei pela área de humanas, especialmente, a disciplina de História. Havia uma professora no meu Ensino Médio (Mara Maria Mourão) inspiradora que me ensinou a ler, entender e criticar as estruturas e as conjunturas políticas e sociais vigentes, clarificando minha visão do “mundo”.

Na universidade, fui me encantando em torno da seara acadêmica. A cada disciplina, regado pelos debates entre colegas e professores e todo o universo de limites e possibilidades que se apresentavam inseridos nessa conjuntura, me fez sentir esperançoso, em talvez, levar uma mensagem na perspectiva de somar esforços e contribuir, através da educação, para mudanças no comportamento dos jovens. E quem sabe mudar a realidade deles para que no futuro pudessem juntos construir uma sociedade mais justa, igualitária e humana.

A educação me capturou como uma entidade se incorpora a um médium, e esse “namoro” foi se tornando frutífero. Assim que eu cheguei em Beberibe - CE para lecionar na escola profissional eu não conhecia muitas pessoas. Desse modo, eu passava os fins de semana na cidade vizinha na casa de um amigo (o mesmo que indicou a seleção da escola). A família dele era a única família que eu possuía nessa região.

Certa vez, no mês de agosto, eu e meu amigo fomos convidados para ir a uma festa de Iemanjá em um terreiro de umbanda em Cascavel - CE. Fiquei curioso com a oportunidade de conhecer pela primeira vez um centro religioso de matriz africana, uma vez que, integra o universo de discussões acadêmicas próprias do curso de História. Dessa forma, me permiti vislumbrar esse “novo mundo” e foi “amor” à primeira vista.

Lembro-me dos muitos detalhes desde o altar montado sob uma barca feita de cipó com a imagem de Iemanjá no centro, assim como das vestimentas dos filhos e filhas de santo nas cores azul e branco. Tudo era lindo, mágico, fantástico e novo para meus olhos. A magia da umbanda me encantou em todos os sentidos e formas, despertando o meu interesse pelas discussões, leituras e reflexões em torno de uma temática importante e negligenciada pelo currículo escolar no que tange as nossas heranças afrodescendentes.

Resolvi encabeçar o desafio de implantar na minha escola um projeto junto ao corpo docente que nos permitisse dialogar em torno da temática africana e afrodescendente com o intuito de aglutinar debates e discussões a respeito do legado simbólico e cultural dos nossos an-

tepassados em prol de uma educação antirracista e decolonial. Assim como da importância dos mesmos para a formação da cultura nacional.

A princípio, eu não sabia ao certo o que fazer, só havia a paixão pela temática e dentro dela muitas vertentes que consubstanciavam as diretrizes educativas afroreferenciadas. Como tratar esses temas em sala de aula cujo livro didático resume-se ao legado da escravatura negra mais precisamente nos livros didáticos do segundo ano do Ensino Médio?

Foi a partir desse momento que, aos poucos, eu, a professora de artes e a regente de multimeios pensamos em tratar do tema no dia 20 de novembro (Dia da Consciência Negra). Na época só havia o apoio do diretor da escola e dos alunos. Os professores não se envolviam diretamente nas ações do evento.

Aos poucos, o projeto fora ganhando forma e corpo. Em 2014, me foi dada a sugestão, por meio de uma professora militante da causa negra, de tratar também dentro do projeto uma formação pedagógica que comungasse para uma possibilidade de debate sobre diferentes temas (identidade negra, lei 10.639/03, negritude, feminismo, empoderamento, entre outros).

No decorrer das edições do evento diversas ações no formato de palestras, círculos de leitura, performances artísticas foram inseridas na realidade dos alunos procurando estabelecer uma relação dialógica entre as esferas docente e discente objetivando construir ideias e estratégias que possibilitassem contribuições significativas para as temáticas em torno do legado histórico afrodescendente inserido na cultura brasileira.

As ações do projeto foram afetadas direta e indiretamente pelo cenário da Covid-19. No ano de 2020 não realizamos o evento e no ano de 2021 o projeto limitou-se a um curso de formação para professores no primeiro semestre. O curso fora divulgado entre todos os docentes, com a participação de dez profissionais da instituição. Mas no segundo semestre com o retorno das aulas presenciais foi possível reativar os planejamentos e ações na perspectiva de se pensar na materialização

de mais uma edição do projeto “Diálogos da Consciência Negra” (X edição).

Foi uma experiência enriquecedora levando em consideração que alguns estudantes não conheciam o projeto (devido ao cenário de pandemia e aulas remotas) assim como dos professores novatos que ingressaram na nossa instituição de ensino. Novos fôlegos foram tomados e foi possível construir um evento bastante frutífero e substancial.

*Da lagoa da Estaca a Apolinário  
Sempre pensava em ir  
caminho do mar.  
Para os bichos e rios  
nascer já é caminhar.  
Eu não sei o que os rios  
têm de homem do mar;  
sei que se sente o mesmo  
e exigente chamar.  
Eu já nasci descendo  
a serra que se diz do Jacarará,  
entre caraibeiras  
de que só sei por ouvir contar  
(pois, também como gente,  
não consigo me lembrar  
dessas primeiras léguas  
de meu caminhar.*

(JOÃO CABRAL DE MELO NETO, 1986)

Costumo dizer que a docência é por vezes uma missão ou missões a serem desempenhadas. Pode parecer um tanto pessimista mediante o conformismo relativo à desvalorização dos profissionais da Educação Básica em diversos aspectos. Muitos são os desafios e acredito que seja uma realidade semelhante em todo o país.

Certa vez, li a frase de Darcy Ribeiro “Só há duas opções nesta vida: se resignar ou se indignar. E eu não vou me resignar nunca”. Fiz dessa



filosofia uma reflexão pertinente para o exercício da minha profissão. Narrarei aqui a realidade docente na qual estou inserido e espero que sirva de inspiração para outros docentes e profissionais da Educação.

Trabalho na mesma instituição há quase onze anos. Minha escola é de tempo integral. Ou seja, nesse formato das escolas profissionais no Estado do Ceará, os estudantes assistem aulas da base comum intercalando com as aulas da base técnica. Nessa configuração, a prática escolar possui pontos positivos e outros a melhorar.

O fato dos estudantes se fazerem inseridos no formato integral da instituição condensa as relações de ensino e de aprendizagem contribuindo para uma aprendizagem alinhada aos objetivos estabelecidos pela escola em consonância com as metas estipuladas pela SEDUC. No entanto, dificulta um pouco a materialização dos projetos e atividades extraclasses, tais como, feiras de ciências, projetos de leitura (no nosso caso Jangada Literária), eventos técnicos e o “Diálogos da Consciência Negra”.

Todas as ações da escola são acordadas na jornada pedagógica, porém, na prática é uma “batalha” bem desgastante e desafiadora. Eu, particularmente, sinto-me exaurido, pois, além das minhas obrigações em ter que dar conta das aulas da disciplina de História para todas as turmas, ainda preciso cumprir os prazos em relação às atividades burocráticas (elaborar avaliações, corrigi-las, alimentar sistema de notas, corrigir atividades e tentar acompanhar os rendimentos de todos os estudantes).

Sei que essas são nossas obrigações, porém, dedicar tempo para tantas demandas não é uma tarefa simples. Além de tudo isso ainda preciso me dedicar aos projetos da escola os quais citei anteriormente. No meu caso, coordeno o projeto “Diálogos da Consciência Negra” há oito anos e são inúmeras demandas e deliberações, dentre elas, destaco:

Contatar profissionais para ministrar palestras, oficinas, alimentação, recursos materiais para decoração e aparelhagem de áudio visual. Coordenar todas as atividades mesmo com o apoio de pouco mais da metade dos profissionais da escola ainda sim é bastante desafiador.

Esse é o meu maior dilema: O que o professor quer? Como construir possibilidades de diálogo em que o profissional da educação possa se engajar nos projetos, práticas e vivências consideradas pertinentes para além do currículo escolar engessado? Por que esses profissionais não se sensibilizam e abraçam a causa dos projetos acordados pela escola? O que os distancia? Como podemos estabelecer uma comunicabilidade entre os membros do corpo docente, funcionários e estudantes?

Digo isso em relação à indiferença e pouca importância dada por parte de alguns profissionais da minha instituição em relação a determinados projetos interdisciplinares tais como “Jangada Literária” e “Diálogos da Consciência Negra”.

A grande maioria soma forças desde o diretor, a coordenadora de área, o eixo de humanas, alguns membros do eixo de linguagens, outros tantos do eixo de ciências da natureza e exatas. Funcionários da cozinha e limpeza também colaboram muito mais do que os professores. As maiores forças são dos alunos, razão essencial para a realização das ações do evento. Sem eles, dificilmente, as ações do projeto poderiam se materializar.

Meu maior dilema é em relação aos profissionais que estão há mais de dez anos na instituição e não se sensibilizam pelos projetos extraclasse, exceto aqueles ligados as suas áreas de atuação, tais como feira de ciências, eventos técnicos dentre outros.

Creio que essa indiferença seja um indicador das problemáticas a serem analisadas e refletidas. A educação inserida em um modelo fragmentado nas suas respectivas áreas de atuação interligada ao modelo neoliberal capitalista burguês gerou uma sociedade, cuja consciência, apresenta-se por vezes inflexível no trato com as atividades lúdicas, artísticas e interativas.

Digo isso, mediante os relatos dos estudantes no pós-evento. São tantos “brilhos” estampados em fotos e escritas dos relatórios descrevendo suas experiências e sensações de felicidade e êxtase pelo prático

e lúdico que, particularmente, me dão forças para continuar realizando os projetos interdisciplinares. Então, porque os “adultos” não percebem a importância dessas iniciativas enquanto caminhos e possibilidades para o ensino e a aprendizagem?

A nova geração de estudantes e a emergência de novos valores para se apreender sentidos e significados outros para além da sala de aula propriamente dita é incalculável.

Certa vez, conversei com uma colega de graduação e relatei sobre as práticas escolares e vivências da nossa instituição e ela ficou impressionada com tantas ações que desempenhamos, uma vez que, na escola dela a única ação desenvolvida é a feira de ciências. Muitas escolas ainda persistem com o modelo engessado de ensino e aprendizagem que se reinventa mediante a preparação para as avaliações externas (Enem, vestibulares, SAEB e SPAECE).

Como se os únicos sentidos da escola fossem esses, desconsiderando a vez e a voz dos discentes. Se aprendêssemos a ouvir mais do que falar, possivelmente, construiríamos novos rumos interligando saberes e trocas significativas em uma dinâmica dialógica de ensino e aprendizagem, contribuindo para uma geração de protagonistas juvenis formadores de opinião.

Esses desafios, anseios e angústias são aglutinados e sintetizados em forças e esperança para que possamos construir “pontes” na perspectiva de minimizar o abismo que existe e persiste entre as esferas docente e discente, reavaliando nossas práticas consideradas obsoletas e sem sentido mediante as rápidas transformações sociais, políticas, econômicas e culturais a nossa volta.

Como diz a professora Lúcia Gracia Ferreira Trindade (UFRB): “é preciso tocar fogo no parquinho”. Sair da nossa zona de conforto e mergulhar no universo das novas tendências buscando horizontes de aprendizagem que sejam mais pertinentes do que a verticalidade das nossas disciplinas que não dão mais conta das novas demandas de aprendizagem na contemporaneidade.

Prosseguiremos com a força e a doçura de um rio que segue o seu curso contornando as pedras nos caminhos, consideradas firmes, engessadas e imóveis na esperança de se chegar ao mar enquanto destino de nossa saga que é a educação de qualidade para todos e a aprendizagem enquanto caminho de libertação e realização coletiva.

#### O RIO E O OCEANO

*Diz-se que, mesmo antes de um rio cair no oceano ele treme de medo.*

*Olha para trás, para toda a jornada, os cumes, as montanhas, o longo caminho sinuoso através das florestas, através dos povoados, e vê à sua frente um oceano tão vasto que entrar nele nada mais é do que desaparecer para sempre.*

*Mas não há outra maneira. O rio não pode voltar.*

*Ninguém pode voltar. Voltar é impossível na existência. Você pode apenas ir em frente.*

*O rio precisa se arriscar e entrar no oceano.*

*E somente quando ele entra no oceano é que o medo desaparece.*

*Porque apenas então o rio saberá que não se trata de desaparecer no oceano, mas tornar-se oceano.*

*Por um lado é desaparecimento e por outro lado é renascimento.*

*Assim somos nós.*

*Só podemos ir em frente e arriscar.*

*Coragem! Avance firme e torne-se Oceano!*

*(Osho).*

Segundo a filosofia africana UBUNTU (em português, “humanidade para todos”), parto dessa reflexão na perspectiva de levar a todos, sejam discentes, docentes, gestores, funcionários e comunidade escolar de um modo geral uma mensagem de esperança onde possamos juntos construir, por meio do diálogo, possibilidades de trocas e partilhas aprendendo com e para o outro. Como diria Franco (2013, p. 152) “Espera-se que um professor saiba dialogar e saiba criar um espaço de pensar e aprender, com disciplina e rigor científico”.

Sabemos que nesse percurso ocorrem momentos de angústias, incertezas e circunstâncias onerosas em nossas vidas pessoais e profissionais. Pergunto-me se os astros me guiaram para esse caminho da docência ou fui conduzido como uma “folha seca lançada ao vento” (ditado popular das entidades espirituais afro-religiosas - Pretos velhos).

Independentemente dos obstáculos e percalços a serem superados diariamente, gostaria de expressar a satisfação estampada nos rostos e sorrisos dos alunos e ex-alunos quando estão interagindo. É uma magia especial, um êxtase sem igual. Meu primeiro exame para Covid-19 foi realizado por uma ex-aluna, hoje enfermeira. Quanto orgulho, assim como de tantos outros alunos que passaram pelas minhas artes docentes e que hoje os vejo ocupando profissões tão respeitáveis como professores, advogados, engenheiros, esteticistas, enfermeiros, agrônomos, fisioterapeutas, odontologistas, padre (em ordenação).

Independentemente de adquirirem ou não uma formação acadêmica, sinto-me feliz e familiarizado quando ando pelas ruas da cidade e quase sempre esbarro com eles. Sempre me chamam de professor ou senhor (risos). Tenho muito orgulho de lecionar. Quando passei por situações difíceis de natureza afetiva me vi bastante desmotivado e sem ânimo. No entanto, o único momento que me sentia bem era no “micromundo” da sala de aula.

Estando lá, eu estava protegido e as regras do jogo eram decididas pela minha pessoa em consonância com o entendimento dos discentes. Tão agitados, com tanta energia para colocar em ação e nós ainda não entendemos que o “corpo fala”. Que as circunstâncias da nossa profissão assim como dos “espinhos” nesse mar de rosas possam clarificar nossas mentes e torná-las mais sensíveis. Nos ensinando a ouvir mais do que falar e que, colocar-se no lugar do outro é fundamental no trato das relações de sociabilidade e fraternidade estabelecidas mutuamente na escola e na vida.

Minhas vitórias assim como das assertivas que estão por vir não fazem parte de um dualismo maniqueísta antagônico. A educação é, segundo Paulo Freire, “Ação- reflexão-Ação”. Estar aberto ao novo.

Desarmar-se saindo da nossa zona de conforto e aprendendo a nos preencher com as energias e bons fluídos que os discentes têm para oferecer na tentativa de romper essa barreira dicotômica clássica entre “mestres e aprendizes”.

Segundo Franco (2010, p. 57),

só a ação docente, realizada como prática social, pode produzir saberes, saberes disciplinares, saberes referentes a conteúdos e sua abrangência social, ou mesmo saberes didáticos, referentes às diferentes formas de gestão de conteúdos, de dinâmicas da aprendizagem, de valores e projetos de ensino.

Minha esperança em prosseguir na docência é alimentada pelo desejo de acreditar que algo de bom poderá acontecer mediante o exercício diário do ensino e aprendizagem. Não me envergonho em exercer funções como merendeira (não há funcionário na cozinha no turno da noite, nós servimos os alunos), carteiro (entregar material nas residências dos estudantes), psicólogo e *coach* na tentativa de amparar os nossos discentes, mesmo que isso nos cause desgastes físicos e psicológicos.

Em um país marcado pelas mais diversas formas de negligência e descaso com as populações menos favorecidas, é de suma importância termos ciência do nosso papel enquanto educador na perspectiva de instigar e trazer à tona o máximo de capacidade dos estudantes em se expressar na tentativa de contribuir para a formação das gerações da posteridade.

Em se tratando dos grupos minoritários e excluídos da história no cenário brasileiro, destaco aqui a urgência e relevância em se debruçar a respeito de uma educação para as relações étnico-raciais no ensino básico, seara da minha pesquisa acadêmica. Pretendo problematizar as dificuldades em colocar em prática as diretrizes oriundas da Lei 10.639/03 que altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB N° 9.394/96), incluindo a obrigatoriedade do ensino da História

e Cultura Africana e Afro-brasileira nas redes públicas e particulares de ensino do país.

Materializado a partir de ações inseridas no projeto “Diálogos da Consciência Negra”, cuja relação é urgente para o processo formativo dialógico, articulo sistematicamente uma ação paralela no formato de palestra para professores, núcleo gestor e funcionários, onde são discutidos os temas: negritude, identidade, racismo, preconceito e empoderamento, objetivando as mais diversas possibilidades de diálogos no campo da cultura africana e afro-brasileira.

Nutro a esperança de somar junto ao ensino, à pesquisa e à extensão, objetivando unir forças a partir do diálogo elucidativo e educativo para chegar ao final deste percurso e desaguar no “oceano” de liberdade e plenitude dos saberes em prol de uma sociedade mais justa e igualitária.

Que o sentido da minha existência, enquanto docente, seja como a chama de uma vela cujo sentido é consumir-se para iluminar ao redor. Que minha contribuição possa dialogar com meus companheiros de profissão e juntos possamos nos “desnudar” neste imenso “oceano” de saberes e deleites educacionais.

## Referências

FRANCO, M. A. S. Didática: uma esperança para as dificuldades pedagógicas do Ensino superior? *Práxis Educacional*, Vol. 9, nº 15, 2013.

FRANCO, M. A. S. Saber pedagógico ou relação com o saber pedagógico: reflexões conceituais. *In: SHIGUNOV NETO, Alexandre; FORTUNATO, Ivan. Saberes Pedagógicos: perspectivas & tendências*. São Paulo: Edições Hipótese, 2018, p. 49-65.

ARAÚJO, O. H. A.; FORTUNATO, I.; MEDEIROS, E. A. Desarrollo profesional de los formadores de docentes: calificaciones de las relaciones establecidas con estudiantes de pregrado. *Revista Diálogo Educacional*, [S.l.], v. 21, n. 68, fev. 2021.





ENTRE O EU-PESSOA E O EU-PROFESSORA:  
NARRATIVA (AUTO) BIOGRÁFICA DE UMA  
PROFESSORA DE LÍNGUA INGLESA

Larissa Mirelle de Souza Paiva

*“Consagre ao Senhor tudo o que você faz,  
e seus planos serão bem-sucedidos”.*  
(Provérbios, 16: 3)

**Minha trajetória...**

Me chamo Larissa Mirelle de Souza Paiva, sou licenciada em Língua Inglesa pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), Campus Caraúbas, Rio Grande do Norte – RN. No momento, me encontro como aluna do Mestrado em Ensino da mesma universidade, o qual foi meu sonho ser discente desde que conclui a graduação no ano de 2020. Me formar e conseguir aprovação no mestrado foi uma grande realização, a qual tenho muito orgulho. No entanto, para chegar até aqui o percurso foi longo e árduo. Narrarei, nas páginas que seguem este registro (auto) biográfico, alguns itinerários percorridos.

Primeiramente narrarei sobre minha família a qual amo. Se hoje estou aqui, bem como sou o que sou (licenciada em Língua Inglesa),

devo tudo à minha família, especialmente aos meus pais. Sou a filha mais velha, tenho uma irmã geógrafa que está na fase final no mestrado na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), no Município de Pau dos Ferros – RN, bem como uma irmã mais nova que está na conclusão do Bacharelado em Ciências Biológicas da UERN. Somos de origem familiar simples, porém, meus pais fizeram de tudo para formar as três filhas. Desse modo, conhecemos valores e a importância da educação desde a infância.

Passar na UFERSA, para cursar o ensino superior, foi um sonho, isso porque sou filha de um pedreiro e de uma funcionária efetiva pública. Tal feito foi quase algo impossível, porém, sempre gostei de estudar, sempre me achei muito dedicada. Nunca fui a aluna nota 10, não era a melhor discente da turma, mas meu esforço chamava atenção de meus professores, que incentivaram a estudar quando atingia nota baixa nas atividades. Conforme destaquei anteriormente, meu pai é pedreiro, não conseguiu concluir o Ensino Fundamental, pois precisou trabalhar. Minha mãe conseguiu estudar, terminou o Ensino Médio, diante da ausência do básico, ela foi perseverante e concluiu a Educação Básica.

Como meus pais tinham poucas condições financeiras sempre estudei em escola pública, tive várias professoras, mas uma delas me marcou, apesar de já ter falecido com uma grave doença causada pelo câncer de mama. Me recordo muito dela, minha querida tia Dulce, foi com ela que aprendi a ler e a escrever, eu estava no 2<sup>a</sup> ano do Ensino Fundamental. Como tinha muitos alunos na turma era difícil aprender todos os conteúdos curriculares, então minha mãe estudava comigo em casa, me ajudava a fazer as tarefas da escola. Hoje, trabalhando na área da Educação, vejo como é importante a participação dos pais, pois os professores não conseguem sozinhos educar. É fundamental que a família esteja presente. Quanto a esse aspecto, pontuo que tive de todo apoio familiar. Meu aprendizado escolar pode não ter sido um dos melhores, porém, minha família sempre esteve próxima, sendo a base de tudo, me ajudando de maneira muito produtiva e participativa na escolarização.

Recordar essas memórias é prazeroso, me emociona, sempre tive dificuldades de falar de mim. Comecei na faculdade, sempre quis ser professora, eu amo essa profissão. A língua inglesa (ou ser professora de língua inglesa) veio devido à oportunidade de estudar em uma universidade federal, mais perto de casa e de meus familiares, porém, ainda assim tive que mudar de município.

Nesse momento em que narro minha história de vida, saliento que minha graduação causou muitos traumas, fiz terapia por um tempo, mas carrego comigo algumas questões até hoje. Tudo que passei, veio, em parte, pela realidade de sair da casa dos meus pais e morar sozinhos. A saudade de casa, da família, passando por necessidades, entre outras questões somaram para os traumas que foram construídos. Conforme diz a canção *Fogão de Lenha*, de autoria de Carlos Colla, Maurício Duboc, e Xororó (1987):

*“O sonho de grandeza, oh mãe querida,  
Um dia separou você e eu,  
Queria tanto ser alguém na vida,  
E apenas sou mais um que se perdeu”.*

A referida música retrata a história de muitos jovens que saem do convívio de suas famílias e partem em busca do objetivo de vencer na vida e fazer sua história de vida ser diferente. Para amenizar a saudade e buscar apoio ao convívio em um lugar diferente do contexto de origem, eu e mais alguns amigos criamos um grupo de oração universitário católico, o *GOU (Grupo de Oração Universitário)*, que tem como nome *“Renovados em Cristo”*. Foi esse grupo, constituído por alunos da UFERSA, que me fez continuar a graduação no Município de Caraúbas – RN. Eu guardava um pouco da dor. Para ajudar a outros colegas, pregava, cantava, animava com louvor, com eles eu esquecia as aulas.

Quando me perguntavam, como eu conseguia tempo para tudo, sendo aluna da graduação e trabalhando em duas escolas, eu destacava: “sempre precisamos ter tempo para falar de Deus”. Tenho muito orgu-

lho, mas não por vaidade. Tenho orgulho de ter concluído a graduação, de ter me formado na instituição e ter contribuído na formação do GOU. Ele continua até hoje (ano de 2022), de maneira remota devido à pandemia. Entendo que continuará, a semente foi plantada e colhemos muitos os frutos.

Ressalto que na graduação não produzi apenas trabalhos acadêmicos, foi deixado um grupo de oração que resgata vidas. Recebemos diversos depoimentos! Pela graça de Deus, sempre conseguimos ajudar. Na sequência, apresentamos alguns registros oriundos de nossa experiência na graduação.

**Figura 1 – Experiências na Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa**



**Fonte: Autoria própria (2022).**

A educação sempre esteve presente em minha vida, em minha infância, na adolescência e na fase adulta, quando tive o meu primeiro emprego como professora. A educação é importante, é tudo na vida de um cidadão. Meus pais falam com orgulho da formação das suas três filhas, não tínhamos muito financeiramente, mas nunca faltou amor. São esses valores que ensino para meus alunos, de buscar estudar, de ser o que quiser ser. Eu os incentivo a buscarem e lutarem pelas suas oportunidades, nada é fácil. Todos deveriam ter o direito à educação, minha base foi fundamental para meu crescimento profissional.

Hoje continuo trabalhando em uma escola, na rede privada do Município de Caraúbas - RN. Já fui professora em várias escolas da Educação Básica, ao todo foram sete instituições de ensino. Eu aprendi e aprendo com meus alunos, sei das dificuldades, em razão de ter vivenciado muitas delas. Apesar de não saber para onde estou indo, reforço que *“até aqui nos ajudou o Senhor (Samuel, 7: 12).*

Das sete instituições de ensino que trabalhei, elas são de diferentes esferas. Atuei em escolas municipais, estaduais e da rede privada. Distribuídas entre os municípios de Umarizal - RN (local de origem) e Caraúbas – RN (contexto em que resido no momento), ambos no interior do Rio Grande do Norte. Foram anos de aprendizado, ainda posso dizer: não sei tudo, continuo aprendendo e pedindo a Deus sabedoria e humildade para que eu possa aprender, bem como ensinar ainda mais.

Uma das escolas que tive experiência como professora de Língua Inglesa, me marcou até os dias de hoje. No período, eu tinha pouca experiência na docência, devido à condição de precariedade, me assustava um pouco. A escola era pública e estadual, localizada no contexto periférico do Município de Caraúbas – RN. A condição da docência também me assustava, eu tinha muitos alunos fora da faixa etária, não queriam aprender inglês. Acredito que para eles, no início eram as piores aulas, eles vinham de contextos com práticas pedagógicas e com uma rotina diferentes. Eu percebia que os estudantes também tinham a falta de estímulo para aprender.

Como profissional ainda em formação, tinha muita dificuldade em trabalhar os conteúdos curriculares, os alunos se encontravam em condições difíceis, alguns com problemas de comportamento e com drogas. Algumas vezes, brigavam entre eles. Tudo era muito novo e me abalava como professora. Foi ali, naquela escola, que entendi que estava na profissão certa. Aprendi que nós professores não podemos mudar o mundo, mas podemos mudar nossa sala de aula.

Sempre me questionava, como seria a melhor maneira de ensinar inglês para alunos que não queriam aprender inglês. Mas diante da diversidade que é uma sala de aula, buscava em minha prática pedagógica momentos mais interativos, debates com assuntos atuais. Compreendia, a partir da formação docente vivenciada, que muitas vezes é necessário sair do livro didático, esquecer um pouco a disciplina, deixar a dimensão profissional de lado e ser humana para poder ouvir, entender os alunos e como eles poderiam aprender. É importante conversar com os alunos, conhecer cada turma. Percebia que eles gostavam de jogos e músicas. Desse modo, eu planejava com esses recursos aulas lúdicas debatendo as cores, os números em inglês, inserindo o básico, tendo em vista que muitos alunos de escola pública, só têm acesso à disciplina de Língua Inglesa no 6º ano do Ensino Fundamental. Diferentemente, os alunos da escola privada começam a estudar inglês, muitas vezes, desde a Educação Infantil.

Compreendo que os professores devem inovar, mas algumas vezes nos sentimos sozinhos. O que fazer para mudar uma realidade que não cabe a mim sozinha? A sociedade em si precisa buscar a educação, trabalhar em parceria com a família e a escola. Assim, é possível fazer educação. Diante de tantas dificuldades, os professores estão nas suas salas de aula, insistindo em construir o conhecimento com seus alunos, trabalhando em condições diversas com várias turmas e turnos, porém, acreditando na educação.

## Referências

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 25. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

FREIRE, A. M. A. **A pedagogia da libertação em Paulo Freire**. São Paulo: Editora UNESP, 2001.





## VIDA E TRAJETÓRIA: ITINERÁRIOS DA FORMAÇÃO PESSOAL E PROFISSIONAL

Míssola Arezza Bezerra da Costa Lorena

### **Uma história...**

Hoje, sou mestranda, realizei um sonho pessoal. Sonho que adquirei na graduação quando me dei conta da minha formação e importância acerca de como eu queria contribuir com a minha área, tão resiliente e frágil! Tão nova e arcaica. Tão desestimada e tão idolatrada. Tão política e tão minha. Quero contribuir, quero fazer algo. Vou fazer algo!

Me chamo Míssola Arezza Bezerra da Costa Lorena, nome exótico dado pelo meu pai músico que pensou meu nome a partir de três notas musicais (Mi-sol-la) e o sobrenome em alusão a Guido D'Arezzo, um monge italiano que deu nome às notas. Sou a terceira filha de quatro filhas do casal Dorginaldo Ernesto (Zé guitarrista) e Ozielita Pereira. Minha escolha profissional pela música está estritamente relacionada às minhas origens.

**Figura 1 – De família**

Fonte: Autoria própria (2022).

Meu avô era bandolinista, meu pai aprendeu a tocar bandolim ainda criança, apenas observando meu avô tocar e logo se desenvolveu musicalmente. Meu avô faleceu precocemente e não o conheci. Meu pai e seus irmãos, ainda adolescentes, tiveram que buscar meios para manter a casa e a família, escolhendo o caminho da música, formando uma banda e tocando nas noites mossoroenses.

No decorrer de sua jornada, meu pai participou de vários grupos musicais do Município de Mossoró – RN, formou a dupla Zé e Deby com sua irmã, tocou no Elo Musical e acompanhou, como instrumentista, diversos artistas de Mossoró – RN e região. Logo, cresci nesse ambiente rodeado de música e instrumentos musicais.

Da família da minha mãe herdei o amor pela poesia, por ser sobrinha de Onésimo Maia (*in memoriam*) que era repentista e violeiro. Me encantei e me envolvi na arte do repente ao ponto de anos depois, fazer minha monografia sobre a representatividade da obra do meu tio no cenário cultural de Mossoró – RN quando concluí minha graduação.

**Figura 2 – Coisa de criança**



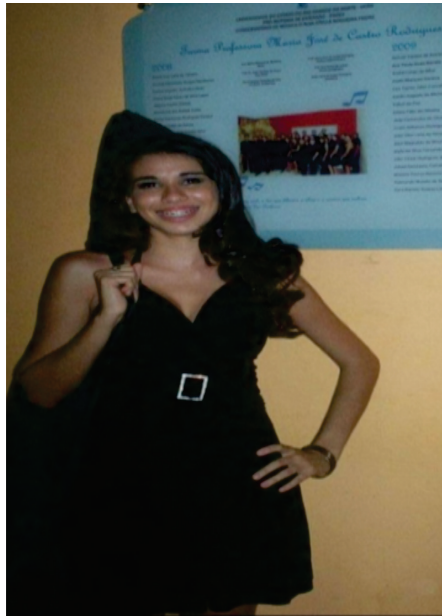
**Fonte: Autoria própria (2022).**

Sempre gostei de cantar! Brincava de concurso “A mais bela voz” com minhas amigas. Gostava também de brincar de regente com os meus primos, colocava eles para cantar e ficava “regendo”. Na adolescência, disse ao meu pai que queria aprender a tocar violão. O violão me fascinava pela independência que poderia me proporcionar: – “posso cantar e tocar sozinha, sem precisar de ninguém! Vou fazer minha própria festa e minhas próprias composições!” – Pensava eu com brilho nos olhos! Então, meu pai me deu um CD com vídeos-aulas de violão. □A mesma praça□ e □pra não dizer que não falei das flores□ foram meu primeiro repertório. Acredito que pela facilidade tenha sido o primeiro repertório de muita gente também.

Quando meu pai foi contratado pelo conservatório de música para ser professor de guitarra no ano de 2003, vi uma grande oportunidade de passar a estudar música de forma sistemática. Deste modo, em 2005, com 14 anos de idade, ingressei no conservatório de música da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) e dei início aos estudos formais em música.

No conservatório comecei a dar direcionamento aos eixos musicais que seguiria. Fiz disciplinas de violão, guitarra, técnica vocal e canto coral, além das teóricas obrigatórias. No decorrer desse período fui adquirindo experiências técnicas e me sentindo apta para ministrar aulas particulares de violão e canto a domicílio.

**Figura 3 – Nasce uma professora**



**Fonte: Autoria própria (2022).**

O ano de 2004 foi um ano bastante importante para a educação musical, pois houve a aprovação das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para os cursos de graduação em música e a licenciatura em música foi implantada na UERN, *Campus Mossoró*. Essa regulamentação impactou diretamente o rumo que minha vida pessoal/profissional seguiria.

Meu pai se tornou professor de guitarra do conservatório de música pela grande aptidão técnica que o fez passar nos testes práticos. No entanto, devido à sua trajetória em bandas musicais e o desgaste

das toçadas noturnas, ele não havia concluído o Ensino Médio. Trabalhando no conservatório, ele foi incentivado pela então diretora da instituição a fazer o curso supletivo e tentar a graduação em música, uma vez que, enquanto professor do conservatório, seria pertinente ele se qualificar. Isso ele fez: terminou o curso supletivo e foi aprovado no curso de música da UERN.

Em seguida, ao concluir os cinco anos de formação no conservatório de música, também me submeti, sem dúvidas e dilemas, ao Processo Seletivo Vocacionado (PSV), concebido como vestibular, para música na UERN sendo aprovada em primeiro lugar no ano de 2009. Nesse “meio tempo”, mais um ganho importante para a área de educação musical aconteceu na sociedade política. No mês de agosto de 2008 foi aprovada a lei 11.769/2008<sup>1</sup> que designou a música como conteúdo obrigatório na disciplina de Arte. Vejamos o que registra Queiroz (2012):

Com o objetivo de garantir uma definição mais precisa na legislação educacional brasileira, a área de música, através de um amplo movimento nacional, conseguiu alterar, em 2008, o artigo 26 da Lei, inserindo o parágrafo 6º, com a seguinte redação: ‘a música deverá ser conteúdo obrigatório, mas não exclusivo, do componente curricular de que trata o § 2º deste artigo’. (QUEIROZ, 2012, p. 33)

A aprovação da lei desencadeou ações positivas para a área da música. A universidade era repleta de projetos que tive o privilégio de fazer parte, aprendendo cada vez mais sobre a docência em música, ao passo que, me sustentava financeiramente. Acredito que a lei em discussão foi mais um aporte na justificativa e manutenção desses projetos. No início da graduação não compreendia muito bem o que era uma licenciatura. Eu queria a música e a música me levava aquele patamar através de todas as movimentações das legislações que fortaleciam a área da educação musical e ocorriam simultaneamente ao meu cresci-

1 Hoje a lei em vigor corresponde a Lei nº 13. 278/2016 que estendeu a obrigatoriedade de ensino para as demais linguagens do currículo de Arte.

mento e jornada escolar. Tudo isso, aliado à minha ligação hereditária com a música e o encaixe perfeito do tempo, que, tão sincronizado, me fez concluir o conservatório de música no período exato de prestar o vestibular. Como uma tríade perfeita.

**Figura 4 – De fato e de direito**



**Fonte: Autoria própria (2022).**

Na universidade me envolvi nos programas e projetos □Mais Educação□ e □Música na zona rural□. Atuei nos três níveis da Educação Básica (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio) em escolas municipais e estaduais, lecionando aulas de canto, violão e flauta doce. Participei de um projeto municipal de formação continuada para professores, referente a uma parceria entre a UERN e a prefeitura de Mossoró - RN, no qual ministrei, com mais quatro colegas, oficinas de música para professores da rede municipal.

No ano de 2013, já prestes a concluir a graduação, a prefeitura municipal de Mossoró □ RN, embalada pela lei 11.769/2008, lançou concurso público, Edital 001/2013, oferecendo, entre outras funções, seis vagas para o cargo de professor de música. Foi o primeiro concurso municipal para Educação Básica, designado, especificamente, aos licenciados em música.

No concurso, fui aprovada em segundo lugar no primeiro momento. Na prova de títulos descendi para sétima posição ficando, inicialmente, fora do número de vagas oferecidas. Em contrapartida, no mesmo ano me inseri no Serviço Social da indústria (SESI), conseguindo, pela primeira vez, um trabalho relativamente estável em uma instituição jurídica, atuando, também pela primeira vez, como professora de Arte da Escola de Ensino Médio do SESI.

Paralelo a isto, fiquei acompanhando virtualmente as movimentações relacionadas ao concurso público. Em 2014 a prefeitura convocou os dois primeiros aprovados e o segundo candidato não se apresentou. A prefeitura, por sua vez, convocou o terceiro aprovado e eu, por consequência, migrei para a sexta vaga do certame, garantindo novamente um lugar nas vagas disponíveis via edital. No entanto, essas duas efetivações (do 1º e 3º lugar) seriam as únicas iniciativas da prefeitura, pois, sem um plano efetivo de implementação da música e dos respectivos professores na rede, as problematizações começaram a surgir tornando o processo conflituoso e a prática cotidiana dos professores um tanto dificultosa, como pode ser visto no trabalho de Silva (2015).

Durante o tempo em que trabalhei no SESI ministrando conteúdos curriculares do livro didático que pouca coisa se referia a música, me submeti a mais um processo seletivo e fui chamada para trabalhar como produtora cultural no Serviço Social do Comércio (SESC). Como o salário e os benefícios eram bem melhores, saí do SESI depois de um período de oito meses, me afastando da docência para navegar em outros mares fora da minha área de formação - ou não - pois, só pude assumir o cargo porque possuía uma formação na área de Arte - no caso, em música.

Enquanto trilhava meu itinerário profissional e ia adquirindo estabilidade financeira, em um caminho concomitante me informava com pessoas qualificadas sobre meus direitos civis em relação ao concurso público. Eu, juntamente com os demais três colegas aprovados, mas não convocados, acompanhávamos a situação dos dois professores já atuantes, um deles, locado em cinco escolas e o outro em três, condições

consideradas por nós, absurdas, que foram relatadas pelos próprios professores no trabalho de Silva (2015). Os professores usaram a palavra “desumana” ao se referirem sobre o número de escolas em que atuavam. A nossa convocação era conveniente em todos os sentidos.

Chegamos a nos reunir com a então secretária de educação, numa tentativa amigável e ao mesmo tempo, de reivindicação, para nos inteirarmos sobre a perspectiva de nossa convocação. A conversa tomou rumos frustrantes. A partir daí, começamos a compreender que nossa convocação só viria por meio judicial. Então, acordamos naquele momento, que, no ano que o concurso fosse se vencer, entraríamos com uma ação judicial coletiva. Sabíamos que a lei estava do nosso lado e que era só uma questão de tempo para tudo ser resolvido.

Antes de dar continuidade à narrativa, gostaria de trazer algumas considerações sobre os impasses de ser professor de música na Educação Básica. A música na escola regular faz parte da grande área de Arte, isso podemos perceber nos documentos legais que envolvem a Lei de Diretrizes de Bases da Educação (LDB), os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), e, por último, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Todos eles situam a música como linguagem ou unidade temática do componente curricular de Arte.

Os cursos de Educação Artística que formavam professores de Arte polivalentes, ou seja, que deviam ministrar todas as linguagens, foram substituídos em detrimento das licenciaturas específicas. Em tese, cada linguagem representa uma área com individualidades que necessita de um professor com formação adequada. Entretanto, como relata Penna (2018, p. 169), “a concretização da música na escola demanda de um conjunto de ações articuladas. Necessidade de articulação entre as universidades - centros formadores dos professores de música – e as secretarias de educação.” Todavia, quando essa articulação não é suficiente, tampouco existe, esse processo pode ser desgastante e afetar diretamente os professores atuantes nesse cenário, que podem ter dificuldades de encontrar uma identidade ou serem submetidos a ministrar todos os conteúdos do componente curricular de Arte - teatro, dança



música e artes visuais – o que, pelo histórico, não é algo incomum de acontecer. Inclusive, eu mesma ministrava todos os conteúdos enquanto professora de Arte do SESI.

Com o passar dos anos, sem perder a esperança da nomeação, me chegou a notícia que, um dos professores de música, depois de muita luta e protesto, conseguiu uma transferência para trabalhar na Escola de Artes Municipal de Mossoró, na qual poderia se envolver apenas com música, com o benefício de salas menos superlotadas. O mesmo alegara ter feito concurso público para ser professor de música e que não ministraria outra linguagem, reivindicando uma escola de ensino específico. Depois de muita resistência da Secretaria Municipal, o pedido foi concedido. Ficando, então, apenas um professor de música efetivo atuando na Rede Municipal de Educação Básica.

Apesar de compreender perfeitamente as angústias e o apelo do professor, lamentei que o espaço, já então consolidado, tenha se perdido em detrimento de uma escola específica, por escolhas pessoais dos professores de música. Observo, assim como Penna (2018), uma grande perda para a área da educação musical que vem há anos buscando incansavelmente efetivar um espaço na escola regular.

Finalmente, em 2018, eu e os outros três colegas, entramos com a ação coletiva e vencemos a causa. No final do mês de maio, do referido ano, assumimos a função. Em junho dei à luz a minha primogênita, chamada Lavínia, e logo no início de 2019, quando minha licença expirou, me demiti do SESC para poder me dedicar apenas ao concurso público e à minha filha.

Desde que assumi a função, compartilho, com meus colegas atuantes no cargo, diversos desafios e impasses (já imagináveis) relacionados à nossa inserção/prática/atuação enquanto professores de música na escola pública. Percebi que, de fato, iríamos precisar mais do que regimentos e legislações para concretizarmos um espaço e uma identidade em nossa atuação profissional.

As escolas que nos receberam não sabiam (sabem) com precisão como nos alocar e não entendiam (entendem) com clareza nossa posição, uma vez que a música na Educação Básica não é disciplina isolada e se encontra dentro do componente curricular de □Arte□, como citado anteriormente. Contudo, aos poucos fomos nos encaixando, fomentando articulações junto à gestão ao passo das imprevisibilidades encontradas em cada contexto escolar. Como exemplo, mencionamos: se na escola já houvesse um professor(a) de Arte, ficaríamos com uma aula por semana em cada turma junto com o(a) esse(a) docente; se não houvesse professor, assumiríamos o componente curricular de Arte de forma integral. Os contextos compartilhados suscitaram inquietações e questionamentos: Como encontrar nossa identidade na educação básica se não há disciplina de música? As legislações que regem o ensino de música estão na contramão da dinâmica da educação básica? Se estão, como elas (as legislações) nos trouxeram até aqui? A partir daí pude não só perceber, mas viver cotidianamente essas contradições no meu dia a dia, e acompanhar as posturas aderidas por cada professor, frente à realidade existente.

Deste modo, ao me inserir no Programa de Pós-Graduação em Ensino, trouxe essas inquietações para serem aprofundadas, analisadas e pensadas, buscando contribuir com a minha formação pessoal/profissional, a formação dos meus colegas, dos futuros professores de música que atuarão nesse cenário e para a área da educação e educação musical.

A minha proposta de pesquisa é refletir sobre como as legislações que definiram e definem o ensino de música na educação básica se concretiza e impacta a minha vida e a vida dos meus colegas de cargo, que conexões e dissociações são possíveis perceber em nossas trajetórias de vida como reflexo desse percurso? Almejo fazer isso trazendo minha história de vida e as histórias dos meus colegas.

Em uma perspectiva prática, percebo a importância de pensar sobre como as legislações que regem o ensino de arte e música vem se concretizando na prática e na vida de professores. Acredito que para haver contribuições pertinentes para fortalecimento da área de

forma abrangente, realidades singulares precisam ser problematizadas, conhecidas e noticiadas e estas iniciativas podem e devem partir de inquietações dos próprios sujeitos atuantes.

Percebo a relevância de percorrer pelos caminhos das narrativas (auto) biográficas e de histórias de vida por ser um mecanismo que coloca em evidência as vozes dos sujeitos, vozes muitas vezes esquecidas ou colocadas em segundo plano, no nosso caso específico, atingidas e impactadas verticalmente por um sistema político de educação. Acredito no potencial do protagonismo dos sujeitos e na capacidade de mudança que esse protagonismo pode proporcionar. Respaldo-me, em conclusão, nas palavras de Freire (1996, p. 29): “Pesquise para constatar, constatando intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade”.

Por fim, minha atuação profissional e minhas leituras e levantamentos acerca do tema que venho me debruçando, me permitem vislumbrar e entender que o ensino de música na educação básica precisa ser fortalecido, que as problematizações são reais e não se esgotam e que as vozes dos sujeitos envolvidos □ atingidos por legislações e atuantes na prática □ precisam ser ouvidas. Estou completamente disposta a estudar, me aprofundar, provocar, entender ou propor mudanças. Eis-me aqui.

## Referências

- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- PENNA, M. **Música(s) e seu ensino**. 2. ed. **rev. e ampl.** – Porto Alegre: Sulina, 2018.
- QUEIROZ, L. **Música na escola: aspectos históricos da legislação nacional e perspectivas atuais a partir da Lei 11.769/2008**. **REVISTA DA ABEM**, Londrina, 20, dec. 2012. Disponível em: <http://www.abemeduacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/88>. Acesso em: 17 dez. 2021.
- SILVA, F. E. L. **A atuação do egresso da licenciatura em música da UERN no ensino fundamental na rede municipal de Mossoró**. Mossoró, 52 p. Monografia (Licenciatura em Música) – Faculdade de Letras e Artes, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, 2015.



## EU, NARRADOR DE MIM – UMA NARRATIVA (AUTO) BIOGRÁFICA

Antonio Anderson Brito do Nascimento

### **Para se situar - uma contextualização**

*Não quero lhe falar, meu grande amor  
De coisas que aprendi nos discos  
Quero lhe contar como eu vivi  
E tudo o que aconteceu comigo  
Viver é melhor que sonhar  
E eu sei que o amor é uma coisa boa  
Mas também sei que qualquer canto  
É menor do que a vida de qualquer pessoa...  
(Elis Regina, 1976)*

A vida é repleta de espelhos e, algumas vezes, faz-se necessário pararmos e aderirmos a apreciar o reflexo que esse objeto (o espelho) transmite de nós. Entretanto, não podemos apenas estar referenciados com a personificação externalizada de nossas características físicas, mas se permitir a ir mais profundo, mapeando emoções, desejos, sentimentos, a nossa história, até para entender onde/como chegamos, quem nos tornamos e questões semelhantes, que as vezes nem conseguimos respostas, porém, levam-nos a perceber que fazem parte de quem nós somos.

Nesse processo de olhar e pensar sobre si, as lembranças vão sendo construídas como uma coxa de retalhos e, nem sempre, conseguimos ter tanta precisão dos fatos ou escrevê-los/descrevê-los de forma linear. A memória, algumas vezes, nos prega peças, mas nada disso vai invalidar a história, como explica Pollak (1992, p. 201):

Se destacarmos essa característica flutuante, mutável, da memória, tanto individual quanto coletiva, devemos lembrar também que na maioria das memórias existem marcos ou pontos relativamente invariantes, imutáveis. Todos os que já realizaram entrevistas de história de vida percebem que no decorrer de uma entrevista muito longa, em que a ordem cronológica não está sendo necessariamente obedecida, em que os entrevistados voltam várias vezes aos mesmos acontecimentos, há nessas voltas a determinados períodos da vida, ou a certos fatos, algo de invariante. É como se, numa história de vida individual - mas isso acontece igualmente em memórias construídas coletivamente - houvesse elementos irredutíveis, em que o trabalho de solidificação da memória foi tão importante que impossibilitou a ocorrência de mudanças.

Portanto, reconhecendo esses marcos irredutíveis, a ideia inicial desse dissertar, advém da disciplina optativa “Didática do Ensino Superior”, do Programa de Pós-Graduação em Ensino (POSENSINO). Nesse componente curricular, os professores ministrantes propuseram desenvolver, como trabalho final, narrativas (auto) biográficas. com essa missão, queremos destacar que esse texto tem por objetivo narrar sobre quem sou, de onde venho, aonde cheguei e para onde quero ir, considerando os aspectos que envolvem a formação e à docência.

No intento de alcançar esse objetivo, nossa pesquisa possui uma abordagem qualitativa, já que esta “[...] exige que o mundo seja examinado com ideia de que nada é trivial, que tudo tem potencial para constituir uma pista que nos permita estabelecer uma compreensão mais esclarecedora do nosso objecto de estudo” (BOGDAN; BIKLEN,

1994, p. 49). Nessa perspectiva, acreditamos que a pesquisa por narrativas possui esse potencial. Ademais, também utilizamos da pesquisa bibliográfica que “[...] é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (GIL, 2008, p. 50), assim, possibilitando e contextualizando, a partir desse material, a essência e relevância das narrativas (auto) biográficas.

Para além da introdução, o nosso texto está dividido em três seções. Em nossa primeira, temos uma conversação com os teóricos; na segunda seção um olhar do passado distante e outro não tão distante do autor deste texto; por fim, na terceira seção, abordaremos o itinerário atual e os anseios futuros.

### **Um pouco da teoria: refletindo sobre narrativas**

A escrita sobre as narrativas vem tomando proporções significativas no que diz respeito às pesquisas em Educação. “O movimento nasceu no universo pedagógico, numa amálgama de vontade de produzir um outro tipo de conhecimento, mais próximo da realidade educativa” (NÓVOA, 2007, p. 19). Os autores apresentados nesta seção defendem esse processo de reflexão sobre o vivido, destacando a relevância proveniente desse procedimento de relatar/narrar/descrever/refletir/perceber para a compreensão da identidade, do eu no fazer, no ser, no sentir no processo e na formação docente.

Os caminhos trilhados desde o início do século XX e os embates travados em diferentes campos do conhecimento têm permitido melhor compreender e reafirmar a abordagem biográfica e a utilização da narrativa (auto) biográfica como opção metodológica para a formação de professores, visto que a mesma possibilita inicialmente um movimento de investigação sobre o processo de formação e, por outro lado, possibilita, a partir das narrativas (auto) biográficas, entender os sentimentos e representações dos atores sociais no seu processo de formação e autoformação. (SOUZA, 2006, p. 34)

Perceber essas representações na/para docência é não olhar apenas para quem está nos processos de atuação, mas quem também está na busca da prática, ou seja, “Tal proposta remete à importância de se considerar perspectivas de formação inicial e continuada a partir de histórias de vida e relatos autobiográficos [...]” (VENTURA; CRUZ, 2019, p. 435). Observando a narrativa na perspectiva da pesquisa e do ensino podemos perceber que estas “[...] podem ser tanto um fenômeno que se investiga como um método de investigação” (CUNHA, 1997, n. p.), articulando-se em uma amplitude de possibilidades de trabalhos. Amplitude que ativa a necessidade de reconhecimento de si, quando voltada para o ensino, mas que quando usada na esfera da pesquisa, precisa ser com o objetivo de propiciar um distanciamento do meu eu escritor para com o meu eu leitor, gerando de forma intencional um processo reflexivo. Entretanto, independentemente dessa forma de percepção,

Quando uma pessoa relata os fatos vividos por ela mesma, percebe-se que reconstrói a trajetória percorrida dando-lhe novos significados. Assim, a narrativa não é a verdade literal dos fatos, mas, antes, é a representação que deles faz o sujeito e, dessa forma, pode ser transformadora da própria realidade. (CUNHA, 1997, n.p)

E como uma das formas de solidificar essas vivências, reconstruir e dar-lhes significados, Barbosa (2010), vem trazer em seu livro “Diário de pesquisa: o estudante universitário e seu processo formativo” uma ferramenta para conter essas narrativas o Diário/jornal de pesquisa (JP), como é denominado pelo autor.

Segundo o autor, deveríamos utilizar o JP como:

[...] exercício processual de construção da própria autoria, tanto nos trabalhos acadêmicos quanto na vida, pois se apresenta como ferramenta eficaz para estabelecer a ponte entre os conteúdos da ciência aprendidos racionalmente e os conteúdos vividos internamente, resultando no que estamos



chamando de ‘aprendizagem existencial’. (BARBOSA, 2010, p. 70-71)

Nesse processo de aprendizagem é primordial que não apenas estejamos escrevendo sobre acontecimentos, mas nos possibilitando a desempenhar momentos reflexivos sobre o eu, sobre a prática. Segundo Barbosa (2010, p. 62), é possível perceber “[...] a necessidade de o professor se tornar pesquisador de sua própria prática [...]”. Não apenas se configura a minha formação, do fazer pedagógico ou dos alunos, mas de ambas, já que estamos em um ambiente de trabalho que deve somar e não disseminar a individualidade.

Assim, “A narrativa provoca mudanças na forma como as pessoas compreendem a si próprias e aos outros” (CUNHA, 1997, n.p). Além disso, nessa forma de escrita as nossas vivências, as quais muitas vezes não se configuram de maneira exitosa, não nos são confortáveis e em alguns casos difíceis de abordar. Porém, o ato de me submeter a refletir sobre tais acontecimentos, possibilita-me analisar o processo pelo qual fui precursor e me torna perceptível o uso da resiliência e consequentemente do processo de ressignificação decorrente de uma história de vida, seja esta considerada “boa” ou “não”.

Segundo Cyrulnik (2005, p. 42):

Para iniciar um trabalho de resiliência, devemos esclarecer novamente o mundo e dar-lhe coerência. A ferramenta que permite esse trabalho chama-se ‘narração’. É evidente que não podemos contar uma história a partir do nada. É necessário que tenhamos sido sensíveis a fragmentos do real, que os tenhamos transformado em lembrança, associado e recomposto em encadeamentos temporais lógicos. Esse trabalho psíquico deve ser dirigido a alguém que nos afete. Ou seja, mesmo na narrativa mais simples, cada personagem é co-autor da narração.

É concebendo esses fragmentos do vivido que me aproprio da minha vivência como escritor, bem como na condição de coautor. Todo esse ressignificar do narrar permite o reorganizar das memórias do escritor. Transporta o subconsciente do personagem principal a se posicionar em uma cena de novela, pode-se dizer assim, e inconscientemente posicionar de igual forma, ou melhor, da forma mais fiel possível, os atores da vivência.

Uma narrativa é uma representação de atos sensatos, uma encenação de sequências comportamentais, uma organização de imagens reorientadas pelas palavras. [...] As narrativas podem ser reais ou imaginárias' sem que percam nada de sua força como histórias. O que conta é que a história proponha uma razão. [...] Toda narrativa é uma ferramenta para construir nosso mundo. (CYRULNIK, 2005, p. 102)

Complemento a fala do autor, digo que a narrativa é de total modo, eficaz para (re)construir o nosso mundo. Esse pensamento se configura pelo fato de revivermos através de processo de narrar, os momentos. Por pequenos flashes de recordação dessas memórias ou dela em quase totalidade, pensamos se o que foi considerado bônus não trouxe consigo um ônus ou vice-versa. No entanto, para nós que buscamos sempre ter os melhores resultados em tudo, é propício não problematizarmos esses momentos em que as coisas deram “errado”, já que muitas vezes ao interpretamos dessa forma nos causa desestímulo, frustração suficientes.

O itinerário mais saudável e menos penoso é constituído pela ação de narrar. A competência para narrar a si mesmo é necessária para compor uma imagem da própria personalidade. Esse trabalho provoca um prazer estranho. Compreende-se facilmente o deleite provocado pela lembrança de momentos felizes como acontece quando se está em grupo e a evocação dos momentos felizes provoca um retorno da felicidade. Dessa maneira forma-se a afeição entre pessoas que compartilham uma mesma lembrança. Mas lembra-se o tempo todo de um episódio doloroso, fazer imagens tristes voltarem, tornar a

diálogos conflituosos e imaginar outros provoca uma desconcertante emoção de bem-aventurado pesar. É provavelmente essa singularidade que permite compreender a função da narrativa interior: tornar a assumir a emoção provocada pelo passado e remanejá-la para torná-la uma representação de si intimamente aceitável. (CYRULNIK, 2005, p. 97)

Por isso, reforçamos que essas escritas não se resultam apenas em escrever o que passamos, mas promover ao escritor/leitor/autor/coautor o processo resiliente, levando a um olhar formativo decorrente dessas experiências que podem ser ressignificadas, “[...] movimento atual que procura repensar as questões da formação, acentuando a ideia que ‘ninguém forma ninguém’ e que ‘a formação é inevitavelmente um trabalho de reflexão sobre os percursos de vida’ [...]” (NÓVOA, 1988, p. 116).

O ato do narrar é tocante, pois além dos processos afetivos que a escrita demonstra, “a narrativa permite explicitar a singularidade, e com ela, vislumbrar o universal, perceber o caráter processual da formação e da vida” (JOSSO, 2004, p. 09). Quando cientes desse caráter processual, torna-se perceptível que devemos acompanhar esse processo, não pulando etapas, mas vivendo cada momento no qual somos submetidos, e ao fim de cada etapa sempre fazer esse regresso ao processo, aclarando o que deixamos nas entrelinhas e ressignificando o que foi vivido.

Nesse sentido, Zabalza (2004, p. 10) acrescenta, detendo-se com ênfase no que diz respeito ao processo formativo, que o ato de,

[...] escrever sobre o que estamos fazendo como profissional (em aula ou em outros contextos) é um procedimento excelente para nos conscientizarmos de nossos padrões de trabalho. É uma forma de ‘distanciamento’ reflexivo que nos permite ver em perspectiva nosso modo particular de atuar. É, além disso, uma forma de aprender.

Essas possibilidades formativas, que incluem a ressignificação, a resiliência, a ação-reflexão-ação, advém desse distanciamento que no

ato de escrever é vivido. Segundo Barbosa (2010, p. 45-46), “Há uma aprendizagem a ser reescrita em nosso inconsciente. A aprendizagem da própria escrita. E tal aprendizagem somente se dará se houver a dedicação, a insistência, a descoberta do lúdico, do prazer da escrita”. E com essa dedicação e reconhecimento do prazer de escrever que esse processo vai se construindo e reconstruindo-se na narrativa.

Finalizando essas reflexões sustentadas nos autores dialogados anteriormente, considerando todos esses aspectos propiciadores das narrativas, na próxima seção iniciaremos o processo mais pessoal, em que autor desempenha a escrita da sua (auto) biografia. Assim, desejamos que conhecer se torne aprendizado e possivelmente identificação.

## **Quem sou e de onde venho**

Nas linhas imaginárias que nessa seção estão sendo preenchidas, estou tentando contar um pouco de mim. Apresentar-se tecnicamente, no sentido de mostrar apenas nossas titulações, é bem mais fácil. No entanto, estou me desafiando a falar um pouco mais. De um começo que vem anterior às formações acadêmicas, ao que tenho como pesquisa, mas trajetórias que subsidiaram o caminho até chegar a estas.

Sou de um Município do Rio Grande do Norte, qual seja: Areia Branca. Todavia, minha residência é na Praia de Morro Pintado, zona rural. Apesar de ser criado por uma avó materna que só frequentou a escola até a quarta série e um avô que vivenciou somente alguns dias de aulas, sempre fui incentivado a estudar. Gostava de aprender e o pouco que aprendia, usava para ensinar.

Meu avô é cego, foi acometido de glaucoma<sup>1</sup>. Agricultor, disse que só faria a cirurgia quando terminasse de cercar o seu roçado. Infelizmente, perdeu completamente a visão quando eu ainda era bebê, não

---

<sup>1</sup> O glaucoma é uma doença grave que surge na sequência do aumento da pressão intraocular. A perda de visão é consequência da destruição das células ganglionares (nervo óptico), uma estrutura que liga o olho ao cérebro occipital e responsável pela condução das imagens da retina até ao cérebro (PEREIRA, 2021).

chegando a concluir a cerca e nem realizar o procedimento cirúrgico. Recordo-me, que já maior, aproximadamente com sete anos de idade, pegava em sua mão, a qual segurava um lápis, e direcionava ao papel na tentativa de fazer com que ele escrevesse as letrinhas do alfabeto, assim como me era ensinado. Ação que não surtia muito efeito, mas me trazia felicidade.

Diferentemente de mim, meu avô sempre foi muito bom em cálculos mentais relacionados às quatro operações. Confesso que me ajudou muito nas tarefas. Também usava dessa facilidade com os números para trabalhar várias continhas com ele, trazia problemas e este sempre respondia.

Já minha avó sempre teve mais facilidade com a leitura, exercitando com a leitura da bíblia, ela é bastante católica. Grande incentivadora e promotora de muitos saberes que hoje sei. Junto dela, de meu avô e minha bisavó (nesse período não mais lúcida), íamos à igreja com frequência. Nessa instituição fui crescendo, me envolvendo com os rituais: liturgias, cânticos e catecismo. Como membro ativo da igreja de Nossa Senhora de Fátima, fiquei responsável para ministrar a catequese<sup>2</sup> para as crianças e pré-adolescentes que pretendiam fazer a primeira comunhão<sup>3</sup>. Foi o primeiro contato que tive com um tipo de educação, em que não era aluno, mas professor. Nessa perspectiva, passei bastante tempo nessa função, aprendendo, ensinando, mas sem cogitar possibilidades de trabalhar com a docência. Contudo, recordo-me de ser uma atividade prazerosa.

Na mesma época, à noite, foi formada uma turma de Educação de Jovens e Adultos (EJA), na única escola da comunidade. Minha avó foi

---

2 A finalidade da catequese é aprofundar o primeiro anúncio do Evangelho: levar o catequizando a conhecer, acolher, celebrar e vivenciar o mistério de Deus, manifestado em Jesus Cristo, que nos revela o Pai e nos envia o Espírito Santo. Conduz à entrega do coração a Deus, à comunhão com a Igreja, corpo de Cristo, e à participação em sua missão (CNBB, 2008).

3 O ato de receber pela primeira vez o “Corpo e Sangue de Cristo”, sob a forma de pão e vinho, é chamado de Primeira Comunhão. Ela é importante para o catolicismo, pois é nela que ocorre a primeira grande experiência de Jesus na vida das crianças, dos jovens, dos adultos ou dos idosos (RUMO DA FÉ, 2018).

matriculada e quase todas as noites eu a acompanhava, íamos de carroça ou a pé. Lembro-me que sempre ajudava os adultos, inclusive minha avó. Era um sentimento satisfatório estar ali. Com o passar dos meses, as atividades vieram a se findar, porém, não me recordo dos motivos.

Com o passar dos anos me desvinculo da igreja católica e em 2015 passo para denominação evangélica. Na instituição, sou agraciado com a função de professor da Escola Bíblica Dominical (EBD)<sup>4</sup> infantil, em que passo aproximadamente de dois a três anos nessa função junto a dois colegas. Paralelo a essa experiência, presto vestibular para a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), inclusive, o último vestibular (PSV 2015) realizado pela IES. Reconheço que direciono meu interesse de curso muito por minha trajetória e por incentivo de alguns familiares.

Como opção, presto o processo seletivo para pedagogia e, quase sem muita perspectiva de alcançar a aprovação, sou aprovado em chamada regular. Semelhante a muitos que receberam a aprovação, não conseguia acreditar que tinha dado tudo certo. Recordo-me que fiquei ainda mais feliz por ver a felicidade dos meus “veios” (avós). Mesmo sem estes saberem muito do que se tratava, mas por eu estar feliz e obter essa conquista, vibraram junto comigo. Acredito que não há muito como explicar, mas antes de tudo, aquela conquista foi dedicada para eles.

Ingressei na universidade sem saber do que realmente aquilo tudo se tratava. Acho que foi mais um processo de absorção do meio, que esse era o caminho. Na instituição aprendi muito e realmente vivenciei todas as oportunidades que a trajetória no curso de Pedagogia me ofereceu, inclusive o Programa de Educação Tutorial (PET Pedagogia).

Explicando de forma breve, Nascimento, Braga e Lima (2021, p. 12), falam que:

---

4 A EBD como também é conhecida no Brasil é uma escola para estudos bíblicos que acontece aos domingos (daí o nome dominical) nas igrejas evangélicas de todo o mundo, inclusive aqui no Brasil. Ela surgiu na Inglaterra por volta do ano 1737, provavelmente por John Wesley ou Robert Raikes, o primeiro Metodista e o segundo Anglicano e, desde então, ganhou forças e hoje ela é uma das principais reuniões que ocorrem nas igrejas cristãs (EVANGELIZAÇÃO, 2019).

Os grupos PET possuem mediação e acompanhamento de um professor(a) Doutor(a) Tutor(a). O programa possibilita o ingresso de no máximo 12 bolsistas e 6 voluntários, sendo ambos compartilhadores das mesmas responsabilidades enquanto componentes. O PET tem o intuito que seus participantes desenvolvam ‘atividades acadêmicas extracurriculares, que complementem a sua formação acadêmica, procurando atender mais plenamente às necessidades do próprio curso de graduação e/ou ampliar e aprofundar os objetivos e os conteúdos programáticos que integram sua grade curricular’ (BRASIL, 2006, p. 06). Com carga horária de 20 horas semanais, destinadas a contemplar de forma macro a formação dos seus componentes, o programa vem buscando através do tripé, extensão, pesquisa e ensino, uma formação humana/educativa/formativa de qualidade. Os alunos devidamente matriculados no curso, o qual é contemplado com o PET, podem participar deste através da aprovação de um processo seletivo que pode variar de programa para programa. Podendo permanecer vinculado até a sua colação de grau e com aproximadamente dois anos, são beneficiados com certificação fornecida pelo MEC.

Iniciei minha participação no PET no ano de 2016. Falar sobre a formação do/no programa é sempre reviver uma trajetória de muitos sentimentos. O Programa me situou no universo acadêmico, deu-me possibilidade de (re)conhecer quem sou, de conhecer o curso, lugares, projetos de pesquisas e de extensão. Deste, tenho comigo experiências e conhecimentos que me reconstroem enquanto ser humano e enquanto pesquisador. Um defensor da escola pública, na qual sempre fui aluno, do direito à educação, das lutas de permanência dos projetos e programas formativos, do direito à vida de pessoas LGBTQIA +<sup>5</sup>.

---

5 A sigla tem passado por várias modificações durante os anos, mas em suma, busca representar diversas pessoas, com suas diferentes orientações sexuais e identidades de gênero, unificando-as em movimento político que almeja a efetivação dos seus direitos enquanto pessoas, sociedade e, assim, também a valorização de suas vidas que tanto são ceifadas. Ademais, cada letra representa um nicho dessa diversidade.

Essa visão também foi construída na participação do grupo de extensão “Diálogos em Paulo Freire e Educação Popular” (LEFREIRE), que se estende até o ano dessa escrita (ano de 2022). Um grupo que estuda as obras de Paulo Freire e realiza atividades em diversos espaços de Mossoró e municípios circunvizinhos, retratando realidades, vivenciando experiências, partilhando de saberes e do diálogo, da ação-reflexão-ação.

[...] o LEFREIRE - Diálogos em Paulo Freire e Educação Popular - Projeto de Extensão da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN se debruça, desde 2010, sobre a produção teórica do autor, na tentativa de entender seus principais conceitos e discussões, os diálogos possíveis com outros teóricos e pensamentos, e divulgar esses estudos entre a comunidade uerniana e seu entorno. (NASCIMENTO; PERNAMBUCO, 2013, p. 06)

Nesse trajeto, foram muitas aprendizagens, até após concluir a graduação. Posteriormente, no ano de 2020, ingressei na Especialização em Educação e Contemporaneidade no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), *Campus Mossoró*. Vale salientar, que cursamos em modalidade virtual, devido à pandemia da Covid-19. Apesar do formato de aulas, a ministração das disciplinas foi importante para nossa formação, para pensar a sociedade, o contexto pandêmico, a escola, a formação de professores, entre outros.

Nesse mesmo período, fui contratado pela Prefeitura Municipal de Areia Branca para atuar como professor polivalente em uma das escolas municipais. Foi bem desafiador por inúmeros fatores, dentre eles ser a primeira atuação profissional, estar cursando a especialização e vivenciar um modelo de aulas remotas em que as instituições não estavam totalmente preparadas e muitos dos alunos não possuíam condições econômicas para se adaptarem a esse novo contexto. Aprendi muito nesse período, sentindo a partir de uma breve experiência, a realidade de uma sala de aula.



Ademais, finalizo essa seção considerando que muito dos sentimentos, dos saberes, dos conhecimentos que partilhei e foram partilhados comigo, não serão possíveis de expressar nessas linhas, mas reitero que também se tornaram os principais estímulos para onde cheguei e para o que pretendo alcançar.

### **Aonde cheguei e para onde quero ir**

No ano de 2021 ingressei no mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ensino (POSENSINO). Faz-se necessário destacar que sempre foi um objetivo a ser almejado. Entretanto, é complicado relatar e, pode ser que novos caminhos surjam no futuro, mas não me compreendo fora da realidade acadêmica e do mestrado, em particular. Na minha vida, surge nessa perspectiva de asseio de satisfação pessoal e de colaborar com a sociedade.

Nesse trajeto da pós-graduação, fui contemplado com a bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). A satisfação e gratidão é tamanha e percebo que essa conquista aparece como fruto do que foi construído, expresso nessas linhas anteriores. Essa reverbera mais um incentivo para doar o máximo de mim para esse novo percurso formativo e pessoal que está sendo trilhado.

Decorrentes das considerações anteriores, compreendemos e consideramos que a temática que propomos a investigar na pós-graduação permeia a formação de professores, mas também chega ao encontro da atuação profissional do licenciado pelo curso de Pedagogia, assim, contribuindo para reflexão dos agentes formadores e em processo de formação (graduandos). Além disso, o trabalho aqui proposto, em parte, já se apresenta como pauta de discussão, tomando palcos literários, condutores para o debate de pensar e repensar o curso de Pedagogia no Brasil.

Como já mencionado, enquanto pedagogo, temos interesse pela discussão e pretendemos colaborar com nossas leituras, formação e atuação. Além de contarmos com a participação e reflexões de alguns

egressos do curso de Pedagogia, atuantes em escolas públicas. Ação que consideramos significativa, pois proporcionaremos o expressar desses sujeitos que fazem a Educação Básica.

Assim, como educadores, temos por entendimento que quando tratamos de formação, principalmente de professores, não vinculamos o olhar específico a determinado sujeito, mas a múltiplos indivíduos, formadores de outros, que precisam ser pensados e pensantes, com isso construindo coletivamente caminhos para ações coletivas na Educação.

Para além da formação, concordamos que esse dissertar também se apresenta como facilitador para refletirmos sobre a docência. Nesse sentido, não é por acaso que trazemos como participantes os professores de escolas públicas, sujeitos que não dimensionam, mas vivenciam a escola em seus diferentes aspectos. Acreditamos que esses podem proporcionar considerações significativas em decorrência da sua prática, colaborando para não somente compreendermos a polivalência, mas para percebermos a sua efetivação.

Portanto, diante do exposto, além das percepções sobre a historicidade, o currículo, a docência e a formação de professores, discussões que eram pauta anteriormente e continuam atualmente, buscamos no plano de trabalho da dissertação, encontrar subsídios para iniciar a compreensão sobre o seguinte problema de pesquisa: **quais as percepções de egressos da Licenciatura em Pedagogia da UERN, Campus Central, atuantes em escolas públicas, no que diz respeito à formação de professores polivalentes?**

A partir desse problema, elencamos como objetivo geral: **refletir sobre as percepções de egressos da Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Campus Central, atuantes em escolas públicas do município de Mossoró, no que diz respeito à formação de professores polivalentes.**

Na perspectiva de especificar ainda mais as discussões a serem tratadas, temos por objetivos específicos: (a) descrever as percepções de egressos da Licenciatura em Pedagogia, da UERN, *Campus Cen-*

tral, atuantes em escolas públicas do município de Mossoró, no que diz respeito à formação de professores polivalentes; (b) pensar sobre a docência de professores polivalentes de escolas públicas, Licenciados em Pedagogia pela UERN, *Campus Central*; e (c) analisar o Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Pedagogia da UERN, *Campus Central*, acerca da formação de professores polivalentes.

Assim, tendo explicitado esses pontos que reverberam sobre um recorte da trajetória do autor, os caminhos que trilhou, as justificativas referentes à escolha de sua pesquisa desenvolvida no momento desta escrita no Mestrado em Ensino, o POSENSINO, consideramos que foi possível conhecer mais um dos relatos que reiteram sobre os processos que podem ligar um ser humano à educação formal, à universidade, aos programas e projetos formativos, à docência e à formação de professores, contribuindo para humanização, conhecimento crítico e reflexivo para um posicionamento político e social.

### **Considerações finais**

Nessa pesquisa, tínhamos como objetivo a ser alcançado, narrar sobre quem sou, de onde venho, aonde cheguei e para onde quero ir, considerando os aspectos que envolve a formação e a docência. Nesse sentido, acreditamos que a proposta foi alcançada.

Além de na segunda seção fazermos uma breve contextualização teórica da importância das narrativas nos processos formativos, conseguimos através da terceira seção expressar os desdobramentos pessoais, educacionais do ensino e da docência da vida do autor dessa narrativa (auto) biográfica, considerando as aproximações, desde os aspectos da educação religiosa, nas igrejas que este se congregou, como também, conhecer a sua graduação em pedagogia, a pós-graduação em educação e contemporaneidade e a prática como professor polivalente em uma das escolas municipais da cidade de Areia Branca/RN.

Já na quarta seção, encontramos as considerações que descrevem a atualidade do autor, apresentando sua experiência ao ingressar em

um Programa de Pós-Graduação, nível de mestrado, até ao processo de aprimoramento do tema de pesquisa com o seu orientador, almejando refletir sobre as percepções de egressos da Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), *Campus Central*, atuantes em escolas públicas do município de Mossoró, no que diz respeito à formação de professores polivalentes.

Por fim, quando chegamos a esse momento de conclusão, sempre achamos que precisamos falar mais, principalmente no que corresponde às narrativas (auto) biográficas, em que o que se é contado não se encerra, há pontos que podem ser aprofundados e momentos que ainda serão vividos. Por isso, também, reiteramos que escrever sobre o que somos e o que fazemos deve ser um exercício contínuo.

## Referências

BARBOSA, J. G. **O diário de pesquisa**: o estudante universitário e seu processo formativo. 18 ed. Remi Hess - Brasília: Liberlivro, 2010. 103p.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Tradução de Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Porto Editora, Coleção ciência e educação, Portugal, dez. 1999. 335p.

CNBB, Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. **A Catequese**. Igreja Católica Apostólica Romana. set. 2008. Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/a-catequese/>. Acesso em: 20 out. 2021.

REGINA, E. **Como nossos pais**. Compositor: Belchior. In: FALSO brilhante. Intérprete: Elis Regina. São Paulo. Universal Music Ltda, 1976. 1 disco vinil, faixa 01.

CUNHA, M. I. Conta-me agora!: as narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. **Rev. Fac. Educ.**, São Paulo, v. 23, n. 1-2, jan. 1997. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-25551997000100010&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-25551997000100010&lng=pt&nrm=iso). Acesso em 10 dez. 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-25551997000100010>.

CYRULNIK, B. **O murmúrio dos fantasmas**. Tradução Sônia Sampaio; revisão da tradução Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 2005. 184p.

EVANGELIZAÇÃO. **Escola Bíblica Dominical, o que é o como funciona a escola dominical**. 2019. Disponível em: <https://www.evangelizacao.blog.br/escola-biblica-dominical.html>. Acesso em: 20 out. 2021.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. 219p.

JOSSO, M. **Experiências de Vida e Formação**. São Paulo: Cortez, 2004. 288p.

NASCIMENTO, A. A. B.; BRAGA, F. S.; LIMA, H. J. R. Programa de Educação Tutorial. **Revista Eletrônica Científica Ensino Interdisciplinar**, v. 7, n. 24, p. 243-265, 15 dez. 2021.

NASCIMENTO, H. M. F. do.; PERNAMBUCO, M. M. C. A. Entrelaçando olhares: quando o GEPEM/UFRN e o LEFREIRE/UERN se encontram em Paulo Freire. *In: VIII Colóquio Internacional Paulo Freire*, Recife, 2013.

NÓVOA, A. A formação tem de passar por aqui: as histórias de vida no Projeto Prosalus. *in: NÓVOA, A.; FINGER, M. (Org.). O método (auto) biográfico e a formação*. Lisboa: MS/DRHS/CFAP, p. 107-130, 1988.

NÓVOA, A. Os professores e as histórias da sua vida. *In: NÓVOA, A. (Org.) Vidas de professores*. 2. Ed. Porto Editora: Porto/Portugal, p. 11-30, 2007.

PÁDUA, E. M. M. **Metodologia de pesquisa: abordagem teórica-prática** / Elisabete Matallo Marchesini de Pádua. 17 Ed. Campinas, SP: Papirus, 2012. 127p.

PEREIRA, M. M. **Glaucoma: o que é glaucoma?**. Saudebemestar.pt. abr. 2021. Disponível em: <https://www.saudebemestar.pt/pt/clinica/ofthalmologia/glaucoma/>. Acesso em: 20 out. 2021.

POLLAK, M. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212. 1992. Disponível em: <http://docente.ifrn.edu.br/andreacosta/memoria-e-patrimonio-cultural/texto-de-michael-pollak-memoria-e-identidade-social/view>. Acesso em: 30 set. 2020.

RUMODAFÉ. **Primeira Comunhão: conheça tudo sobre a tradição da religião católica**. 2018. Disponível em: <https://rumodafe.com.br/primeira-comunhao/>. Acesso em: 20 out. 2021.

SOUZA, E. C. de. A arte de contar e trocar experiências: reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida em formação. **Educação em Questão**, Natal-RN, v. 25, n. 11, p. 22-39, jan./abr. 2006.

VENTURA, L.; CRUZ, D. M. Metodologia de narrativas autobiográficas na formação de educadores. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 19, n. 60, p. 426-446, jan./mar. 2019.

ZABALZA, M. Á. **O ensino universitário: seu cenário e seus protagonistas**. Porto Alegre: Artmed, 2004. 239p.



## NARRATIVA (AUTO) BIOGRÁFICA: HISTÓRIA DE VIDA DE UM PROFESSOR

Geraldo Geovani Santos da Silva

### **Narrativas de mim: vida e formação docente**

Sou Geraldo Geovani Santos da Silva. Nasci no dia 31 de maio do ano de 1985 na maternidade da cidade de Brejo do Cruz, no Estado da Paraíba. Sou filho dos agricultores Geraldo Santos da Silva e Maria Cleone da Silva Santos, ambos trabalhadores da lida diária. Dois anos depois nasceu minha irmã, a qual deram o nome de Cleliane. Crescemos sempre no intuito de sermos cidadãos de opiniões e de responsabilidades.

Aos quatro anos de idade comecei a minha jornada na educação, iniciei na turma de pré-escola onde permaneci por dois anos. No início dos anos 90, período esse que ocorreu grandes avanços na educação, ingressei na turma de alfabetização com uma professora altamente qualificada e amorosa. Ela nos atraía com seu jeito meigo de conversar e se expressar. Eu fazia parte de uma turma multisseriada desde a alfabetização até a 4ª série (5º ano do Ensino Fundamental) com aproximadamente 20 alunos. Sempre ficava observando as formas de estudos que eram passadas pela docente e tentava atribuir com estudos também as formas de repassar as lições cobradas.

Os anos seguintes, nas séries escolares maiores, chegaram e com eles a responsabilidade de aprender e desempenhar os conhecimentos expostos pelos professores das turmas. Sempre fui focado no aprendizado, os conteúdos eram além da série que estava sendo estudada, se estivesse na 1ª série estava estudando os conteúdos da 2ª série. No entanto, seguindo todas as orientações necessárias e desempenhas pela professora. Aluno dedicado e disposto a ajudar seus colegas nas leituras das lições e nos afazeres das atividades a serem desenvolvidas na sala de aula.

Foi a partir do contato com meus colegas de sala de aula que começou a despertar o interesse em ser alguém que pudesse estar à frente de pessoas ajudando e aperfeiçoando nos aprenderes educacionais em uma instituição de ensino. Foi através do contato direto com os demais alunos que nasceu o dom que anos depois iria se concretizar.

Com o encerramento do Ensino Fundamental, anos iniciais, a jornada foi destinada para as séries seguintes. Uma nova visão de estudo e de compreensão na instituição que também era nova. As dificuldades foram as primeiras a serem identificadas com a temida Língua Estrangeira, a qual era o medo da maioria dos alunos da turma. Com as leituras orientadas pelos professores sempre mergulhava na viagem ao passado na disciplina de História, a qual era o meu sonho em um dia me formar e lecionar. Ficava idealizando os “povos da Mesopotâmia”, em como eles eram de verdade e como viviam em meio aos perigos. Todo o Ensino Fundamental, anos finais, foi marcado por pontos positivos e por aqueles momentos que queremos esquecer, fui um adolescente com oportunidades para absorver e socializar meus conhecimentos, participar de inovações na instituição, representar os trabalhos desenvolvidos e apreciar junto à comunidade a coletividade.

Com a chegada dos anos 2000 e o Ensino Médio, a oportunidade de crescer na educação ficou ainda mais perto. Ingressei no 1º Ano do Ensino Médio, nova escola, novos colegas, tudo novo e ao mesmo tempo aberto a me receber. Foi a partir de então que passei a ter o conceito de que realmente num futuro próximo estaria vivenciando o



que tanto almejava que era lecionar. A cada novo dia me preparava para a tão esperada oportunidade de contribuir de forma profissional e até mesmo pessoal na vida de uma criança, adolescente ou adulto.

No ano de 2003, ano de conclusão do Ensino Médio, participei de uma seleção para professores de um programa que beneficiava com estudos pessoas adultas que não tiveram a oportunidade de estudar. Foi nesse período que iniciei a minha vida de educador, mantendo o contato com aqueles alunos que para mim eram especiais e que com certeza precisavam e receberiam a minha ajuda.

No ano de 2005, após ter concluído o Ensino Médio, ingressei na licenciatura em Pedagogia, pois era a única que estava disponível próxima ao meu município. Foi um momento inovador e desafiador para a minha aprendizagem. As limitações acadêmicas existiam como também tecnológicas, mas sempre tentava absorver o máximo de conhecimentos. Durante as aulas das disciplinas na faculdade, tive algumas que me chamaram atenção, as formas de agir e de repassar as metodologias eram fascinantes e o meu aprendizado aumentava a cada novo encontro.

No ano de 2007, com o avanço dos estudos na faculdade, cheguei à parte do estágio supervisionado nas escolas de Ensino Fundamental, anos iniciais. A turma para estagiar foi a turminha do 2º Ano com aproximadamente 20 alunos. Momento ímpar e de grande aprimoração profissional com a prática em sala de aula, foram 15 dias de estágio de muitos saberes e socializações. Durante o estágio, aprendi que existe uma diferença entre teoria e prática, e que é através da prática que a transformação educacional acontece. Uma turma de crianças pequenas com diversidades e processos diversificados de aprendizagem. No entanto, foi por meio das adversidades vivenciadas com essa experiência que pude acrescentar ao meu aprendizado métodos que ajudam a ter um bom rendimento em sala de aula.

No ano de 2008, cheguei ao término da licenciatura em Pedagogia, foi um momento incrível, um passo que, com certeza, é fundamental

para o desempenho de uma pessoa que tanto almeja uma sala de aula. Ainda neste mesmo ano surgiu a oportunidade de fazer uma Especialização em Supervisão e Orientação educacional.

Logo, comecei a cursar e absorver recursos inovadores que contribuíssem para entender a vivência de um aluno na escola. Como também, as formas de apresentar e desempenhar uma instituição de ensino. Foi um passo que me levou para o trabalho em coordenação pedagógica. Fiz um processo seletivo para o Programa Brasil Alfabetizado no Estado da Paraíba, onde permaneci por quatro etapas.

Em junho do ano de 2009, abriu um Polo EAD da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, na cidade de São Bento – PB, fiz a prova e fui classificado para cursar a licenciatura em Ciências Biológicas. Novas descobertas e informações memoráveis para o currículo profissional de um educador. Cursei o 1º Semestre com bastante concentração nas informações atribuídas para que assim pudesse enfrentar as dúvidas existentes nos conteúdos.

O ano de 2010 começou com grandes propósitos na educação para mim. Assumi uma turma de Educação de Jovens e Adultos – EJA, do Ensino Fundamental, anos iniciais, no horário da noite, com alunos idosos que não tiveram chance de concluir seus estudos no período certo. Tive que inovar para conquistar diariamente os alunos na sala de aula.

Também no ano de 2010, mais precisamente no mês de fevereiro, fui convidado a assumir algumas turmas de Ensino Médio em escola estadual na cidade de São José do Brejo do Cruz – PB, na qual eu residia desde que nasci. Eu trabalhava os horários manhã e tarde para atingir 20 horas aulas por semana. Foi um grande desafio para mim, pois tive que aprender vários conhecimentos sobre a disciplina de Biologia antes mesmo de cursar na faculdade. Foi árduo, mas consegui lecionar e compartilhar saberes fundamentais para os meus alunos, tive uma ajuda enorme dos alunos na parte do diálogo e da compreensão. Todos se mostraram capazes de dialogar e absorver conhecimentos que lhes foram atribuídos.

Permaneci na Instituição do estado até o ano de 2017, o qual foi um divisor de águas para mim. Fiz um concurso público na cidade de Alto Santo – CE e passei em 5º lugar, de um total de 29 vagas para pedagogo. Mudei de Estado, de cidade e de amizades. Tudo para exercer um cargo que para mim é fundamental na vida de todas as pessoas, de ser professor.

Durante os anos de 2017 a 2020 lecionei nas turmas de 5º ano, trabalhando como professor polivalente, aprimorando os saberes dos alunos e aprendendo junto a eles. Foi também durante esse período que consegui um segundo expediente no Ensino Fundamental, anos finais, lecionando as disciplinas de Língua Portuguesa e Artes, de 6º ao 9º ano. Foi um momento difícil, mas prazeroso e inovar, enfrentar dificuldades é a melhor maneira de dizer que sou capaz de conseguir meus objetivos.

O ano de 2021 foi o ano das mudanças acadêmicas, no mês de fevereiro com o início do ano letivo, assumi a turma do 3º Ano no Ensino Fundamental e permaneci com as disciplinas de Língua Portuguesa, Artes e Ensino Religioso com as turmas de 6º ao 9º ano. Mesmo ainda em pandemia (causada pela Covid-19), vivenciamos aulas remotas prazerosas e significativas para os alunos.

Também foi no ano de 2021 que subi mais um degrau nos estudos: passei em uma seleção para aluno especial no mestrado em Ensino, cursei as disciplinas de Escrita e Ensino e Didática do Ensino Superior. Ambas as disciplinas foram essenciais para aprimorar minhas metodologias em sala de aula. Conheci várias pessoas que foram fundamentais para o meu aprendizado. Pude aprender mais com os professores que são altamente qualificados para assessorar no aprendizado e no repasse para os alunos que fazem parte da minha vida na educação.

### **Considerações finais**

Ao término deste trabalho sobre a minha autobiografia, percebi o quanto é importante relembrar os momentos que foram essenciais

para o crescimento pessoal, profissional e coletivo. Caracterizar as informações de cada momento vivido foi marcante para refletir sobre os métodos de ensino que foram usados e como posso utilizá-los no presente.

Portanto, espero contribuir de forma positiva nos caminhos a serem explorados focando nos conhecimentos que são essenciais para os educandos e que serão repassados por mim. É sobre momentos como esse que me debruço em minha autobiografia, para refletir sobre os acontecimentos e inovar diante das novas descobertas.

## Referência

CHAVES, S. N. Memória e autobiografia: nos subterrâneos da formação docente. *In*: SOUZA, E. C. (Org.) **Autobiografias, histórias de vida e formação**: pesquisa e ensino. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006, p. 161 – 176.

## (AUTO) BIOGRAFIA: UMA REFLEXÃO SOBRE MINHA TRAJETÓRIA NA DOCÊNCIA

Thrycia Viviane Gadelha Macena Oliveira

### **Introdução**

Ao me deparar com a possibilidade de fazer uma reflexão de minha caminhada acadêmica, sou inicialmente como um desafio enorme. Confesso que fiquei insegura se, realmente, daria conta deste trabalho. Falar sobre nós mesmos não é simples. Mas analisar minha trajetória com a minha compreensão e maturidade atual me fez ter a certeza de que eu não escolhi ser professora, foi a docência que me escolheu.

Procurei escrever esse memorial seguindo a ordem cronológica de minha vida, a fim de trazer uma melhor compreensão, falando um pouco de como foi minha formação pessoal, seguida sobre um breve relato da minha vida escolar. A partir daí, discorri sobre minha graduação em Zootecnia, a graduação em Administração, a especialização, a graduação em Música e entrada no mestrado. Trouxe também, o relato da minha primeira experiência como professora e toda minha atuação na pesquisa e na extensão. Finalizo trazendo algumas considerações sobre minha história e trajetória junto à docência.

## **Quem é Thrycia Oliveira?**

Sou a filha mais nova e única mulher de José Macena e Lourdes Gadelha. Eu e meus três irmãos moramos sempre no mesmo endereço, em Mossoró – RN, até seguirmos nossas vidas acadêmicas e de trabalho. Minha primeira recordação de estar em uma sala de aula é por volta dos dois anos, acompanhando minha mãe quando ela ia dar aula de História, em uma escola estadual no período noturno.

A docência sempre esteve presente em minha vida. Dentro das minhas brincadeiras de criança, eu tinha duas preferidas: dar aula e cantar. Com 8/9 anos eu ajudava minha mãe a preencher os diários e em alguns casos a corrigir os trabalhos. Casei-me com um professor universitário, com o qual pude conhecer essa outra realidade e me encanto, cada dia mais com ela.

Minha mãe sempre foi meu grande exemplo de professora, de mãe, de força. Ela sempre orientou que a gente precisava estudar para “vencer na vida”. Assim como Cruz (2020), que enxerga a educação como possibilidade de mudança na sociedade.

## **O início da vida escolar**

Nunca fui umas das melhores alunas da sala, sempre fiquei na média. Não gostava muito de estudar em casa, então buscava prestar bastante atenção nas aulas e fazer todas as minhas atividades em sala para não precisar estudar. Porém, já no Ensino Médio, toda semana de prova minha casa ficava cheia de colegas que queriam estudar comigo porque eu explicava muito bem.

Estudei a vida toda no Colégio Diocesano Santa Luzia, uma escola particular da minha cidade, e de lá trouxe alguns professores em meu coração até os dias de hoje: tia Valcione (minha primeira professora, do meu jardim I), Heloise (foi professora de inglês entre a 4ª e 6ª série, uma pessoa animada, simpática e que trazia uma linda história de

determinação na profissão a qual queria seguir), Válter (um excelente professor de português que me fez ter gosto pela leitura) e Richardson (posteriormente na faculdade quando cursei a disciplina de Genética foi que eu entendi a importância dele na minha vida acadêmica).

Terminei meu 3º ano sem saber muito qual curso iria fazer o vestibular. Decidi fazer jornalismo – publicidade e propaganda na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), mas acabei perdendo o prazo de inscrição. Fui morar com meu irmão mais velho em Natal - RN por um ano, período que aprendi muito mais sobre a vida do que sobre os conteúdos do cursinho que eu fazia. Voltei para fazer o vestibular do meio do ano na Escola Superior de Agricultura de Mossoró (ESAM), para o curso de Zootecnia e passei. Começa aí uma nova etapa da minha vida.

### **A 1ª graduação – Zootecnia**

Comecei a faculdade em 2005 meio perdida, acredito que com a maioria seja assim, mas logo no meu 3º período decidi traçar alguns planos e metas bem ousadas para o meu futuro. A maioria desses planos foi por água abaixo quando descobri que na minha turma tinha um sanfoneiro, reacendendo minha antiga paixão pela música. Montamos uma dupla e passamos a nos apresentar em alguns eventos da própria universidade. Abro um espaço para contar que vivi a transição da Escola Agrícola para Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), um dos grandes orgulhos dentro da minha vida nessa instituição. No que toca à minha dupla, pontuo que ela durou quase um ano. Acabou quando meu amigo decidiu largar o curso. Voltei aos meus planos acadêmicos. Um dos mais ousados, eu consegui realizar que foi estagiar com todos os animais.

Dentro da UFERSA estagiei no setor de suinocultura, além do trato com os animais trabalhava diretamente com a produção de rações. Fora, consegui um estágio de férias na Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater), onde tive meu primeiro contato

com a extensão rural e pude trabalhar com caprinos, ovinos e criação de galinha caipira. Em 2007 veio uma grande virada na minha cabeça: consegui um estágio de férias na Universidade Federal de Viçosa (UFV), na época o curso de Zootecnia de lá foi considerado o melhor do país. Nesse contexto, trabalhei com bovino (de corte e de leite) pela primeira vez e descobri minha grande paixão: vacas. Voltei tendo a certeza de onde queria atuar.

Mas meu caminho não foi só flores. Tive muitos altos e baixos, alguns problemas de saúde, outros problemas pessoais. Sempre fui muito séria, de poucos amigos e isso, em determinados períodos, me trouxe alguns problemas que dificultaram minha caminhada, porém, também me fortaleceu.

No meio de uma turbulência pessoal, comecei a trabalhar com a bovinocultura e logo entrei no grupo de pesquisa PETRUS (Grupo de Pesquisa, Ensino e Transferência de Tecnologia com Ruminantes), atuando com extensão rural e gerenciamento de propriedades, área que me identifiquei e busquei trabalhar com toda dedicação e competência na qual sempre foquei todos os meus projetos.

Nos últimos quatro anos do curso atuei em projetos de extensão, viajando para visitar propriedades em outras cidades, fiz as disciplinas e ainda trabalhei em um projeto do governo federal chamado Mais Educação, sendo monitora de ciências para crianças de 5º ao 9º ano de uma escola estadual da minha cidade.

Participar do projeto Mais Educação foi muito importante no meu crescimento pessoal. Foi a primeira vez que conduzi uma sala de aula de verdade. Esse projeto consistia em oferecer escola em tempo integral para crianças, incluindo o almoço e o lanche do contraturno. Na escola que eu atuei, as aulas regulares aconteciam pela manhã. Eles almoçavam e depois tinham aulas de reforço, ajudando nas lições para casa e, em alguns casos, até repetia o conteúdo abordado pela professora da disciplina de Ciências. Saí do projeto quando me formei, confesso que foi dolorido porque me



apeguei muito aos meus alunos. Eram crianças em situações sociais bem delicadas e eu aprendi com eles muita coisa que considere posteriormente na formação com minhas filhas: criança precisa de amor, respeito, carinho e limites.

Perto de terminar a graduação eu já tinha entendido que iria buscar outros voos para minha vida profissional. Defendi minha monografia em outubro, fiz Enem em novembro e me casei em dezembro. O ano de 2012 finalizou com novos planos e novos desafios.

## **A 2ª graduação - Administração**

Entrei no curso de Administração em março de 2013 e comecei também uma especialização em Gestão de Pessoas. Logo no 3º período comecei a estagiar em uma escola na parte administrativa. Estava bem feliz e me encontrando nessa área quando tive minha primeira filha e alguns problemas no período em que estava de acompanhamento domiciliar. Isso me deu uma desmotivada, mas decidi prosseguir. No 5º período, engravidei novamente e dessa vez meus problemas foram maiores, pois, minha gravidez era de risco e precisei de acompanhamento domiciliar pelos sete meses seguidos. Com uma filha pequena, uma bebê que nasceu prematura e a ausência de compreensão por parte de alguns professores me levou a desistir do curso.

Passei a me dedicar exclusivamente às minhas filhas e à minha casa, passando dois anos sem estudar. Estava me sentindo realizada dentro de casa, mas estava faltando algo. Por incentivo do meu esposo, resolvi fazer algo que eu sempre gostei: música. Foi aí que ele fez minha inscrição do Enem e me deu de presente. Fiz a prova e entrei no curso de licenciatura em Música na UERN, em 2019<sup>1</sup>.

---

1 Por questões éticas, não mencionei a instituição em que cursei, temporariamente, o Bacharelado em Administração.

### **A 3ª graduação – Música**

Quando cheguei no bloco de aulas no meu primeiro dia de atividades, senti que ali era o meu lugar. Eu me senti acolhida, fui muito bem recebida. Encontrei professores incríveis que me receberam como nunca tinha acontecido nas outras graduações. No primeiro semestre entrei no grupo de pesquisa Perspectivas em Educação Musical (GPPM) e logo em seguida entrei em um projeto de pesquisa com o Prof. Dr. Renan Simões. Todo amor pela pesquisa, por escrever, por estudar reacendeu. Atualmente estou no 6º período, no segundo PIBIC e, apesar das dificuldades, continuo amando o meu curso.

Dentro do grupo de pesquisa, o Prof. Dr. Gianni Ribeiro anunciou que iria abrir vaga no Mestrado em Ensino, eu logo pensei: por que não? Conversei com ele e recebi um grande incentivo de tentar.

### **O Mestrado em Ensino**

Resolvi fazer uma experiência de cursar uma disciplina como aluna especial até para experienciar como seria fazer a graduação e o mestrado juntos. Foi nesse momento que chegou à pandemia da Covid-19 no Brasil. Com as meninas em casa e o marido trabalhando muito mais precisei de muito jogo de cintura para conseguir estudar. No entanto, consegui fazer a disciplina e o meu trabalho final se tornou um capítulo de um livro. Foi aí que comecei a trabalhar no meu projeto de pesquisa e a dificuldade aumentou, pois precisava estudar sobre o tema, acompanhar as aulas remotas da minha filha mais velha, dar atenção a mais nova que ficou sem aula, dar assistência na casa da minha mãe e ajudar meu esposo que passou por uma crise de ansiedade muito forte. Consegui concluir meu projeto intitulado “Fatores de engajamento em alunos do Curso de Licenciatura em Música a distância da UERN” e participar da seleção.

Não foi fácil ter passado por esse processo no período de pandemia. A incerteza do dia de amanhã, o medo de adoecer, aprender a lidar

com essas emoções ao mesmo tempo que eu precisava me manter forte para cuidar das minhas filhas, administrar os medos delas, os choros, os pedidos para ir para a escola, para ver as amiguinhas. Tudo isso foi muito dolorido. Por algumas vezes, durante a escrita do projeto, eu quis desistir. Nesses momentos e em todos os outros, eu contei com meu esposo sempre ao meu lado. Ao final do processo seletivo, ver meu nome em primeiro lugar foi uma injeção de ânimo na minha vida e na minha trajetória de formação docente. Me deu a certeza de estar no caminho certo.

### **Algumas experiências didáticas formativas**

Nessa longa jornada de formação docente, posso elencar algumas das minhas atuações.

#### **Ministrei:**

- Curso de Teoria Musical Básica (2021)
- Curso de Técnica Vocal (2021)

#### **Participei da organização dos seguintes eventos:**

- I Ciclo de Capacitação Zootécnica (2011)
- Curso Intensivo de Nutrição de Ruminantes (2012)
- I Curso para formação de extensionista (2012)
- III Encontro Acadêmico de Zootecnia (2012)
- Curso de Inseminação Artificial (2012)
- II Encontro de Egressos do Curso de Música da UERN (2020)

### **Algumas experiências e produções científicas marcantes**

As minhas publicações estão dispostas da seguinte forma:

#### **Eventos nacionais:**

- VI Congresso Nordestino de Produção Animal (2010) - quatro trabalhos;
- XXI Congresso Nacional de Zootecnia (2011) - 10 trabalhos;

- VII Congresso Nordestino de Produção Animal (2012) - 11 trabalhos;
- XXII Congresso Brasileiro de Zootecnia (2012) - quatro trabalhos;
- XXIII Congresso Brasileiro de Zootecnia (2013) - dois trabalhos;
- XIII Encontro de Educação Musical (2020) - um trabalho.

### **Evento Internacional:**

- XXII Reunião Latino-americana de Produção Animal (2011) - 28 trabalhos.

### **Capítulo de livro:**

- Ser mãe e ser criança no contexto da Pandemia: relato de experiência.  
*In:* Maria Margarita Villegas (Org.). Testemunhas da Pandemia (2021).  
Esse capítulo foi um marco na minha vida acadêmica, pois trata-se de uma narrativa (auto) biográfica em que tive que me desconstruir de muitas teorias para escrever sobre mim, principalmente, em um momento tão delicado.

### **Iniciação Científica:**

- Voluntária no projeto de pesquisa “Características e concepções de cursos técnicos em Música” (2019/2020);
  - Bolsista PIBIC/UERN no projeto “Ensino e aprendizagem de violão: uma revisão das revistas indexadas e eventos nacionais” (2020/2021);
  - Bolsista PIBIC/UERN no projeto “Características e concepções de Cursos de Licenciatura em Música na Região Nordeste - Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Ceará” (2021/2022) – em andamento.
- Projetos de Extensão:
- Voluntária no projeto “Gerenciamento e transferência de tecnologia em sistemas de produção leiteira no Rio Grande do Norte” (2010);
  - Bolsista no projeto “Diagnóstico da bovinocultura leiteira no município de Apodi – RN: aspectos técnicos e econômicos” (2011);
  - Bolsista de Extensão no projeto “Capacitação tecnológica em pequenas propriedades de bacias leiteiras do Rio Grande do Norte” (2012);
  - Monitora no projeto “Curso Livre de Violão” (2019).

Foi a partir do último projeto apresentado que fiz minha primeira publicação na área da Música, intitulada “Implementação das novas diretrizes da extensão universitária no Curso de Licenciatura em Música da UERN: um relato de experiência no Curso Livre de Violão”, sob orientação do Prof. Dr. Renan Simões.

### **Considerações finais**

A elaboração deste registro me deu oportunidade de voltar a olhar para minha história pessoal e profissional, e perceber claramente quantas pessoas foram importantes nessa caminhada. Segundo Ferreira (2017), a atuação do professor está relacionada à essência do sujeito carregado de valores construídos antes do ingresso na carreira docente, formação e do exercício da profissão. Hoje, consigo perceber essas influências quando estou ministrando aulas.

Agradeço imensamente a todos os professores e professoras que passaram em minha vida e deixaram um pouco de si, seja pelas aulas ministradas ou simplesmente pela maneira de se relacionar com os alunos.

Quanto às minhas projeções futuras, pretendo continuar estudando, terminar o mestrado, o doutorado, fazendo pesquisa e chegar aonde almejo desde adolescente: lecionar na graduação.

### **Referências**

CRUZ, L. M. A conscientização e o compromisso profissional para a mudança social: reflexões freireanas. **Revista de Estudos em Educação e Diversidade**, v. 1, p. 114–120, 2020.

FERREIRA, L. G. Desenvolvimento profissional e carreira docente: diálogos sobre professores iniciantes. **Acta Scientiarum. Education**, v. 39, n. 1, p. 79–89, 15 dez. 2017.



## NARRATIVA (AUTO) BIOGRÁFICA: REVISITANDO PERCURSOS FORMATIVOS A PARTIR DA EXPERIÊNCIA

Augusta Rafaela Filgueira Alves

### **Introdução**

Esta narrativa (auto) biográfica apresenta um breve entendimento acerca deste tipo de gênero textual, logo em seguida apresento-me trazendo um pouco da minha trajetória até chegar à universidade, concluo essa primeira parte destacando minha atuação profissional. Na segunda parte discorro sobre meu interesse pela docência como campo de formação e atuação profissional, bem como do meu objeto de pesquisa, pretendido para investigação. Na terceira parte, atesto reflexões sobre aspectos da docência e do meu objeto de pesquisa que, de alguma forma, incomodam, inquietam e desafiam. Por fim, exponho como espero contribuir com a educação a partir da minha formação e atuação profissional, assim como a partir da minha pesquisa.

Compreendo a narrativa (auto) biográfica como um texto que discorre sobre a história de vida pessoal e profissional, destacando aspectos que foram marcantes na trajetória de quem a escreve ou narra. Também a percebo como um meio de manter vivo fatos passados. Ou seja, ela se faz como um registro sobre a memória para futuras gerações e/ou estudos investigativos sobre a história de vida. Sobre a narrativa (auto) biográfica, Nóvoa (2001, p. 7-8) ressalta que:

[...] é preciso reconhecer que mesmo os mais impenitentes críticos do gesto (auto) biográfico a ele se consagraram uma ou outra vez. Tudo se decide na consciência do acto. No seu equilíbrio e sensatez. Na aceitação de que a (auto) leitura, mesmo partilhada, não constitui uma verdade mais certa do que as outras leituras. Não se trata de uma mera descrição ou arrumação de factos, mas de um esforço de construção (e de reconstrução) dos itinerários passados. É uma história que nós contamos a nós mesmos e aos outros. O que se diz é tão importante como o que fica por dizer. O como se diz revela uma escolha, sem inocências, do que se quer falar e do que se quer calar.

Compartilhando do mesmo pensamento de Nóvoa (2001), acredito que a narrativa (auto) biográfica é também uma releitura de fatos, mas que vai além disso, se constituindo num processo de construção e de reconstrução de histórias passadas.

### **Quem sou...**

Peço licença para me apresentar e iniciar de fato essa narrativa. Sou Augusta Rafaela Filgueira Alves, nasci em Mossoró – RN, em 10 de maio do ano de 1990. A partir desse momento inicio meu processo de construção e de (re)construção de momentos de outrora. Fui criada pela minha avó paterna numa casa com um quintal enorme, cheio de árvores frutíferas, adorava brincar nas árvores, colher e comer fruta fresca. Esse mesmo quintal foi palco de muitas brincadeiras/esportes, lá reunia as crianças da rua em momentos de pura diversão.

Desde pequena, adorava brincar de escolinha, sempre preferi ser a professora. Na minha formação escolar fui uma aluna calma e tranquila. Na maioria das vezes tirei notas boas, o que sempre foi motivo de orgulho para meus pais que sempre me incentivaram nos estudos. A partir do Ensino Fundamental, anos finais, comecei a tirar notas baixas em matemática devido às más experiências que tive com



alguns professores, com os quais não conseguia assimilar bem o conteúdo (eu e a maioria da turma). O cenário mudou no Ensino Médio com um professor que marcou positivamente minha experiência com a matemática. A partir de suas aulas comecei a ter outro olhar para essa disciplina e, conseqüentemente, minhas notas elevaram. Lembro-me da sua tranquilidade, paciência e domínio para explicar o conteúdo mais de uma vez e de metodologias diferentes para que compreendêssemos bem o conteúdo.

Particpei ativamente das atividades de educação física propostas nas escolas por onde estudei, joguei vôlei, tendo a oportunidade de participar de campeonatos, pratiquei natação, futsal, entre outras. Essas experiências positivas com o esporte foram essenciais para que hoje eu esteja cursando uma segunda licenciatura em Educação Física.

Ao concluir o Ensino Médio, me veio mais fortemente o questionamento sobre qual profissão e curso eu buscaria. Na época, tinha certeza de que seguiria para a área de ciências humanas, tendo em vista minha afinidade com esse campo de conhecimento. Ao revisitar minha caminhada, percebi que há muito tempo eu já tinha essa reposta, foi a partir daí que voltei meu olhar para a Pedagogia. Dessa vez com a visão de uma profissão que eu pretendia exercer.

Dediquei-me aos estudos, obtive êxito no vestibular que prestei na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Ter um curso superior sempre foi um sonho, era como se de fato eu “terminasse” os estudos. Hoje sei que os estudos não terminam, eles devem ser constantes. Na graduação, fui uma aluna dedicada e comprometida, busquei construir o máximo de conhecimento possível. Com os bons professores que tive, encontrei neles um pouco do que gostaria de levar para minha prática, para os professores em que fui de encontro a sua prática, notei como não gostaria de ser como profissional. Todos os professores que passaram no meu processo formativo, foram essenciais na construção do conhecimento e para eu me tornar a professora que sou hoje.

O contato com a prática em sala de aula veio ainda na universidade por meio de estágios supervisionados na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, bem como por meio de um estágio que fiz durante dois anos como professora auxiliar tanto na Educação Infantil como nos anos iniciais na Prefeitura Municipal de Mossoró – RN.

Como professora titular da sala de aula, assumi minha primeira turma em 2015 com a aprovação no concurso público da Prefeitura Municipal de Mossoró – RN, pela qual fui direcionada a trabalhar em uma escola na zona rural, onde atuei numa turma de 3º ano do Ensino Fundamental. O primeiro contato com a sala de aula foi desafiador e ao mesmo tempo proporcionou algumas reflexões.

Hoje, mesmo que em contextos e situações diferentes, a sala de aula continua sendo um espaço que pressupõe desafios e momentos reflexivos. É a partir da reflexão e da autoavaliação que me construo e me reconstruo como professora. Em relação à prática reflexiva, Carvalho (2006, p. 14) destaca que:

A prática pedagógica reflexiva é caracterizada pelo vínculo indissolúvel entre teoria e prática, desaparecendo todas as decorrentes dicotomias; apresenta um elevado grau de atividade consciente, é inquieta, intuitiva e criadora; é pela prática reflexiva que os sujeitos cognoscentes, coletivamente e em comunhão, reconhecem a realidade cognoscível, crítica e aprofundadamente, produzindo nela, e a partir dela, transformações que correspondem aos anseios da comunidade.

Dessa forma, o processo reflexivo é de fundamental relevância, a partir dele podemos encontrar respostas para implementar em nossa prática tornando o processo de ensino e aprendizagem melhor e mais eficaz.

Dialogo agora um pouco sobre meu projeto de pesquisa, proposta investigativa que visou desenvolver na pós-graduação *stricto sensu*. A temática abordada em meu projeto de pesquisa nasceu da experiência que tive na Educação do Campo, bem como do interesse e importância que as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação - TDIC estão

tendo nesse contexto de pandemia, causado pela Covid-19. Quando temos um panorama entre as escolas do campo e da cidade, podemos notar que há um olhar diferenciado. Ainda na licenciatura em Pedagogia, uma disciplina também me chamou atenção para essa temática, foi a disciplina de “Educação Popular: perspectivas freirianias”. A partir dela, notei sua íntima relação com a Educação do Campo e desde então observo a necessidade de reconhecimento e de uma educação que a partir das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação transforme a realidade dos que ali vivem. Suscitar essa discussão, é uma forma de valorizar e reconhecer os direitos dos sujeitos do campo, no que toca à educação.

Retomando a reflexão, direciono-me para à docência. Eu a considero como desafiadora, principalmente no momento que vivemos hoje, o qual é marcado por constantes mudanças e transformações. Na Educação do Campo não seria diferente. Exige-se dos professores uma maior e constante atualização. Lacerda (2011, on-line) comunga dessa perspectiva quando pontua que:

Os novos desafios vêm instigando os profissionais da educação a buscar novos saberes, conhecimentos, metodologias e estratégias de ensino. [...] as mudanças no contexto escolar e social requerem profissionais atualizados e competentes, que estejam preparados para atuar com diferentes problemas.

Esses novos saberes e conhecimentos possibilitarão os professores a desenvolver uma prática mais contextualizada, proporcionando uma aprendizagem significativa para os alunos. Outro aspecto na docência que quero aqui enfatizar refere-se à desvalorização do professor, um profissional que é de fundamental importância em toda sociedade. Ele desenvolve um trabalho nobre e de muita responsabilidade que ainda tem um longo caminho a ser trilhado até chegar de fato a valorização que merece.

Podemos observar essa desvalorização ao ver os resultados da pesquisa da Fundação Victor Civita (FVC) e da Fundação Carlos

Chagas (FCC), os quais apontam que apenas 2% dos estudantes do terceiro ano escolheram a licenciatura em Pedagogia ou algum tipo de licenciatura como primeira opção de carreira. Segundo os dois estudos, o trabalho docente é mal remunerado, a uma crescente falta de respeito dos alunos em relação ao professor, o Estado, muitas vezes, não prioriza a educação e a sociedade, por conseguinte, não valoriza a profissão professor.

A desvalorização se estende também à Educação do Campo que é marcada por uma longa história de lutas e reivindicações na busca por garantia de direitos, reconhecimento e políticas públicas destinadas ao povo camponês, visando a efetivação de uma educação igualitária no campo. Dessa forma, pontuamos a concepção de escola do campo que entendemos para os povos do campo:

Aquela que trabalha os interesses, a política, a cultura e a economia dos diversos grupos de trabalhadores e trabalhadoras do campo, nas suas diversas formas de trabalho e de organização, na sua dimensão de permanente processo, produzindo valores, conhecimentos e tecnologias na perspectiva do desenvolvimento social e econômico igualitário desta população. (FERNANDES; CERIOLI; CALDART, 2004, p. 53)

Compreendê-la é um passo necessário para reconhecer sua importância e quebrar estigmas que comumente cerca a Educação do Campo. Seguimos pontuando outra discussão muito importante e necessária que envolve a docência. Ela diz respeito a ver o professor como detentor do conhecimento e como aquele que não pode errar, essa cobrança acontece com mais veemência em relação aos professores doutores. Embora hoje já se perceba que houve uma diminuição desse pensamento, ainda temos um caminho a percorrer nesse sentido.

A partir da minha atuação como docente na Educação Básica, busco contribuir na construção do conhecimento, propor aprendizagens significativas aos meus alunos, bem como despertar o senso crítico

neles, ser um exemplo positivo e inspirar com minha prática. Com minha pesquisa, espero contribuir na mudança de postura positiva em relação à Educação do Campo. Acredito que os resultados da pesquisa poderão servir como base para futuros estudos, como também será um meio de produzir conhecimentos.

### Considerações finais

As reflexões contidas neste texto não se encerram aqui, daremos uma pausa e em breve retomarei sua construção, pois compreendo que viver significa estar em processo permanente de construção, reconstrução, significação e ressignificação. A construção dessa narrativa permitiu revisitar conhecimentos, momentos, histórias e pessoas que foram e são importantes na minha trajetória e que as guardo com muito afeto.

Em breve retomarei essa construção, certa de que os escritos aqui foram apenas o início de uma longa caminhada que terei pela frente. Com certeza ao retomar esse revisitar, trarei novas histórias, novas experiências com uma perspectiva a partir das vivências que tive nessa jornada.

### Referências

CARVALHO, M. A. A prática docente: subsídios para uma análise crítica. *In*: MENDES SOBRINHO, José Augusto de Carvalho; CARVALHO, Marlene Araújo de (Org.). **Formação de professores e práticas docentes: olhares contemporâneos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 11- 30.

FERNANDES, B. M.; CERIOLI, P. R.; CALDART, R. S. “Primeira Conferência Nacional ‘Por uma educação básica do campo’: texto preparatório”. *In*: ARROYO, M. G.; CALDART, R. S.; MOLINA, M. C. **Por uma educação do campo**. Petrópolis: Vozes, 2004.

LACERDA, C. C. **Problemas de aprendizagem no contexto escolar: dúvidas ou desafios?** Disponível em: <http://www.psicopedagogia.com.br/index.php/941-problemas-de-aprendizagem-no-contexto-escolar-duvidas-ou-desafios>. Acesso em: 26 nov. 2021.

NÓVOA, A. Prefácio. In: ABRAHÃO, M.H.M.B. (Org.). **História e Histórias de Vida** - destacados educadores fazem a história da educação rio-grandense. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. p. 7-12.

RATIER, R.; SALLA, F. **Por que a docência não atrai**. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/7157/por-que-a-docencia-nao-atrai>. Acesso em: 26 nov. 2021.

## DOCÊNCIA E ARTE – À GUIA DE CONCLUSÃO

Docentes e Discentes da Disciplina Didática do Ensino Superior

Finalizar este texto nos traz a responsabilidade de registrar, na condição de mestrandos e mestrandas, bem como de professores, uma das marcas de nossos encontros na disciplina de Didática do Ensino Superior no POSENSINO/UERN/UFERSA/IFRN no semestre acadêmico 2021.2. Por meio dos encontros, produzimos saberes, mas, sobretudo, vivemos a leveza e exploramos a dimensão estética e poética que a profissão professor e a docência exigem. Desse modo, concluímos este livro... com arte...

### **Didática do Ensino Superior**

*Sejam bem-vindos, caros mestrandos  
A este espaço de louvor,  
Para início da disciplina “Didática do Ensino Superior”  
Sob a regência do prof. Emerson e também do prof. Osmar Hélio,  
De uma coisa tenho certeza:  
Conhecimento não vai faltar.*

*Somos convidados a refletir,  
Considerar, criticar ou refutar,  
Na perspectiva de construir*

*Bons conceitos e aprimorar  
Um conjunto de ponderações,  
Discursos, posturas, razões...  
Para uma base científica formar.*

*Neste anseio de contribuir,  
Sobre a “Universidade” devemos pensar,  
A reflexão deve incluir a “formação com o estudante”, que é basilar,  
No exercício da taxonomia,  
Toda “pesquisa” é o que nos guia,  
Para a ciência se concretizar.*

*Para a “Docência do Ensino Superior”  
É preciso investir  
Na “Formação do Professor”  
Para que se possa construir  
Uma prática com convicção  
Aliada à mobilização  
Da capacidade de refletir.*

*Prática e teoria  
Mantém estreita relação.  
Elas não devem ser sobrepostas,  
E sim, mantidas em comunhão,  
Valorizando o conceito,  
Mas também mostrando jeito  
É o caminho da formação.*

*Dedicamos aos nobres colegas,  
Uma calorosa saudação,  
Ao Anderson, à Socorro e à Missola  
À Rafaela, à Fernanda,  
À Jane, à Ana Paula e à Thrycia  
Nosso afeto e consideração.*



*Ao Johnny, ao José e ao Joás,  
“Aquele abraço” como Jorge Ben diz,  
Que estendemos ao Roberto, ao Antônio,  
Ao Geovani e ao Assis,  
Aos quais também queremos saudar  
Com alegria poder partilhar  
Esse reencontro feliz.*

*A Educação pede urgência  
Para a nossa capacidade de pensar,  
De desenvolver competência  
E habilidade para transformar,  
De visualizar oportunidades,  
Com ética, sabedoria e serenidade  
É preciso revolucionar.*

*Agradecemos a atenção,  
Que a nós foi dispensada,  
Com grande admiração,  
A esta turma estimada,  
Finalizamos a breve acolhida  
Para esta gente aguerrida,  
Parceira de caminhada.*

**Autoria: Jeane Noronha** – Coordenadora da Crede 15- CE.

## **A Dor e a Delícia de lecionar**

*Uma questão move a humanidade  
E toda criança é convidada a responder  
De norte a sul, de leste a oeste  
Querem saber com sinceridade:  
O que você vai ser quando crescer?*

*Médico, advogado, engenheiro,  
Astronauta, cientista, empresário  
É profissão que não acaba mais  
Tem curso até pra cozinheiro  
E tudo culpa do professor universitário*

*Na universidade buscamos uma formação  
Pública, gratuita e de qualidade  
Essas características são fundamentais  
Ensino, pesquisa e extensão  
Trazendo muita oportunidade*

*A docência vai além de uma aula dar  
A docência no ensino superior não fica atrás  
Exige dedicação, esforço, preparo  
É um tal de estudar, estudar e estudar  
Uma formação que não se acaba mais*

*E eu escolhi isso pra mim  
Dar aula na universidade  
Eu só possa tá ficando é doida  
Vou trabalhar bem “poquim”  
Há quem diga que é uma insanidade*

*E o cenário atual não tá bom pro professor não  
O governo não manda dinheiro pra pesquisar  
O professor ganha pouco, trabalha muito  
Quase não tem tempo pra investir na sua formação  
Ensinar, pesquisar, aprender num dá nem pra descansar*

*Nesse governo destrambelhado, do capitalismo neoliberal  
Somos convocados a preservar nossa universidade  
A educação superior deve ser para todos, todas e todes  
Buscar igualar a sociedade desigual  
Pois o que tá em jogo é a nossa liberdade*

*A terra plana não gira, ela capota  
E não resolve trocar feijão por um fuzil  
Educação é coisa séria  
Nossa universidade não pode virar chacota  
Devemos lutar pelo futuro do Brasil*

***Autoria: Thrycia Viviane Gadelha Macena Oliveira*** – Mestranda do  
*POSENSINO/UERN/UFERSA/IFRN.*



## SOBRE OS(AS) AUTORES(AS)

***Alberto Assis Magalhães*** – Professor da Faculdade Nova Esperança de Mossoró (FACENE/RN). Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Ensino (POSENSINO/UERN/UFERSA/IFRN).

***Ana Paula Bonini dos Santos*** – Especialista em Educação Especial. Licenciada em Pedagogia pelo Centro Universitário da Grande Dourados (UNIGRAN).

***Antonio Anderson Brito do Nascimento*** – Especialista em Educação e Contemporaneidade pelo IFRN. Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Ensino (POSENSINO/UERN/UFERSA/IFRN).

***Argentina Mororó Castro*** – Professora da Rede Municipal de IPU/CE e da Rede Estadual do Ceará. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ensino (POSENSINO/UERN/UFERSA/IFRN).

***Augusta Rafaela Filgueira Alves*** – Professora na Prefeitura Municipal de Mossoró (PMM). Pós-Graduada em Educação e Contemporaneidade (IFRN) e em Educação Física Escolar (Anhanguera).

***Danielle Taumaturgo Dias Soares*** – Servidora da Rede Estadual do Ceará. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ensino (POSENSINO/UERN/UFERSA/IFRN).

***Emerson Augusto de Medeiros*** – Professor Adjunto da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). Doutor em Educação. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Formação Docente (GEFOR/UFERSA).

***Geraldo Geovani Santos da Silva*** – Graduado em Ciências Biológicas pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Especialista em Supervisão e Orientação Educacional pela Faculdade Integrada de Patos (FIP).

***Janicleide Tavares de Carvalho*** – Professora da Rede Estadual de Educação do Rio Grande do Norte. Especialista em Literatura e Ensino pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN).

***Joás Ferreira de Andrade*** - Servidor Público do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte e da Rede Estadual do Rio Grande do Norte (SEEC/RN). Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Ensino (POSENSINO/UERN/UFERSA/IFRN).

***Larissa Mirelle de Souza Paiva*** – Licenciada em Letras – Inglês pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ensino (POSENSINO/UERN/UFERSA/IFRN).

***Maria do Socorro Nogueira de Paula*** – Professora da Rede Estadual de Educação do Ceará. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ensino (POSENSINO/UERN/UFERSA/IFRN).

***Míssola Arezza Bezerra da Costa Lorena*** – Professora da Rede Municipal de Mosoró (PMM) e da Rede Estadual do Rio Grande do Norte (SEEC/RN). Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ensino (POSENSINO/UERN/UFERSA/IFRN).

***Osmar Hélio Araújo*** – Professor Adjunto da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Doutor em Educação. Coordenador do Grupo de Pesquisa Laboratório de Práticas, Estudos e Pesquisas em Formação de Professores – Universidade e Escolas de Educação Básica (LACONEX@O/UFPB).

***Roberto Rufino Freire*** – Professor da Rede Municipal de Educação de Beberibe, Ceará. Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Ensino (POSENSINO/UERN/UFERSA/IFRN).

***Thrycia Viviane Gadelha Macena Oliveira*** – Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ensino (POSENSINO/UERN/UFERSA/IFRN). Especialista em Gestão de Pessoas. Graduanda em Música (UERN).



